Diário de Lisboa

Julho 1977
Sexta-feira
1
N.º 19 392
ANO 57.º
6 escudos

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Na sequência dos incidentes ontem no Funchal

EANES OBRIGOU PSP A ACTUAR

FUNCHAL, 1 — (por Manuel Geraldo, enviado especial do Diário de Lisboa). «É tempo de pôr de parte as fantasias dos mercadores de sonhos políticos», afirmou o Presidente da República, general Ramalho Eanes, ao falar ontem à tarde na sessão de encerramento do 1.º Congresso dos Emigrantes Madeirenses, Madeirem — 77, que sob o patrocínio do Governo Regional decorreu durante quatro dias no Salão de Congressos do Casino da Madeira.

A referência do general Ramalho Eanes apontava directamente para «os mercadores» dos sonhos separatistas, que em número de escassas centenas o haviam aguardado no Aeroporto de Santa Catarina aos gritos de «Madeira é a minha pátria». Aliás as primeiras horas da presença do general Ramalho Eanes, no início da sua visita de dois dias a esta região autónoma iria ser marcada por novo incidente, quando jovens separatistas, que se encontravam na varanda do café «Golden Gate», nas proximidades do Palácio do Governo, desfraldaram em atitude provocatória duas bandeiras da Flama, ao mesmo tempo que lançavam sobre a comitiva presidencial uma pequena nuvem de panfletos com as inscrições «Flama — Madeira é a minha pátria», e gritavam como palavras de ordem «Independência já», «Fora com os cubanos». Este último termo é a designação que os separatistas aplicam, com sentido pejorativo, aos continentais.

Ramalho Eanes, que seguia então a pé, de costas para a estátua de Gonçalves Zarco ordenou, acto contínuo, ao comandante da PSP do Funchal, major Gil Nunes, que cercasse o edifício.

São hoje presentes ao juiz de instrução criminal os jovens ontem detidos no Funchal, no decurso de uma operação policial de imediato exigida pelo Presidente da República, na sequência das manifestações separatistas. Na foto vemos dois dos detidos quando eram conduzidos numa carrinha da Polícia Militar

A acção policial que se seguiu ocasionou a detenção de 12 jovens que, confrme a nossa reportagem apurou mais tarde, junto do comissário Barbosa, depois de identificados no comando da PSP foram libertados, já de madrugada, e vão ser hoje apresentados ao juiz de instrução criminal

Seis deles tinham estado envolvidos nos incidentes registados no Aeroporto de Santa Catarina quando tentavam libertar-se de uma enorme bandeira da Flama, para além de estarem a distribuir exemplares dos panfletos a que já fizemos referência.

Do interior do «Golden Gate», sairia, entretanto, sob os apupos de vários populares que chegaram mesmo a empurrá-lo, o «leader» do PSD da Madeira, Alberto João Jardim.

Apurámos também que, a partir daquele café, habitualmente frequentado pelos «meninos bem» afectos ao separatismo (dito clandestino mas bem visível à luz do dia) já foram tomadas em ocasiões anteriores atitudes de agressividade verbal contra Octávio Pato, Mário Soares e o próprio general Ramalho Eanes, quando aqui se deslocou para presidir à inauguração solene da Assembleia Regional.

Entretanto, na sequência dos incidentes, outro grupo de jovens, conhecidos pelas suas ideias progressistas, ofereceu-se para colaborar na segurança do Presidente.

UM CONGRESSO COM POUCO ÊXITO

Seria lastimável, que, em nome de mal compreendida autonomia florescesse entre portugueses uma visão utópica das potencialidades regionais», teria oportunidade de afirmar o general Ramalho Eanes perante cerca de três centenas de congressistas que, num desabafo feito aos jornalistas, no intervalo da sessão, pelo próprio Alberto João Jardim, não raro se teriam mostrado agressivos para com os or-

Continua na pág. 20

O primeiro-secretário do PSOE num «meeting» ao ar livre

Felipe González falou ao "DL"

Alguns dias depois das eleições espanholas, Felipe González, primeiro-secretário do Partido Socialista Obrero Español, concedeu uma longa entrevista ao enviado especial do «DL» na qual analisa todo o contexto político, económico e social da Espanha na hora decisiva da democratização e da derrota inequívoca dos nostálgicos do franquismo, reduzidos a uma minoria isolada do povo espanhol. Sobre as relações entre os dois países da Península Ibérica Felipe González considera que «Portugal e Espanha estão afortunadamente condenados e entender-se» porque compartilham muitas coisas juntos.

(Centrais)

O secretário-executivo da Conferência quando falava ao nosso jornal

Silas Cerqueira faz balanço da Conferência Anti-"Apartheid"

(Pág. 3)

NO INTERIOR DO PS, ENVOLVENDO MILITANTES

Campanha contra Fraternidade Operária

Várias organizações distritais e locais do Partido Socialista, com relevo para as de Beja, Évora, Montemor-o-Novo e Setúbal, emitiram comunicados de ataque à «Fraternidade Operária» e a Lopes Cardoso, a propósito da recente realização, em Lisboa, do encontro nacional daquela associação de cultura socialista.

Tais comunicados, que parecem rever - pela linguagem e tom - numa concertada campanha contra Lopes Cardoso e outros militantes socialistas, integrados na Fraternidade Operária (ao nível da «caça às bruxas») surgem na sequência do comunicado da FAUL (Federação da Área Urbana de Lisboa) do PS, conhecida pelas suas posições extremamente conservadoras.

A Federação de Beja, distrito por onde Lopes Cardoso foi eleito deputado, vai mais longe no seu comunicado e entende que «a traição está consumada! Nós repudiamos a permanência de Lopes Cardoso como deputado do PS por Beja». Mais adiante, são tecidos elogios e apoios ao ministro António Barreto, responsável por nova proposta de legislação sobre a Reforma Agrária e que está já a merecer o repúdio dos trabalhadores rurais e pequenos e médios agricultores.

A Federação de Setúbal, na mesma senda, adianta: «Esses fraternos operários não devem continuar no PS nem mais um minuto, sejam quais forem as consequências». A Federação de Évora lança um «alerta» aos militantes do PS e população do Alto Alentejo para a «gravidade da formação dos movimentos MIRN e Fraternidade

Continua na pág. 20

Neto quer reforçar cooperação com Portugal

«Os recentes acontecimentos de Angola em nada modificaram a orientação do MPLA e do Governo angolano em relação a Portugal», declara o presidente Agostinho Neto em resposta à mensagem que o general Ramalho Eanes, seu homólogo português, lhe enviara, felicitando-o pelo malogro do golpe de Estado de 27 de Maio passado. A mensagem de Neto foi trazida pelo major Fonseca de Almeida, enviado especial de Ramalho Eanes.

O chefe de Estado angolano acrescentou na sua mensagem que o seu país espera reforçar e alargar a cooperação bilateral entre os dois países.

A troca de mensagens entre os dois estadistas não deixa de ter um significado positivo no caminho do desbloqueamento que sob a égide do Presidente da República tem estado a ser tentado, em Contraste com uma certa inacção, quando não hostilidade, de certos elementos do Governo. O mesmo acontece, aliás, nas relações com os outros Estados emergentes da luta de libertação em que tem sido notória, nos últimos tempos, a intervenção presidencial a dinamizar a acção governativa.

O próprio Presidente da República já ontem dera na Madeira uma certa achega para

Continua na pág. 20

Governo justifica-se perante alta do custo de vida

O Ministério do Comércio e Turismo emitiu uma nota relativamente às críticas que têm sido feitas por vários sectores da opinião pública comentando a alta do custo de vida. «É indiscutível ter o nível geral de preços da alimentação aumentado 24 por cento entre Janeiro e Maio de 1977. Este aumento — e não está provado que não tivesse sido maior se fossem outros os governantes — tem reflexos negativos sobre o poder de compra dos estratos da população mais desfavorecidos», afirma a nota do Ministério.

Referindo em seguida o escamotear, nos últimos três meses, da «desaceleração acentuada da inflação» a referida nota informa que no domínio da alimentação «o nível geral dos preços experimentou apenas uma muito ligeira subida de Abril para Maio de 1977 (1,4 pontos, ou seja, cerca de 1 por centro), enquanto no vestuário e calçado o índice respectivo se manteve a nível idêntico».

A nota sublinha ainda que a subida mais substancial foi consequência de ajustamentos verificados nos primeiros meses deste ano, «após o que se seguiu um período — justamente o que estamos atravessando — de relativa estabilidade, e até em alguns produtos importantes na dieta alimentar dos portugueses, de nítida baixa».

A carne, miudezas, salsicharia e animais de capoeira que registaram altas de preços sensíveis «manifestam tendência para estabilizar ou revelam até sensíveis baixas», informa ainda a nota que generaliza esta tendência ao peixe, ovos e legumes.

Quanto às especulações no domínio da fruta fresca, a nota acrescenta que «uma solução parcial do problema consistirá na próxima submissão do preço de venda ao público de algumas espécies de fruta ao regime de preços máximos», o que se verificará muito em breve.

PREVISÃO DO ANO AGRÍCOLA

Más condições climatéricas explicam quebra na fruta

..Dados contidos na folha de Maio do Instituto Nacional de Estatística sobre o estado das culturas e previsão das colheitas revelam que se verifica um aumento sensível da área destinada às quatro culturas de tomate e milho de sequeiro, num esforço de aproveitamento de parte das terras que ficaram por semear no Outono e Inverno devido às condições climatéricas desfavoráveis que se verificaram e que impediram de um modo geral as sementeiras.

No caso do tomatte, no distrito de Beja regista-se mais 100 por cento da área semeada no ano passado, e mais 30 por cento nos distritos de Évora e de Setúbal. Quanto ao milho de sequeiro, Beja e Évora registam um aumento de 20 por cento da área semeada relativamente ao ano passado.

Nas culturas de trigo, centeio, aveia e cevada prevê-se que as produções sejam inferiores à campanha do ano passado respectivamente em 58, 32, 54 e 56 por cento. Nas culturas de feijão de sequeiro verificam-se quebras de 4 e 11 por cento em relação ao ano passado e à média do último decénio.

Na cultura do arroz verifica-se um aumento de 49 por cento em relação à área semeada em 1976, e um decréscimo de 9 por cento quanto à média do último decénio, destacando-se os efeitos favoráveis das abundantes chuvas que caíram.

As produções de cereja e figo do Verão registam quebras de 28 e 10 por cento, respectivamente. A produção de uva registará quebras da ordem dos 10 por cento.

Como resultado do ano agrícola excepcionalmente mau a Junta Nacional das Frutas prevê que a produção de pêssego sofra uma baixa de 80 por cento, a da pêra 50 por cento, a da ameixa 40 por cento e da maçã 30 por cento.

EMPRESA GRÁFICA

ADMITE :

COSTUREIRA OFICIAL (Encadernação)

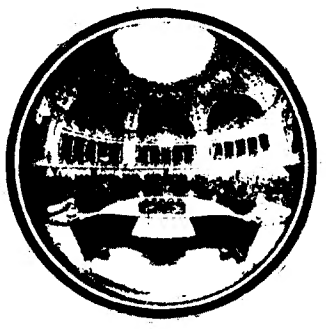
OFERECE :

— Vencimento mensal — 6.500$00
— Regalias Sociais — férias, subsídio e 13.º mês proporcinais ao tempo de serviço prestado
— Situação estável

EXIGE :

— Referências pessoais e profissionais
— Conhecimentos vastos no domínio da sua arte
— Dinamismo, adaptação e qualidades metódicas que conduzam a bom rendimento na produção

As respostas, com «curriculum» profissional devem ser enviadas a este Jornal ao n.º 1928.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Aprovada na generalidade proposta de revisão do Orçamento Geral do Estado

. Com três votos contra (UDP e dois independentes) e as abstenções globais do CDS, PSD e PCP, foi aprovada na generalidade, por maioria (votação isolada PS), a proposta de lei governamental de revisão do Orçamento Geral do Estado apresentada ontem à Assembleia da República. Andava pela 1 hora da madrugada.

Havia uma certa expectativa quanto à disposição da chamada «convergência democrática» (PSD-CDS), frente àquela proposta de lei e aos aspectos importantes nela englobados. Pensou-se, durante as muitas horas de debate, que a coligação CDS-PSD iria pura e simplesmente votar contra. Mas no último momento, a **viragem sibilina** surgiu: apenas se abstiveram, dando à sua actuação um ar de sorriso cínico.

Medina Carreira, o ministro das Finanças, defendeu-se mal e defendeu mal a sua proposta de revisão. Nem sequer reparou que nas discussões preliminares, Amaro da Costa, muito habilmente, sem pretender chegar a parte nenhuma no que diz respeito a dúvidas e pedidos de esclarecimento, levava a água ao seu moinho por uma via transversal: procurando (e conseguindo-o em parte) que o tempo de que dispunha o representante do Governo, lhe escorresse por entre palavras vãs e subterfúgios simplistas, sem proveito nem abono no que ao próprio ministro interessava.

Acertadamente, pode inferir-se pela votação final, que este proposta de revisão não tem **as simpatias** do plenário da AR. Por outro lado, a facilidade com que foi atacada a exposição de Medina Carreira e a pouca clareza das respostas por parte dos seus defensores (Manuel Moura, do PS, por exemplo, caiu em justificações enroladas, logo perturbado pelo vigor e rigor de Vital Moreira do PCP), levam à suspeita de que nem o próprio Governo acredita na sua eficácia.

De resto, seria o PCP quem levantaria a questão da eliminação, por inconstitucionalidade, do artigo 5.º do texto da proposta, o qual, segundo as críticas então consumadas, «pode abrir graves procedentes no funcionamento democrático da Assembleia da República».

Veiga de Oliveira (PCP), numa intervenção objectiva, faria severos reparos ao corpo da proposta, afirmando entre outras coisas:

. «Quando em Dezembro passado o nosso grupo parlamentar se absteve na votação fê-lo por algumas razões fundamentais que importa agora relembrar...

«Em primeiro lugar o que estava em causa com a votação da Lei do Orçamento eta também na altura, a possibilidade de abrir uma crise política sem perspectivas de solução claramente visíveis, era portanto, também, a estabilidade das instituições democráticas.

«Em segundo lugar, apareceu o Governo do PS com propósitos de diálogo que a serem cumpridos teriam corrigido pelo menos em parte as tendências preocupantes que a sua actuação comportava.»

. «O Governo do PS aceitava garantir a contenção dos preços dos produtos constantes do 'Cabaz de Compras' e sarisfazer os direitos dos trabalhadores na situação de desemprego a níveis adequados.

«Ora, o que se veio a verificar é que o Governo não só não cumpriu a promessa de informar trimestralmente este órgão de soberania em matéria de empréstimos, como vem persistindo no seu recurso sistemático, sem esclarecimento público das

Veiga de Oliveira

condições financeiras e políticas a que se obriga. Na verdade o povo português ainda hoje não conhece a 'carta de intenções' enviada pelo Governo Português ao FMI nem as condições a que se submeteu na recente reunião em Paris.»

. Mais adiante, frisou Veiga de Oliveira:

. «E quanto à contenção dos preçoss a vida fala por si. O 'Cabaz de Compras' não só saiu no prazo a que o Governo se obrigou como nos apareceu vazio e sem qualquer significado. Assim, a desvalorização do escudo, a liberalização dos preços, e o congelamento da contratação colectiva estão a provocar uma descida constante dos salários reais que é possível possam sofrer uma quebra em 1977 superior a 30 por cento. Por outro lado a parte dos trabalhadores no RN que já desceu para 56,2 por cento em 1976 vai conhecer em 1977 uma nova baixa substancial. Quanto ao desemprego os números falam por si. O número de desempregados à procura do primeiro emprego passou de 141 000 em 1975 (fim do ano) para 200 000 em 1976, tendo-se este número agravado no primeiro semestre deste ano segundo os dados oficiais.

«Quanto à Lei das Finanças Municipais o Governo também mais uma vez não cumpriu.

«Todos estes factos mostram o fracasso da política de recuperação capitalista exigida como pretensa política de recuperação económica.

«Nem se diga que em face da situação concreta que vivemos no nosso país e das implicações internacionais a que, como todos, estamos sujeitos, não seria possível ao Governo adoptar outra política.»

A iniciar o debate, Amaro da Costa (CDS), referindo-se à exposição feita pelo ministro Medina Carreira, alongou-se num pedido de esclarecimento que era em si já uma crítica acerba (por vezes tocada pela ironia), sobre «a reduzida taxa de execução financeira do Plano, com reflexos certamente negativos na execução física do mesmo», ao mesmo tempo que colocava sérias dúvidas no respeitante à distribuição sectorial dos aumentos de despesas da administração do Estado.

Macedo Pereira (CDS) inquiriria a dado momento: «Será agora que o sr. ministro das Finanças nos vai dar indicações precisas acerca dos empréstimos forçados?»

. Medina Carreira tentou semear o optimismo, afirmando que se dera um aumento das receitas e um decréscimo das despesas. Mas lá estava Amaro da Costa a colocar a questão: isso de maneira nenhuma queria dizer que as receitas possam ser superiores às despesas.

Após a votação, o PCP apresentou uma declaração de voto fundamentada nas mesmas razões que levaram os deputados comunistas a abster-se na votação da lei 11/76. Essa declaração teve o seguinte teor:

. «Com efeito, as linhas gerais da revisão do Orçamento aqui presente correspondem às então apresentadas a esta Assembleia. A nossa oposição a alguns dos dispositivos da proposta, nomeadamente os contidos no Art.º 5.º, encontrarão melhor solução aquando da discussão na especialidade. Por outro lado, as críticas e sérias reservas que levantámos durante a discussão devem-se sobretudo ao **não cumprimento** da Lei por parte do Governo.

O nosso voto de abstenção tem pois o sentido de evidenciar a **permanência das nossas preocupações e a nossa oposição a muitos dos aspectos da política financeira do Governo.**»

. Quando chegou a vez de Acácio Barreiros fazer a sua declaração de voto e ao ser informado pelo presidente da AR que não tinha mais de dois minutos e 45 segundos para intervir, o deputado pela UDP teve este desabafo: «Mau preságio, para esta Revisão Orçamental que até para votar nos obriga a apertar o cinto.»

. Aprovada é certo, a proposta de Revisão que baixará às Comissões para ser discutida na especialidade com a promessa do PCP de se deter nesta discussão por uma maior coerência e eficácia da lei, não obteve a confiança da AR. Pelo contrário: parece ter ficado provado que a política orçamental do Governo continua a não se mostrar como um instrumento positivo.

UMA RECTIFICAÇÃO

Por lapso, no nosso relato de ontem sobre a aprovação da lei da greve, afirmou-se que o PSD-CDS tinham votado contra, quando na realidade se abstiveram. A verdade acima de tudo. A «Convergência Democrática» (ao que parece agora menos convergência) não deixou de dar a bofetada. Talvez a desse sem mãos, como soi, dizer-se, mas ela ecoou forte no plenário, para não deixar dúvidas a ninguém e muito menos ao Governo.

J.S.

Noticiário breve

ENTREGA DE CREDENCIAIS

O dr. Francisco Ramos da Costa fez a entrega das cartas que o acreditam como representante de Portugal na Dinamarca, à rainha Margarida, soberana daquele país. O dr. Ramos da Costa exercera anteriormente as mesmas funções em Belgrado.

AUDIÊNCIAS EM S. BENTO

A agenda de audiências do Primeiro-Ministro para hoje «abre» com uma entrevista com uma missão oficial brasileira que se encontra em Lisboa, chefiada pelo embaixador Paulo Tarso de Lima, e encerra com mais uma audiência a representantes da «Carta Aberta». Entre as duas, Mário Soares avistar-se-á com cerca de três dezenas de havainos descendentes de portugueses e com os representantes da direcção da revista «Economia».

MINISTRO REGRESSA

O ministro do Plano e Coordenação Económica, Sousa Gomes, regressa ao fim da tarde a Lisboa, depois de ter participado na reunião do Conselho de Ministros da OCDE, em Paris, e no VI Encontro da Comissão Luso-Norueguesa, em Oslo.

O PPM E O MIRN

A nova «convergência», esta do general na reserva Kaúlza de Arriaga, parece condenada ao fracasso total: depois do CDS a rejeitar, também o PPM se demarca. Este último, em esclarecimento do seu Directório, diz que, «perante as declarações públicas do sr. general Kaúlza de Arriaga em que se sugere a criação de uma frente anti-marxista entre o CDS, PSD», o PPM «não está, nem nunca esteve, interessado em participar em qualquer frente de carácter ideológico».

«DEMOCRATAS DE QUELUZ»

Para debate de seis meses de Poder Local, a lista unitária «Democrata de Queluz», que obteve o segundo lugar nas eleições de Dezembro do ano passado, promove hoje uma assembleia da organização que decorrerá a partir das 21,30 horas na sala de reuniões do MDP/CDE daquela vila.

Conferência Económica do PCP em debate

. . Orientado por Avelãs Nunes, Ezequiel Vicente, Leitão Marques, Júlio Mota, Fernando Correia, Carlos Amorim e Joaquim Feio, terá lugar esta noite, pelas 21 e 30, no Teatro de Letras da Universidade de Coimbra, um colóquio sobre a Conferência Económica do PCP, realizada há cerca de um mês em Lisboa. O colóquio é promovido pela organização de professores daquele partido.

Também em Almada, e por iniciativa da respectiva comissão concelhia, terá lugar esta noite, pelas 21 e 30, na Incrível Almadense, um comício dedicado às conclusões da Conferência Económica.

SILAS CERQUEIRA FAZ BALANÇO DA CONFERÊNCIA ANTI-"APARTHEID"

"Uma luta de libertação nacional"

ENTREVISTA CONDUZIDA POR PEDRO ALVIM

«Embora ainda seja cedo para um balanço completo da Conferência contra o «Apartheid», podemos desde já ter em conta quatro aspectos da Conferência e das suas repercussões:

O plano internacional, a plataforma política, questões de organização e continuidade de acção e, finalmente, a inserção desta iniciativa na situação política nacional.

Plano Internacional: a Conferência foi reconhecida como um acontecimento político de relevo, caracterizado pela representatividade, amplitude e unidade dos participantes. Isto é de salientar em primeiro lugar em relação às delegações africanas, e, em particular, no que diz respeito aos Movimentos de Libertação da África Austral. Pela primeira vez na Europa se encontraram sentados à volta da mesma mesa os quatro principais dirigentes dos Movimentos de Libertação (Oliver Tambo, presidente da ANC da África do Sul; Sam Nujoma, presidente da SWAPO, Namíbia; e Joshua Nkomo e Robert Mugabe, co-presidentes da Frente Patriótica do Zimbabwé). Isto aconteceu em Lisboa. Mesmo em África não acontece muitas vezes...»

«Porquê em Lisboa...? Concretamente, porquê em Lisboa...?»

«Várias razões conduziram a isso. Por um lado, o povo português, as forças democráticas e os oficiais que fizeram o «25 de Abril» dispõem de um largo capital de simpatia em África, nem sempre convenientemente aproveitado; por outro lado, a Conferência, dirigindo-se embora à opinião pública mundial, pretendia sensibilizar em especial a opinião pública da Europa Ocidental. Lisboa foi considerada pelos próprios Movimentos de Libertação uma capital particularmente indicada para esse efeito. Creio que não se enganaram, pois pela Conferência passaram perto de trezentos jornalistas nacionais e estrangeiros... Finalmente, houve da nossa parte, como organizadores da Conferência, uma acção deliberada e persistente no sentido de trazer à Conferência e ao nosso País os presidentes dos Movimentos de Libertação. Por essa razão nos deslocámos mais do que uma vez a Luanda e ao Maputo — e outras diligências fizemos. Factor significativo: a importância da participação africana não teria sido possível sem uma cooperação estreita com Angola, Moçambique e Guiné-Bissau — e sem o apoio dos presidentes Agostinho Neto, Samora Machel e do ministro Vasco Cabral.»

PRESSÕES... E PRESSÕES

«Outros chefes de Estados africanos apoiaram a Conferência...?»

«Ao todo recebemos vinte e oito ou vinte e nove mensagens de Chefes de Estado e de Governo, dirigidas à Conferência, o que reputo de excepcional, uma vez que não se tratava de um encontro governamental.»

«Houve alguma mensagem oficial portuguesa à Conferência...?

«Não. A maioria das mensagens oficiais vieram de África e em primeiro lugar de todos os países africanos de expressão portuguesa. Além dos já citados, enviaram-nos mensagens os presidentes Luis Cabral, Aristides Pereira e Pinto da Costa. Recebemos também mensagens de todos os Chefes de Estado da «linha da frente» (Tanzânia, Zambia e Botswana). Mas não só a África revolucionária exprimiu o seu apoio a esta grande manifestação internacional contra o «Apartheid». Outros países, outros presidentes, nos enviaram calorosas saudações. Por exemplo: Leopold Senghor, do Senegal; Anouar Sadat, do Egipto; Olesegun Obassanjo, da Nigéria; etc.»

«E a participação europeia...?»

«A Europa foi o continente que apresentou participação mais numerosa e diversificada. Particularmente os países ocidentais estiveram representados através de 130 delegados de 20 países. Por outro lado, oito países socialistas da Europa tiveram 27 delegados na Conferência. Recebemos ainda várias mensagens de chefes de Estado ou de Governo dos países socialistas e ainda do primeiro-ministro sueco e do primeiro-ministro norueguês, bem como de países árabes.

«Um momento... Não acha que é contraditório declarar-se que não se cederia a pressões no que diz respeito ao estabelecimento de relações diplomáticas a nível de Embaixada com Israel e ao mesmo tempo mostrar tanto receio das pressões da África do Sul a propósito da realização em Lisboa da Conferência contra o «Apartheid»...?»

«Não me compete responder a essa pergunta, mas direi que a contradição é talvez mais aparente do que real. Tanto num caso como noutro talvez se tenha procurado afinal agradar à mesma e única fonte de pressões que não são evidentemente, a África do Sul ou Israel, mas poderosos interesses financeiros de grandes potências ocidentais. Bom seria que realmente todos os actos da política externa portuguesa fossem actos de soberania. Mas isso é outra história...»

UMA LUTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

«Plataforma política: **que propostas programáticas saíram da Conferência e qual o seu conteúdo?»**

«A documentação, relatórios e resoluções saídos da Conferência são bastante abundantes e densos. Não é possível ainda fazer uma análise completa desses textos. Mas julgo que podemos concluir que, pela primeira vez, na fase actual, os Movimentos de Libertação apresentaram em conjunto à opinião pública mundial a sua análise da situação na África Austral no presente momento, situação que evolui com grande rapidez...) E também uma plataforma política e um programa de acção esclarecedores e mobilizadores para este estádio da luta contra o «Apartheid», o Racismo e o Colonialismo.

«Note-se que na Conferência de Lisboa, precisamente por se tratar de uma conferência não governamental, da opinião pública, os Movimentos de Libertação estiveram em primeiro plano, tiveram o papel principal, o que não pode acontecer nas conferências governamentais ou nas da ONU, embora nelas também participem. Esta foi uma característica distintiva da Conferência de Lisboa, menos formal e mais livre. Como se sabe, desde a independência de Moçambique e Angola, a correlação de forças é irreversivelmente favorável aos Movimentos de Libertação na África do Sul, no Zimbabwé e na Namíbia.

«A Conferência realizou-se numa conjuntura internacional particularmente complexa: desenvolvem-se ofensivas diplomáticas, propostas e manobras tendentes a protelar, de uma forma ou de outra, a hora da independência para os povos da África Austral e a preservar, sob qualquer capa neo-colonial, os fantásticos investimentos imperialistas nessa região do Mundo. Tal faz lembrar (com dimensões muitíssimo mais vastas) as manobras de Marcelo Caetano e dos seus protectores internacionais na fase final do fascismo e do colonialismo portugueses».

«Que manobras são essas e quais são as propostas dos Movimentos de Libertação?»

«Para responder em termos que a opinião pública portuguesa compreende bem, são manobras demagógicas de pseudo-liberalização e de tentativa de criação de movimentos-fantoches e independências igualmente fantoches. Há planos constitucionais anglo-americanos para a Rodésia e a Namíbia, há a ofensiva propagandística do embaixador americano na ONU, Andrew Young (com generosas proclamações sobre os direitos humanos...). Entretanto, os cinco membros ocidentais do Conselho de Segurança recusam a votação do embargo de armas para a África do Sul e de sanções obrigatórias, o que levou a um impasse que ainda dura.

«Qual é a resposta dos Movimentos de Libertação?

Das propostas por eles apresentadas na Conferência podemos extrair algumas ideias-chave que deveriam orientar o movimento de solidariedade da opinião pública mundial. Assim, a luta contra o «Apartheid» na África do Sul, sendo uma luta pelos Direitos do Homem, não é neste momento *só isso, nem principalmente isso*. É, antes do mais, uma luta de libertação nacional, embora haja na África do Sul um Estado formalmente independente, mas ilegítimo perante a comunidade internacional. É uma luta do povo da África do Sul pelo Poder. É uma luta pelo derrubamento e desmantelamento do Estado fascista e colonialista do «Apartheid». Os democratas portugueses compreendem bem esta luta, pois durante o fascismo todas as reivindicações de direitos do homem e de liberdades democráticas só podiam e só vieram a encontrar satisfação com o próprio derrubamento do fascismo».

«E quanto à Rodésia...?»

«Os planos constitucionais anglo-americanos, não têm qualquer cabimento porque se trata de um país em estado de guerra, a qual só poderá terminar com a transferência do Poder para o povo africano representado pela Frente Patriótica. Tal como no tempo de Salazar e de Marcelo Caetano, não foram as «mudanças constitucionais» nas Províncias ultramarinas que vieram evitar ou pôr fim à guerra colonial».

«E na Namíbia...?»

«Na Namíbia, país ilegalmente ocupado pela África do Sul, também a SWAPO não aceita «conferências constitucionais» ou «eleições» sem a libertação incondicional de todos os presos políticos e a retirada do exército (50 000 homens) e do aparelho repressivo da África do Sul. Da mesma forma que os democratas portugueses nunca aceitaram as eleições feitas sob a repressão da PIDE e o controlo do Estado fascista».

«UMA IMPORTANTE POSIÇÃO DE PRINCÍPIO»

«Os Movimentos de Libertação recusam a negociação pacífica...?»

«Não. Quem recusa negociações na base do reconhecimento do direito dos povos à independência imediata é o regime colonialista e fascista de Pretória, tal como Salazar e Caetano fizeram no seu tempo. Note-se que com os Estados Unidos não têm nada que negociar, pois seria uma ingerência da parte deste país pretender intrometer-se em quaisquer negociações nesta região. Com a Inglaterra, potência colonial responsável pela Rodésia, têm pretendido negociar. Mas sucede que a Inglaterra se tem esquivado às suas responsabilidades.

«Houve unidade na Conferência em torno desta plataforma política?»

«Houve. Esse é um facto marcante. Em primeiro lugar, a própria unidade dos Movimentos de Libertação já referida...»

«Mas, numa entrevista a um outro jornal, um delegado teria dito que a Conferência visou dividir os Movimentos de Libertação...»

«Volto a dizer que tivemos juntos pela primeira vez na Europa os dois dirigentes da Frente Patriótica do Zimbabwé (Joshua Nkomo, presidente da ZAPU, e Robert Mugabe, presidente da ZANU) e ainda Sam Nujoma (presidente da SWAPO) e Oliver Tambo (presidente da ANC da África do Sul). Todos eles reconhecidos pela OUA e pela ONU. O Congresso Nacional Africano (África do Sul) é o mais antigo movimento de libertação de toda a África. É com ele que trabalhamos e trabalharemos, tanto mais que tem uma posição de princípio extremamente importante para o movimento de solidariedade anti-racista — e importante para nós, portugueses. Com efeito, declara na sua Carta da Liberdade, aprovada há mais de vinte anos, que o povo da África do Sul compreende não só os dezoito milhões de negros, mas também os três milhões de brancos que aí vivem há gerações e que não têm outra Pátria. E isto mesmo foi reiterado na Conferência Mundial. O movimento a que esse 'delegado' se referiu nessa entrevista (Congresso Pan-Africano, PAC) não só é um movimento de divisão e sem grande expressão, como não teria cabimento numa Conferência anti-racista, pois proclama o «poder negro»... Aliás, tanto a experiência passada como a recente de outros países africanos mostra que essa demagogia racista fácil, que o presidente Agostinho Neto têm corajosamente combatido, não serve a causa da independência nacional. Voltando à questão da unidade, importa sublinhar que os delegados de todos os continentes, incluindo a Europa Ocidental, aderiram às propostas dos Movimentos de Libertação. Pode, por vezes, num ou noutro caso, a linguagem política em que são formuladas essas propostas parecer algo radical a certos sectores da opinião pública da Europa Ocidental. Mas creio que a opinião pública portuguesa está apta a compreender que essa linguagem tenha de ser por vezes radical. Há que ter em conta a situação dramática desses povos, a exploração e a opressão desumanas, os massacres, a guerra... O mesmo Joshua Nkomo, quando pediu 'armas', tinha cumprido onze anos nas prisões coloniais, e, como disse na Conferência, sabia que todas as segundas-feiras o Governo rebelde e fascista de Ian Smith leva à forca presos políticos africanos. Já depois da Conferência, na África do Sul novas mortes tiveram lugar em Soweto por efeito da repressão policial.»

Quem é Silas Cerqueira

Silas Cerqueira: membro da Presidência do Conselho Mundial da Paz, juntamente com o general Costa Gomes, ex-Presidente da República, e o deputado socialista Carlos Candal.

Membro também do Secretariado e da Presidência do Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC).

Secretário executivo da Conferência Mundial contra o «Apartheid», o Racismo e o Colonialismo, efectuada em Lisboa de 16 a 19 de Junho de 1977.

Detido várias vezes sob o fascismo como membro da Comissão Nacional da Paz.

Exilado em França tornou-se investigador no Centro de Estudos de Relações Internacionais da Universidade de Paris.

UM DELEGADO ENTRE ASPAS...

«Como foram discutidas e aprovadas as propostas na Conferência?»

«Em cinco Comissões (Política, Económica, Jurídica, Militar e de Acção e Solidariedade), presididas respectivamente por Romesh Chandra, do Conselho Mundial da Paz; Carlos Candal, deputado socialista; Hans Goran Franck, representante do Partido Social-Democrata sueco; Robert Hughes, deputado trabalhista britânico; e Youssef El Sebai, director do diário egípcio «Al Ahram». A discussão foi livre e bastante viva. Repare-se que o tal «delegado» que deu essa entrevista caluniosa a um outro jornal (que devia ser mais cuidadoso...) dizia, por exemplo, que os presidentes das Comissões pertenciam a «organizações pró-Moscovo». Vejam-se os nomes acima citados... Digo «delegado» entre aspas porque se tratava de um indivíduo inglês que pretendia representar uma organização australiana, mas que procedia da RFA e se conduziu de modo estranho durante a Conferência».

«Houve, então, problemas na Conferência?»

«Há sempre problemas. E ainda bem que os há. São sinal de abertura da Conferência, da diversidade dos participantes... Tivemos mais de 330 delegados estrangeiros provenientes de setenta países e de 21 organizações internacionais. Além de 120 delegados portugueses... Mas o traço dominante foi o franco consenso entre todos quanto aos temas de Conferência propriamente ditos: a condenação do «Apartheid», do Racismo e do Colonialismo na África Austral e o apoio aos Movimentos de Libertação».

O PAPEL SOLIDÁRIO DE PORTUGAL

«**Questões de organização e continuidade de acção. Que dizer sobre este aspecto...?»**

«É bastante difícil organizar uma Conferência mundial tão vasta como esta. E ainda mais no nosso País, na conjuntura actual. Por um lado, não tínhamos experiência. É certo que o Conselho Português para a Paz e a Cooperação, uma das 27 organizações membros da Comissão Nacional Portuguesa, possui já alguma experiência, adquirida depois do 25 de Abril, na organização de seminários internacionais pela Paz: Mas essas realizações não tiveram dimensões comparáveis às da Conferência Mundial contra o «Apartheid». Por outro lado, esta foi uma conferência não governamental. Lutámos com dificuldades de vária ordem, que, no entanto, conseguímos vencer. Houve deficiências de organização, evidentemente. Mas o balanço de conjunto é largamente positivo. Isso deve-se em grande parte ao trabalho dedicado e anónimo de dezenas de colaboradores portugueses, voluntários e benévolos, o que impressionou bastante os delegados estrangeiros . Não foi uma Conferência organizada por profissionais, mas por democratas com espírito de sacrifício e de militância. Democratas esses de diferentes tendências, mas trabalhando em unidade para o objectivo comum: o fim do «Apartheid», do Racismo e do Colonialismo na África Austral. O mesmo colaborador que cá fora é engenheiro ou professor, e durante a Conferência agrafava documentos ou acompanhava delegados estrangeiros, era também capaz de discutir vivamente os problemas políticos. Trata-se de uma tra-

Continua na pág. 4

EPAL

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE «CANALIZAÇÃO TELHEIRAS – SUL, REFORÇO DA ZONA SUPERIOR»

Faz-se público que no dia 23 de Agosto de 1977, pelas 15 horas, na Sede da Empresa Pública das Águas de Lisboa, na Avenida da Liberdade, n.º 24, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibo na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa até às 17 horas do dia 22 de Agosto de 1977.

Caução Provisória: 75 000$00 (setenta e cinco mil escudos).

Alvarás exigidos aos concorrentes: V categoria ou 3.ª Subcategoria da V categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

O processo de concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, na Secretaria dos Serviços Técnicos da Empresa, onde poderá ser examinado e obtidas cópias.

Lisboa, 30 de Junho de 1977.

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da Comissão de Fiscalização
João Bau

PUB

Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa

TÉCNICOS DE CONTAS

Convidam-se os Técnicos de Contas a assistirem às sessões de esclarecimento do Plano Oficial de Contabilidade, que terão lugar nos próximos dias 5, 7, 12, 14, 19 e 21 de Julho, pelas 21 horas, na Rua do Alecrim, 46-1.º

Tais sessões são promovidas por este Sindicato, com o apoio da Câmara dos Técnicos de Contas.

A DIRECÇÃO

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

AVISO

ABASTECIMENTO DE ÁGUA A ALHOS VEDROS E BAIXA DA BANHEIRA

Avisam-se as populações de Alhos Vedros e Baixa da Banheira que nos próximos dias 4 e 5 de Julho (2.ª e 3.ª feira) não haverá água em virtude de se ir proceder à remodelação do equipamento do furo de captação de água, para assim se regularizar a situação existente.

A CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

Silas Cerqueira: Anti-"Apartheid"

Continuação da pág. 3

dição herdada do trabalho antifascista, e que fez com que a colaboração portuguesa na Conferência fosse marcada por um espírito diferente que, como dissemos, impressionou os delegados estrangeiros».

«**Como são encaradas neste momento as acção futuras?**»

«Os próprios trabalhos e resoluções da Conferência implicam acções imediatas e a curto prazo de continuação. Desde a conclusão das contas, que desmentirão atoardas de um outro jornal sem crédito, à publicação das resoluções e outros documentos, ao envio de delegações que comunicarão os resultados da Conferência, à divulgação dos mesmos em Portugal... O Centro contra o «Apartheid» da ONU acaba de resolver editar como publicação sua as resoluções da Conferência Mundial de Lisboa. A ONU também convidou a Comissão Nacional Portuguesa a participar na Conferência daquela organização contra o «Apartheid», a efectuar em Lagos (Nigéria) a partir de 22 de Agosto próximo».

«**Algum organismo permanente em Lisboa vai dar continuidade ao programa de acção da Conferência...?**»

«Uma coisa é certa: a nossa acção de solidariedade e a solidariedade internacional com a luta dos povos da África Austral não se podem deter, têm que continuar enquanto o «Apartheid», o Racismo e o Colonialismo não forem eliminados da África do Sul, do Zimbabwé e da Namíbia. As formas orgânicas para garantir esta continuidade, quer no plano nacional, quer no plano internacional, dependem de consultas em curso, tanto no nosso País como no estrangeiro.

Importa sublinhar que com esta Conferência se procurou dar um sério passo em frente na cooperação de diversas forças, correntes e movimentos (cristãos, sociais-democratas, socialistas, liberais, comunistas movimentos de libertação) no apoio à luta pela independência nacional e pela defesa da paz na África Austral. Foram criados contactos e estabelecidas pontes de bastante interesse para o desenvolvimento ulterior desta cooperação. As formas de coordenação internacional do movimento de solidariedade deverão reflectir este facto».

«Finalmente, no que diz respeito a Portugal, o nosso País aparece com um novo papel na solidariedade internacional. Desde o 25 de Abril, e até antes, o povo português sempre se mostrou fraterno e solidário com os outros povos. Diversas organizações democráticas, entre as quais o CPPC, têm levado a cabo iniciativas significativas de solidariedade internacional. Recordo o importante movimento de solidariedade com o povo do Chile, pouco antes do 28 de Setembro de 1974. Mas nunca até hoje tinha o nosso País sido centro de uma tão importante Conferência Mundial. Trata-se da confirmação de um papel novo do Portugal democrático, aliás de acordo com o espírito e a letra da Constituição, em particular com o seu artigo 7.º

Precisamente através das relações de novo tipo com a África, por que têm lutado as forças democráticas e de paz deste País, rasgou-se uma perspectiva de grande alcance para a acção externa de todos os patriotas, do povo português, e de uma diplomacia democrática que não se confine aos horizontes estreitos da mini-Europa em crise. Atente-se que se esboçou em torno da Conferência Mundial, no plano oficial ou oficioso, uma constelação de forças curiosa: países africanos, países árabes, países socialistas da Europa, países nórdicos não pertencentes ao Mercado Comum (Finlândia, Suécia, Noruega) e países latino-americanos com posições anti-imperialistas (Panamá, Venezuela) e Cuba (país socialista).

SÓ HOUVE VANTAGENS PARA NÓS...

«**Inserção na situação política nacional. Que dizer...?**»

«A Conferência Mundial contra o «Apartheid» não foi uma conferência portuguesa, mas sim uma conferência internacional. Foi uma Conferência de solidariedade com os povos da África Austral, sem ter de modo nenhum que trocar directa ou indirectamente a situação política portuguesa.

Da nossa parte, da parte da Comissão Nacional Portuguesa, foi acima de tudo um acto e uma afirmação de solidariedade internacional».

«**Mas a realização da Conferência em Lisboa não poderia ter tradizo prejuízos ou complicações externas e internas para o nosso País?**»

«Bom, há que dizer que se tivesse sido assim seria certamente de ponderar. Mas em minha opinião seria de ir para a frente com a Conferência como se foi... A solidariedade humana, moral, política, consiste, regra geral, em dar aquilo que nos faz falta. A solidariedade presta-se mesmo que acarrete alguns inconvenientes. Contudo, a experiência da solidariedade entre os povos, dado que os inimigos comuns que enfrentam são internacionais, mostra que esta é reciprocamente benefica para a defesa da independência e da liberdade de cada povo e da paz mundial. No que diz respeito à Conferência Mundial constata-se que, embora não tenha sido convocada com tal fim acabou por servir amplamente os interesses nacionais, o nome e o prestígio de Portugal, com largas repercussões futuras na África Austral no dia, que não está longe, em que o Cabo da Boa Esperança volte a merecer esse nome...»

«Portanto não houve prejuízos para Portugal, antes pelo contrário, nem reais complicações internas ou externas. A Conferência correu bastante bem nesse plano. Não houve incidentes. Os democratas e o povo de Lisboa acolheram bem os delegados estrangeiros – e, finalmente, como aliás sempre dissemos, contrariamente a boatos alarmistas lançados por pequenos grupos fascistas ou fascizantes com apoios internacionais, nenhum português foi expulso da África do Sul por causa da Conferência».

«OPORTUNIDADE PERDIDA...»

«**Não acha que as entidades oficiais não aproveitaram devidamente esta oportunidade para importantes contactos internacionais de interesse para o País?**»

«O »Diário de Lisboa», em editorial recente, chamou-lhe *uma oportunidade perdida*. Não sei... Houve contactos internacionais, entrevistas, importantes no seguimento da Conferência. Mais poderiam ter tido lugar. E compreensível que responsáveis portugueses devessem ponderar os prós e os contras, as implicações internacionais e nacionais de qualquer atitude pública que assumissem. Mas a política de avestruz é que não é política nenhuma. Foi-nos sugerido que marcássemos entrevistas com dirigentes dos Movimentos de Libertação «fora do âmbito da Conferência», isto é, depois de terminada.

«Claro que estivemos de acordo, mas a distinção era demasiado especiosa para ser perceptível. As personalidades estrangeiras, os presidentes dos Movimentos de Libertação, etc., não puderam esperar.

«Uma impressão que fica, subjectiva sem dúvida, é a de que se foi muito para além da necessária ponderação no receio de possíveis complicações externas e internas à vota da realização, em Lisboa, da Conferência Mundial contra o «Apartheid». A experiência demonstrou cabalmente que esse receio (por convicção, imaginação ou inexperiência) era, digamos, muito exagerado e despropositado. Não sei se seria a preocupação excessiva de não desagradar minimamente, potencialmente, aos credores estrangeiros do grande empréstimo. Em todo o caso, o resultado foi a inibição da capacidade de iniciativa política e de uma certa afirmação de independência nacional, que seria de esperar. Foi pena, porque quem ficou a perder alguma coisa com isso nem sequer foi a Conferência: foi Portugal, embora mesmo assim tenha ganho muito».

«A propósito, acabo de receber um telefonema da ONU, de Nova York. Imagine que até uma destacada personalidade das Nações Unidas, que devia vir a Lisboa para a Conferência e pediu com várias semanas de antecedência, através de canais diplomáticos, uma audiência a um responsável do nosso País, ficou sem qualquer resposta! É pelo menos pouco habitual. Não se sabe sequer se o pedido terá sido transmitido».

«**Mas houve pressões da direita? Não terá havido uma táctica de cedência à direita para não perturbar a estabilidade?**»

«A direita reaccionária revelou-se, neste caso, fraca e incapaz. Esteve na defensiva. Foi derrotada inclusive no voto da Assembleia da República. Mas volto a dizer que a Conferência contra o «Apartheid», o Racismo e o Colonialismo na África Austral foi uma Conferência internacional, mundial e não uma Conferência portuguesa. Nesse sentido não se insere na situação política nacional. Competiu, sim, ao nosso País, à nossa opinião pública, como aos outros países representados e à opinião pública internacional, definir-se em relação à Conferência. Mas a Conferência escolheu Lisboa, realizou-se em Lisboa, o que colocou o nosso País numa situação especial em relação à Conferência.

«A Comissão Nacional Portuguesa, esta sim pela sua existência, pela sua acção, inseriu-se na realidade política nacional, e numa conjuntura bastante complexa. Devo dizer que sempre tivémos o cuidado de, sendo a direcção da Conferência internacional mas realizendo-se no nosso País, assegurar a soberania da Comissão Portuguesa no plano nacional, trabalhando em coordenação as duas partes».

«**Voltando à Comissão Nacional Portuguesa...**»

«Sim. Não foi criada com uma plataforma, nem com objectivos de política interna e muito menos partidária. Quando muito, as forças políticas nacionais e Partidos do Governo e da Oposição (não representados oficialmente) é que se determinaram, quase sempre positivamente, em relação à sua actividade. A Comissão Nacional acabou, contudo, por se encontrar inserida, objectivamente, na realidade política nacional e numa determinada conjuntura. Apareceu como uma Comissão que ia contra a corrente...»

«**Porquê?**»

«Vejamos: a Comissão Nacional Portuguesa traduziu-se, na sua composição e na sua acção, por uma muito larga convergência realmente democrática, anti-«Apartheid» antifascista, anticolonialista. Isto numa altura, numa conjuntura em que é muito mais frequente ver-se muitos desses homens políticos, intelectuais, dirigentes sindicais, associações e sectores de opinião (integrados na Comissão Nacional) combaterem-se, em trincheiras opostas, no campo político nacional. Terá sido o indício de uma contra-corrente mais profunda...?

«Em todo o caso, e sem outras ilacções, foi uma experiência muito positiva e válida. que não deveria perder-se. Democratas e patriotas em número apreciável, com opiniões e sensibilidades políticas muito diversas, foram capazes de levar a cabo uma grande iniciativa comum, e de trabalhar em conjunto, com respeito mútuo e lealdade, na defesa da Paz e da Justiça, da Liberdade e da Independência dos Povos, contribuindo assim também para a defesa de interesses nacionais, da própria Constituição e da Democracia.

«As intervenções portuguesas nas sessões da Conferência Mundial, distribuídas de acordo com deliberações prévias democraticamente tomadas, começando com o bom discurso do presidente, dr. José Magalhães Godinho, traduziram todas, na sua diversidade de linguagem, essa unidade de acção pelo objectivo comum: a luta contra o «apartheid» e pela paz na África Austral.

«A entrevista vai longa, mas não quero deixar de sublinhar como foi apreciável a atitude de quantos, homens e mulheres, pondo de parte reservas, barreiras e pressões, independentemente de outras posições políticas ou de cargos e funções, apoiaram unidos a Comissão Nacional Portuguesa, em resposta ao apelo dos povos da África Austral. Referirei em particular o valioso contributo dado pelo dr. José Magalhães Godinho, coerente com o seu passado de democrata prestigiado, dirigente do MUD e do MUNAF, ao aceitar ser presidente da Conferência Mundial.

«Estou convencido, e isto é uma convicção profunda, que nos voltaremos a encontrar, socialistas, comunistas, sociais-democratas, patriotas civis e militares sem partido, crentes e não-crentes, num futuro não distante, na defesa da Paz, da Democracia e da Independência Nacional».

VENDE-SE

Carrinha Peugeot 404 Diesel,
1970 com muito uso

Resposta para o n.º de Telefone 65 45 31

TELECOMUNICAÇÕES DE EMERGÊNCIA

Actuar em tempo de paz para prever tempo de guerra

«Se está universalmente aceite que, em tempo de guerra, os meios de protecção e defesa normalmente disponíveis são insuficientes para fazer face às situações criadas e é necessário mobilizar as forças da Nação, temos igualmente de aceitar que, certas situações de sinistro em tempo de paz, também exigem esta mobilização» — afirmou o ministro da Defesa, coronel Firmino Miguel, no decorrer da sessão de encerramento do Seminário sobre Telecomunicações de Emergência que se efectuou no Instituto Nacional de Defesa.

«Este conceito corresponde às novas ideias sobre Protecção Civil, em que se considera prioritário preparar a defesa e os socorros contra os sinistros e catástrofes em tempo de paz, por ser esta a melhor maneira de, se vier a catástrofe máxima — que é a guerra — existirem a funcionar estruturas capazes de assegurar a indispensável protecção das populações e do seu património».

Organizado pelo Seriviço Nacional de Ambulâncias, este seminário teve a participação de vários organismos civis e militares, assim como do comandante Marius Fonville, conselheiro de Telecomunicações dos Serviços de Protecção Civil da Holanda.

Nas recomendações finais foi sublinhada a necessidade de «se acelerar a entrada em actividade de um Serviço Nacional de Protecção Civil», a criação de uma «Comissão de Planeamento e Coordenação de Telecomunicações Civis para a Emergência» e ainda o incremento da indústria electrónica nacional.

«Reconhecendo-se a crescente importância do Número Nacional de Socorro «115» — concluí — recomenda-se aos CTT/TLP o estudo urgente das medidas necessárias para superar as deficiências actualmente existentes, podendo-se admitir a eventual alteração do número».

Referindo-se ainda à urgência de um Serviço de Protecção Civil, diria o coronel Firmino Miguel: «Está o Governo atento à necessidade de, a curto prazo, promover a entrada em funcionamento de um serviço deste tipo, não só para a sua actuação em tempo de guerra e para cumprimento das nossas obrigações internacionais, mas principalmente, para poderem, em tempo de paz, socorrer eficazmente as populações em situações de emergência».

O ministro da Defesa, coronel Firmino Miguel presidiu ontem à tarde à sessão de encerramento do Seminário sobre Telecomunicações de Emergência

"DIA DA FORÇA AÉREA"

Primeiro-Ministro saúda CEMFA

O Primeiro-Ministro enviou ao chefe do Estado-Maior da Força Aérea uma mensagem de parabéns pela passagem do Dia da Força Aérea, que se comemora a 3 de Julho.

O texto saúda, na pessoa do general Lemos Ferreira, todos os que «se dedicam à honrosa tarefa de engrandecimento da sua Arma, dentro do nobre espírito de servir, que é apanágio das Forças Armadas Portuguesas».

Regista também «o alto contributo dado pela Força Aérea na construção e consolidação da democracia no nosso país e nas tarefas de Paz e da reconstrução nacional».

FESTIVAL NO PORTO

O Dia da Força Aérea será celebrado no Porto, a 3 de Julho, com um Festival Aéreo a realizar no Aero-Clube do Porto com a colaboração da Câmara Municipal daquela cidade nortenha.

Do programa do Festival fazem parte uma exposição de aviões e uma exibição de aeromodelismo, durante a manhã. De tarde efectuar-se-ão evoluções de aviões, planadores e helicópteros, bem como o lançamento de pára-quedistas.

A partir do dia 2 de Julho abrirá ao público no Palácio de Cristal uma exposição de Aeronautica e Astronautica durante a qual pode ser vista em Portugal pela primeira vez uma amostra do solo lunar, recolhida por uma das missões Apollo.

BANDEIRAS PARA OS «PÁRAS»

O chefe do Estado-Maior da Força Aérea presidirá no próximo dia 5 à entrega de bandeiras ao Corpo de Tropas Pára-quedistas e suas unidades, cerimónia a realizar na sede daquele corpo, em Tancos.

Estarão também presentes os membros do Conselho da Revolução, representantes da Força Aérea, o comandante da Região Aérea, o inspector-geral da Força Aérea e o comandante da Região Militar Centro.

Rocha Vieira visitou Polícia do Exército

..O general Rocha Vieira visitou ontem o Regimento de Lanceiros de Lisboa na Calçada da Ajuda, acompanhado pelo governador militar de Lisboa, general Vasc9 Lourenço, e pelo Quartel-Mestre-General, general Sanches da Gama.

Falando com oficiais, sargentos e praças daquela unidade, Rocha Vieira declarou que considerava a Polícia do Exército como «um pilar do Exército» e que a sua destruição arrastaria a destruição do próprio Exército.

O chefe do Estado-Maior do Exército aproveitou também a oportunidade para lembrar aos militares da PE que o comportamento exterior é sempre o reflexo de uma atitude mental e de uma eficiência que se não compadece com improvisos, exortando-os a manterem compostura quando em actividade nas ruas.

Depois deste encontro, Rocha Vieira reuniu com o comando da unidade e com responsáveis do pessoal e da logística do seu Estado-Maior, com quem discutiu questões relacionadas com as instalações e o pessoal do Regimento de Lanceiros.

Porto também comemora Dia da Cooperação

. PORTO, 1 — Exposições e venda de produtos, projecção de filmes e um colóquio são as iniciativas marcadas para amanhã, Dia Mundial da Cooperação, na região do Porto, por iniciativa do Secretariado local para as comemorações, que já ontem à noite efectuou um colóquio na Cooperativa dos Maquinistas-Fogueiros do Minho e Douro.

A exposição e venda de produtos das uniões sectoriais da região norte funcionará a partir das 9 horas e durante todo o dia na Cooperativa do Povo Portutuense, à Rua do Paraíso, onde durante a tarde serão projectados filmes.

Entretanto, a partir das 21 e 30, nas instalações da «Riocoope» em Rio Tinto, terá lugar um colóquio sobre «O papel da cooperação na actual situação portuguesa», que será orientado por um economista e por um técnico agrícola.

O Secretariado apela para a participação «não só dos cooperadores como também de todos os que sofrem os efeitos negativos de uma situação económica necessitada de uma recuperação inequivocamente a favor das classes trabalhadoras».

Energia para aldeias de Trás-os-Montes

.,PORTO, 1 — O secretário de Estado da Energia e Minas, eng.º Bayão Horta, que ontem visitou as instalações da Siderurgia Nacional na Maia, revelou aos órgãos de Comunicação Social que se vai proceder de imediato às ligações que permitirão levar a energia eléctrica a dezenas de aldeias de Trás-os-Montes e Terras de Basto. Para acerto de certos pormenores, aquele membro do Governo reuniu-se hoje em Braga com os governadores civis de Viana, Braga, Viseu, Vila Real e Bragança.

Recorde-se que grande número de localidades que vão agora ter energia eléctrica já possuíam o sistema de baixa tensão há alguns anos. Divergências entre as Câmaras Municipais e a então «Chenop» deram origem a que se não procedesse às respectivas ligações. Uma vez nacionalizadas as empresas de distribuição de electricidade, já não se justificava as populações transmontanas continuassem sem electricidade muito embora continuem ainda às escuras na resolução do maior número dos seus (outros, muitos) concretos problemas...

Em BUARCOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELARIA SATELITE

USE Black & Decker NOS SEUS TEMPOS LIVRES...

...E POUPE DINHEIRO
A CERTEZA DA COMPRA ÚTIL E ECONÓMICA

4 CONJUNTOS DE FÉRIAS DIFERENTES

DESDE 1399.

KF7	KF 52	KF 528	CS6
•Berbequim 10mm; 1 vel. •serra circular •e o livro FAÇA VOCÊ MESMO	•Berbequim 10mm; 2 vel. •serra circular •e o livro FAÇA VOCÊ MESMO	•Berbequim 10 mm; 2 vel. •serra circular •lixadora vibratória •e o livro FAÇA VOCÊ MESMO	•Berbequim 13 mm; 2 vel. percussão •serra circular •lixadora vibratória •esmeriladora •sup horizontal •ferro de soldar •e o livro FAÇA VOCE MESMO
PREÇO 1399.	PREÇO 1699.	PREÇO 2099.	PREÇO 3999.
PREÇO NORMAL 1.759	PREÇO NORMAL 2.259	PREÇO NORMAL 2.749	PREÇO NORMAL 4.874
POUPA 360.	POUPA 560.	POUPA 650.	POUPA 875.

em sua casa há sempre um trabalho que espera por si... faça-o você mesmo com Black & Decker e poupe dinheiro

EDP
ELECTRICIDADE DE PORTUGAL
— Empresa Pública —

Redes das Ex-Companhias Reunidas Gás e Electricidade

AVISO AOS CONSUMIDORES

Só é possível uma boa continuidade de fornecimento de energia eléctrica, efectuando constantes trabalhos de reparação e ampliação das nossas redes:

No próximo domingo será interrompida a corrente, nos Sectores e Zonas seguintes durante as horas abaixo indicadas:

3.º — SECTOR — **Concelho de Lisboa**: Rua Guarda Joias 12 a 20. (Das 8 às 12 horas).
5.º — SECTOR — Largo Conde Barão, 37 a 57, Rua da Silva, 2 a 42, Rua dos Mastros, Trav. dos Mastros, C. Marquês de Abrantes, 2 a 12. (Das 8 às 12 horas).
6.º — SECTOR — Rua da Madalena, 8 a 96 e de 45 a 119, Rua das Pedras Negras.
Rua da Conceição, 2 a 18 e de 1 a 19, Largo da Madalena.
Rua de S. Julião, 21 a 35 e de 24 a 38.
Rua das Portas de St.º Antão entre a Rua dos Condes e Largo da Anunciada (dos dois lados).
Praça D. Pedro IV, 18 a 43, Rua 1.º de Dezembro, 14 a 28. (Das 8 às 12 h.).
8.º — SECTOR — Av. Defensores de Chaves, 17 a 27. Av. 5 de Outubro, 267 a 333. (Das 8 às 12 h.).
9.º — Sector — Rua de Marvila (parte), Rua Direita de Marvila (parte), Rua José Patrocínio (parte) e imediações.
Quinta Marquês Abrantes, Az.ª dos Alfinetes, Az.ª do Ferrão e imediações, (Das 8 às 12 horas).
1.ª — ZONA — **Concelho de Oeiras — PAÇO DE ARCOS**: Rua de Angola, Rua Gustavo Lacerda, Rua Visconde de Paço de Arcos, Av. Conde S. Januário, Rua José Ferrão Castelo Branco, Rua Conde de Porto Salvo, Praceta de S. Julião e imediações. (Das 8 às 14 horas).
2.ª — ZONA — **Concelho de Cascais — ESTORIL**: Rua Vale de St.ª Rita, Rua das Acácias, Rua José Viana, Rua das Palmeiras e imediações. (Das 8 às 14 horas). Aldeia S.O.S., Pau Gordo, Alto dos Gaios, Est. para Bicesse e imediações. (Das 8 às 14 horas).
3.ª — ZONA — **Concelho de Sintra**: Montelavar. (Das 8 às 14 horas).
VARZEA DE SINTRA: Rua da Corga, Beco do Jasmim e imediações. (Das 8 às 14 h.).
4.ª — ZONA — **Concelho de Mafra**: Pousal Abrunheira, Casal do Moinho, Casal Novo. (Das 8 às 12 horas).
5.ª — ZONA — **Concelho de Alenquer: CARREGADO**: Rua Capitão Tenente Oliveira e Carmo, Rua Luís de Camões, Rua D. Pedro V, Rua Pero de Alenquer, Rua Alferes Machado Ferrão, Rua Damião Gois, Rua Manuel António Lains, Estrada Nacional n.º 10 (parte). (Das 8 às 14 horas).
6.ª — ZONA — **Concelho de Torres Vedras**: Maceira, Casal Barreirinha. (Das 8 às 15 horas).

LI DJONG TCHOL AOS JORNALISTAS

Reunificação da Coreia "é problema vital para todas as outras nações"

. «O problema da reunificação do nosso país (que se refere à instauração da soberania nacional sobre a totalidade do país) é um problema vital não só para os destinos da nossa nação, mas também para os de todas as outras nações, sendo, como é, um problema da maior importância para a paz e segurança no mundo» — palavras de Li Djong Tchol, vice-presidente do Comité Coreano de Solidariedade Afro-Asiática e chefe da delegação do seu país que se deslocou a Lisboa para assistir à Conferência Mundial contra o «Apartheid», o Colonialismo e o Racismo.

Em conferência de Imprensa dada em Lisboa, os membros da delegação traçaram para os jornalistas um panorama esclarecedor sobre as realizações da revolução socialista no seu país e os perigos que a presença das tropas dos EUA na Península da Coreia acarreta para a paz mundial.

Com a libertação do domínio colonial japonês, no dia 15 de Agosto de 1945, nova era se abriu para a história do povo coreano. A ocupação americana (a sul do paralelo 38) impediu que a edificação duma nova sociedade se realizasse em todo o território nacional. Sob a direcção do Partido dos Trabalhadores da Coreia e do presidente Kim Il Sung, a zona Norte do território realizou em dois anos uma revolução democrática e anti-imperialista e antifeudal. A agressão americana, desencadeada em 25 de Junho de 1950, saldou-se por uma guerra de três anos, finda a qual se encetou a transformação socialista das relações de produção, terminada em quatro a cinco anos.

O plano quinquenal para a construção da base da economia nacional e o plano septanal para a refundição técnica da economia em geral permitiram realizar a industrialização socialista em 14 anos. Neste momento o povo coreano está empenhado na concretização de três revoluções: ideológica, técnica e cultural.

Quanto à revolução ideológica, diz-nos Li Djong Tchol que «o mais importante» na sua realização «é armar firmemente os trabalhadores com as grandes ideias **juche**» (formulação marxista-leninista do presidente Kim Il Sung sobre o papel das massas na edificação do socialismo).

Os três objectivos da revolução técnica são: diminuir as diferenças entre o trabalho pesado e o trabalho leve, entre o trabalho agrícola e o industrial, e libertar as mulheres das suas pesadas tarefas domésticas.

A revolução cultural já se traduziu no ensino obrigatório e gratuito de 11 anos. Neste momento 5 milhões e 500 mil crianças em idade pré-escolar são assistidas nas creches e educadas nos jardins-escolas. No total, oito milhões e 600 mil jovens (quase metade da população) instruem-se à custa do Estado e da sociedade.

UMA AMEAÇA PARA A PAZ

A presença das tropas norte-americanas em território coreano dura há trinta e dois anos e é o principal factor impeditivo da reunificação do país. O perigo dessa presença é facilmente avaliável pelo facto de os EUA disporem (segundo as suas próprias estatísticas) de mil bombas e minas nucleares em território coreano, armas essas cujo poder de destruição é cerca de mil vezes maior que as das bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki. Por outro lado, os EUA e as autoridades sul-coreanas têm reforçado em grande escala os seus dispositivos bélicos. Ainda este ano bombardeiros B-52 vindos de Okinawa penetraram várias vezes na Coreia do Sul onde fizeram treinos. Muito recentemente efectuaram-se «manobras operacionais conjuntas» de grande envergadura com as forças terrestres, navais e aéreas americanas e sul-coreanas.

A colaboração entre o regime norte-americano e o governo fantoche de Seul entra em flagrante contradição com as promessas eleitorais do actual presidente dos EUA, que se afirma defensor dos «direitos humanos». A repressão fascista na Coreia do Sul, os actos arbitrários dos seus dirigentes, que calcam a pleno pés os mais elementares direitos humanos, são um facto amplamente conhecido. Isso não impede, porém, que os EUA concedam auxílio militar a Seul, que colaborem com ele e que façam manobras militares conjuntas com as Forças Armadas de Park Chung Hee. Além disso, Carter prometeu que retiraria as tropas norte-americanas estacionadas na Coreia se fosse eleito. As últimas declarações de Washington vão contra tais promessas; por um lado, não incluem na retirada as forças aéreas, por outro lado, fixam um prazo de três a cinco anos, que excede o actual mandato de Carter.

A Coreia do Norte já fez mais de 150 propostas de solução pacífica e democrática para a questão coreana. Três princípios básicos devem nortear essa solução: total independência em relação ao estrangeiro; via pacífica; união nacional. Para que se atinja a total independência, será necessário, antes do mais, que as tropas norte-americanas retirem totalmente do território nacional.

Em 1973 o presidente Kim Il Sung apresentou uma proposta em cinco pontos para chegar à solução pacífica do problema: 1 — eliminar a tensão e o estado de confronto militar entre o Norte e o Sul; 2 — realizar o intercâmbio multiforme entre o Norte e o Sul; 3 — convocar uma grande assembleia nacional com a participação de representantes de diversos partidos políticos, organizações sociais e representantes de classes e camadas sociais do Norte e Sul; 4 — operar a confederação do Norte e do Sul, criando um Estado único sob o nome de República Confederada de Koryo; 5 — aderir à ONU como um só Estado, sob o nome de República Confederada de Koryo.

Até à data todas as propostas apresentadas pela Coreia do Norte têm sido sistematicamente rejeitadas. Igual destino conheceu uma proposta feita aos EUA no sentido de substituir o acordo de armistício de 1953 por um acordo de paz.

O diálogo que se travou momentaneamente em 1972 entre as duas Coreias levou a um comunicado conjunto, no qual ambas as partes aceitaram os três princípios formulados pelo presidente Kim Il Sung. Mas as autoridades de Seul violaram todos estes pontos chegando mesmo em Junho de 1973 a proclamar abertamente a sua adesão à tese das duas Coreias. Seul e Washington prosseguem as suas manobras tendentes a eternizar a divisão da Coreia. Apesar de tudo, a Coreia do Norte está disposta a retomar o diálogo, desde que as autoridades sul-coreanas abandonem as suas palavras de ordem anticomunistas, renunciem à sua política de repressão contra os democratas da Coreia do Sul, acabem com as tentativas de criação de duas Coreias, e dêem mostras de desejar sinceramente a reunificação, não reforçando a sua força militar, renunciando à sua política de manutenção das tropas estrangeiras no território, e deixando de estimular a tensão na península.

O chefe da delegação, Li Djong Tchol (à direita) e o secretário, Park Dong Tchoun, quando falavam com os jornalistas portugueses

Interrogado pelos jornalistas sobre a conferência contra o «apartheid» e sobre as relações entre Portugal e a Coreia do Norte, o chefe da delegação norte-coreana salientou o êxito internacional da conferência. Destacou ainda a importância de que se reveste para a paz mundial o facto de esta conferência se ter podido realizar num país que ainda há menos de quatro anos era um baluarte do fascismo e do colonialismo. No tocante à sua participação na conferência, a delegação da Coreia do Norte pôde denunciar a colaboração entre Seul e Pretória, e, por aí, demonstrar perante o mundo que o regime sul-coreano é não só inimigo do povo coreano, como de todos os povos que lutam pela emancipação.

Por fim, Li Djong Tchol manifestou o desejo de que as relações entre os nossos dois países se aprofundem e que a cooperação amigável que há muito existe entre os dois povos evolua para um estreitamento cada vez maior.

FRANCO NERO
O maior intérprete dos mais violentos "Westerns"

TEMPO DE MASSACRE
COM
GEORGE HILTON · NINO CASTELNUOVO
Real: LUCIO FULCI

Não aconselhável a men. 18 anos
2.ª SEMANA NO ODEON

PRACISTA

Para a zona de Lisboa, bem relacionado e conhecedor do ramo de tecidos de algodão, precisa grande unidade têxtil, produtora de artigos já introduzidos na praça e com valor elevado de vendas. Pedem-se todas as informações detalhadas, firmas que representa ou representou e curriculum vitae.

Resposta a este jornal ao n.º 1929

circular é viver

REESTRUTURAÇÃO DA IMPRENSA

"Projecto Roque Lino" divulgado na íntegra

. Fernando Rosas, director do «Luta Popular», órgão do PCTP/MRPP, em entrevista concedida à Radiodifusão Portuguesa, a propósito da publicação integral naquele semanário do Projecto Roque Lino de Reestruturação da Imprensa, declarou que tal «furo» jornalístico se devia, em grande parte, aos bons e seguros amigos que o seu partido tem em toda a parte.

Lemos o plano da Secretaria de Estado da Comunicação Social e, com efeito, não podemos deixar de concodar: ali, pelo menos deve o ex-MRPP contar com muitos amigos...

Quanto ao projecto propriamente dito, que dizer de uma proposta que ameaça lançar no desemprego 2.200 trabalhadores e reforçar ainda mais o controlo do governo monopartidário sobre a TV, a Rádio e os jornais estatizados de grande tiragem?

. Em relação ao «Diário de Lisboa», um jornal com «uma situação equilibrada quanto à exploração de exercício», conforme o próprio Roque Lino reconhece, a alternativa da SECS (devolução da empresa aos accionistas), não contempla a proposta conjunta dos trabalhadores e da administração, nem sequer o Programa do Governo. No primeiro caso, propunha-se a constituição de uma sociedade mista, em que um terço pertenceria ao Estado, outro terço aos accionistas e o outro aos trabalhadores constituidos em cooperativa; no segundo, recomendava-se a transformação do «DL» em cooperativa de trabalhadores ou em empresa pública. A alternativa da SECS faz tábua rasa de tudo isto e, na linha de outras desintervenções que o governo vem praticando, devolve pura e siimplesmente a empresa aos accionistas privados...

De resto, não é só o «DL» a ser alvo de medidas de reprivatização. «Jornal de Notícias», «O Século», «A Capital», «O Jornal do Comércio» são colocados perante a opção de se reprivatizarem ou fecharem: ou a entrega a grupos financeiros que iriam utilizar os jornais da mesma forma que os utilizavam antes do 25 de Abril, ou a falência pura e simples. Não falando já da inconstitucionalidade das desnacionalizações previstas, estas medidas propõem-se devolver ao grande capital alguns jornais momentaneamente perdidos.

Prometemos voltar a este assunto. Para já, sublinhe-se que estas medidas, para além de não tomareeeem em conta o Programa do Governo, ignoram em absoluto a possibilidade de uma solução do problema com os trabalhadores, põem em perigo centenas de postos de trabalho e ameaçam a independência dos poucos jornais ainda interessados na defesa da Constituição e de um projecto político consequente: o da consolidação da democracia e da construção do socialismo.

CCT DOS JORNALISTAS

Comissões vão resolver casos omissos ou duvidosos

Foram já constituidas e estão aptas a ser convocadas pelas partes interessadas as Comissões Mistas que resolverão «as situações omissas ou duvidosas resultantes da aplicação» do actual Contrato Colectivo de Trabalho dos Jornalistas.

O regulamento das três Comissões Mistas foi aprovado durante uma reunião na sede da Associação da Imprensa Diária em que estiveram também representantes da Associação da Imprensa Não Diária, das Agencias ANOP, Reuter, e France-Presse e do Sindicato dos Jornalistas.

As Comissões Mistas (uma para cada um dos três sectores abrangidos pelo Contrato) poderão reunir em separado para trat de problemas específicos de um sector ou em plenário se o assunto a debater for de interesse geral.

A convocação das Comissões só pode ser feita pelo Sindicato ou pelas entidades patronais signatárias do CCT e nunca a título individual pelas pessoas que se julguem prejudicadas na aplicação do contrato.

Nos casos considerados urgentes o Sindicato ou as Associações Patronais podem pedir a reunião das Comissões no prazo de 48 horas, sendo de oito dias o prazo normal de convocação.

A existência das Comissões Mistas de interpretação do Contrato está prevista na cláusula 66/A do CCT, destinando-se essencialmente a procurar solucionar por consenso das partes as divergências que surjam. Caso não se chegue a acordo entre as partes, o conflito terá de ser resolvido pelas vias legais.

Na primeira reunião das Comissões, para aprovação do regulamento, foi ainda acordado recomendar às empresas jornalísticas que concedam facilidades para a cobrança das quotas sindicais mediante prévia entrega de declarações escritas pelos trabalhadores interessados.

Ministro Barreto promove "debates em família"

O debate público, à nível nacional, sobre a proposta de lei da Reforma Agrária, anunciado pelo ministro António Barreto, parece que não vai ultrapassar os limites caseiros. A proposta já foi enviada para a Assembleia da República e a sua votação deverá estar concluída antes de 23 de Julho. Até agora os trabalhadores portugueses ainda não foram consultados nem sequer tiveram oportunidade de participar em quaisquer debates.

No entanto, num comunicado do Gabinete de Imprensa do PS, afirma-se que o assunto começou a ser discutido internamente: de amigo para amigo.

Em família. Foram realizadas reuniões com os deputados socialistas à Comissão de Agricultura e Pescas da Assembleia da República nas quais estiveram presentes os ministros António Barreto, Henrique de Barros e os secretários de Estado Carlos Portas e António de Campos.

As bases gerais da nova proposta de lei irão também ser debatidas no próximo fim-de-semana em reuniões do ministro da Agricultura com as Federações do PS da zona Centro e Norte e posteriormente com as Federações Distritais de Setúbal, Beja, Évora, Portalegre e Santarém.

Para vincar ainda mais o carácter marcadamente partidário dos debates, o ministro António Barreto deslocar-se-á às cooperativas agrícolas de Brinches, Zambujal e S. Mansos, que são as únicas cooperativas do Alentejo onde se faz sentir a influência do Partido Socialista.

Colóquio sobre direito à habitação

Efectua-se nos próximos dias 9 e 10, na aula magna da reitoria da Universidade de Lisboa um colóquio sobre o direito de habitar promovido pelas Associações dos Inquilinos do Norte e Lisbonenses e pelo Conselho Revolucionário de Moradores e Ocupantes do Porto. A iniciativa, que conta com o apoio de magistrados e de advogados e a presença de um juiz francês, tem por objectivo dar «uma resposta às contestações do direito de habitar consignado na Constituição, vindas dos poderes públicos, inclusivamente dos tribunais».

A realização do colóquio foi anunciada durante uma conferência de Imprensa efectuada na sede da Associação de Inquilinos do Norte com a presença de vários representantes das organizações promotoras e do juiz Augusto Vieira.

Na oportunidade, um dos presentes afirmou: «ao contrário do que era esperado e desejado por grande maioria da população, os motivos legais de despejo mantêm-se, as rendas de grande parte dos fogos serão agravadas, as ocupações das casas que ao abrigo dos Decretos n.os 445/74 e 198 a/75 deviam ser legalizados não o foram na sua maior proporção, nem o serão. Os tribunais continuam a sentenciar como se a Constituição não tivesse sido promulgada, embora nela se declare que o direito anterior à data da sua entrada em vigor deixa de o ser, desde que contrário à Constituição ou aos princípios nela consignados».

Ameixial: "Nem reservas nem indemnizações"

Os trabalhadores da Cooperativa Agrícola do Ameixial, da zona de Estremoz, insurgem-se, através de uma moção que aprovaram em plenário, contra a política agrária do MAP.

Consideram os trabalhadores da referida cooperativa que atravessamos neste momento uma das «crises mais duras provocada pelos grandes capitalistas, latifundiários, assim como os grandes parasitas a eles associados». Exigem ainda, na moção, que não sejam restituídas terras aos antigos agrários nem entregues aos mesmos indivíduos «exploradores do povo português» quaisquer indemnizações, «pois se o Governo exige sacrifícios ao povo mais terá que exigir àqueles que sempre viveram à grande sem nada produzirem».

Os trabalhadores expressam também o desejo de verem expropriados os 700 mil hectares de terra que continuam nas mãos dos agrários, o que permitiria acabar com o desemprego que já se começa a fazer sentir em muitas regiões do Alentejo.

Bacalhau a 206$00 deu prisão e processo

PORTO, 1 — Esteve algumas horas detido, e saiu em liberdade para que o processo que lhe será instaurado corra os seus trâmites normais, um comerciante da Rua Serpa Pinto, nesta cidade, que foi surpreendido a vender no seu estabelecimento bacalhau a 206 escudos por quilo, quando a tabela é de 135 escudos.

Ontem foi apresentado a julgamento no Tribunal da Polícia, em face da actual legislação. Como, porém, argumentou que tentava vender o bacalhau àquele preço por o ter comprado ao armazenista por custo também superior ao tabelado, o juiz decidiu fazer remeter de novo o processo aos serviços de fiscalização das actividades económicas a fim de o mesmo ser devidamente instruído e investigadas as alegações do comerciante.

Daí que o comerciante, depois de algumas horas detido e após ter sido apresentado ao Tribunal, tenha saído em liberdade, devendo no entanto apresentar-se às autoridades de cinco em cinco dias.

Publicações de "O Século" suspensas mais um mês

. Um despacho emitido pela Secretaria de Estado da Comunicação Social determina que «o conselho de gerência da Empresa Pública Século e Popular prorrogue até final do mês de Julho a suspensão das seguintes publicações pertencentes àquela empresa: «Século», «Modas e Bordados», «Vida Mundial» e «Século Ilustrado».

O despacho informa ainda que se «mantêm os pressupostos que aconselharam a suspensão daquelas publicações periódicas» referindo que a reestruturação do sector da Comunicação Social que implicam a análise específica dos problemas relativos à empresa pública Século e Popular se encontram presentemente em discussão por parte do Conselho de Ministros.

edições Avante!

É POSSÍVEL SAIR DA CRISE ?

OS TRABALHADORES DIZEM COMO

só em **carne, leite e crias** seria possível em 2 anos aumentar a produção pecuária em mais de **5 milhões de contos.**

por redução drástica das importações **supérfluas, de luxo e não essenciais,** poupar 11 milhões de contos de divisas.

em dois anos, a produção agrícola e pecuária do País poderia aumentar mais de **10 milhões de contos.**

pelo aumento da produção nacional, seria possível substituir importações no valor de **17 milhões de contos.**

é possível a redução rápida do défice da balança de pagamentos em perto de **28 milhões de contos.**

UMA SAÍDA PARA AS ACTUAIS DIFICULDADES ECONÓMICAS E FINANCEIRAS

UMA ALTERNATIVA DEMOCRÁTICA PARA A POLÍTICA ACTUAL E PARA O GOVERNO ACTUAL

JÁ NAS LIVRARIAS

CDL a distribuição

CDL DEPARTAMENTO DE VENDA DIRECTA
Rua Pedro Nunes, 9 A — Lisboa 1

Desejo receber ..... exemplares do livro .....
..... para o respectivo pagamento envio esc. $00
em cheque n.º ...../vale do correio n.º .....
sobre banco / estação de correio .....

Nome .....
Morada .....
Localidade .....

PRISÃO DE ANDRADE E SILVA

Tribunal Militar deferiu requerimento da defesa

O 3.º Tribunal Militar Territorial deu completo provimento ao requerimento apresentado pelo advogado do capitão Andrade e Silva, no qual se protesta pelas condições em que se efectsara a prisão daquele militar (Ver «DL» de 29 de Junho).

SSSSegundo a decisão do tribunal, ontem comunicada ao advogado, este será notificado das razões que levaram à prisão, como aliás já devia ter acontecido, ao mesmo tempo que lhe serap facultado o acesso a todo o processo em que o capitão Andrade e S Iva é acusado de homicídio involuntário.

Andrade e Silva esteve preso pela primeira vez em Abril de 1976, por alegado homicídio de um jovem madeirense, depois de um incidente no Funchal, em que estiveram envolvidos ainda outros indivíduos que atacaram aquele militar.

Posteriormente e enquanto o processo decorria, o capitão Andrade e Silva foi colocado na situação de liberdade condicional, voltando a ser preso na passada quinta-feira, pensa-se que devido ao aparecimento de factos novos.

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ BRASILEIRA

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

SECÇÃO TÉCNICA

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO para arrematação da empreitada de «ABASTECIMENTO DE ÁGUA A ALHOS VEDROS E BAIXA DA BANHEIRA — **Reservatórios RIV e RV**»

Faz-se público que, no prazo mínimo de vinte dias a contar da data da publicação deste anúncio no «Diário da República» e no dia e hora a inscrever no Programa do Concurso após essa publicação, se procederá à abertura das propostas para adjudicação da obra acima referida.

Preço base	3 232 384$40
Caução provisória	80 809$60

Alvará exigido:

I categoria — 3.ª subcategoria — Classe 1 B

O Processo de concurso está patente, todos os dias úteis e nas horas normais de expediente, na Repartição Técnica da Câmara Municipal da Moita, devendo toda a documentação indicada no Programa do Concurso ser entregue até às 17 horas da véspera do dia da abertura das propostas na Secretaria do mesmo Corpo Administrativo.

Paços do Concelho da Moita, 22 de Junho de 1977

O PRESIDENTE DA CÂMARA
Fernando José Madeira Ribeiro

VAI À PRAIA DE COMBOIO?

Se viaja na linha de Cascais, NÃO SE SUJEITE A LONGAS DEMORAS para comprar bilhete.

Utilize as MÁQUINAS AUTOMÁTICAS, práticas e RÁPIDAS.

Traga em MOEDAS, o PREÇO EXACTO do bilhete.

Cais do Sodré a	Preços
Santos Alcântara Belém Pedrouços Algés	6$00
Cruz Quebrada Caxias Paço de Arcos Santo Amaro Oeiras	10$00
Carcavelos Parede S. Pedro S. João Estoril Monte Cascais	13$00

NO REGRESSO utilize também as MÁQUINAS AUTOMÁTICAS existentes em quase todas as estações.

CONSIDERA A FEPU

Criar regiões administrativas é imperativo constitucional

Num comunicado ontem distribuído a Frente Eleitoral Povo Unido (FEPU), através da sua Comissão Coordenadora, «considera oportuno reafirmar a necessidade de garantir a completa institucionalização do novo sistema de administração local democrático previsto na Constituição», sublinhando que se impõe, no imediato, a rápida aprovação da lei sobre funcionamento e competências dos órgãos de poder local.

Para cumprir a Constituição, diz a FEPU, essa lei deverá estabelecer o sistema da representação proporcional na eleição dos órgãos do poder local, incluindo a eleição das Câmaras Municipais; conferir um carácter efectivamente deliberativo às Assembleias Municipais e de Freguesia; assegurar a colegialidade de funcionamento das Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia; garantir a existência de um número de vereadores a tempo permanente que permita aos eleitos assumir a efectiva gestão municipal; institucionalizar os Conselho Municipais e as assembleias deliberativas distritais.

Outro ponto focado no comunicado da Comissão Coordenadora da FEPU diz respeito à distribuição de verbas aos Municípios em 1977, que «fez ressaltar uma vez mais a necessidade de completa reformulação do regime de finanças locais». Segundo a FEPU, «o Governo estava obrigado, pelo artigo 4.º da Lei n.º 11/76 da Assembleia da República, a distribuir os subsídios e comparticipações não de forma arbitrária e casuística, como acontecia no passado, mas antes segundo um plano que deveria ser elaborado com a participação das próprias autarquias e publicado até 31 de Março de 1974. No entanto, o atraso de mais de um mês com que o Governo publicou o plano de distribuição dessas verbas (Decreto-Lei n.º 168-A/77); a ilegal não inclusão no Plano de avultadas verbas, nomeadamente do Ministério da Habitação; a consequente manutenção da possibilidade de arbítrio e discriminações na distribuição de verbas aos Municípios; a ausência de participação das autarquias na elaboração do Plano, demonstram bem a necessidade de completa revisão do regime actualmente em vigor.

A Comissão Coordenadora da FEPU também «julga oportuno recordar a necessidade da rápida instituição das Regiões Administrativas previstas na Constituição com a consequente realização de eleições para as respectivas Assembleias Regionais», que considera um imperativo constitucional que é urgente pôr em prática e é «uma condição para que seja possível a reorganização da Administração Pública, garantindo a descentralização e desconcentração de serviços, a elaboração e cumprimento do Plano, a efectivação de um novo regime democrático e eficaz de finanças locais.»

Considera ainda que a criação das Regiões Administrativas e a consequente realização de eleições «contribuirão para a defesa da unidade nacional, para a completa institucionalização do novo regime democrático que a Constituição prevê, para o reforço da participação das populações na gestão dos assuntos públicos e para a unidade do povo em defesa das conquistas revolucionárias que a Constituição consagra».

Decreto reforça garantias dos direitos dos cidadãos

A defesa dos direitos dos cidadãos perante a Administração Pública é a preocupação dominante de um decreto-lei publicado ontem no «Diário da República», que reforça as garantias individuais perante o contencioso dos actos administrativos.

De acordo com este diploma conjunto dos Ministérios da Administração Interna e da Justiça, a partir de agora, «devem ser fundamentados os actos administrativos que total ou parcilamente neguem, extingam, restrinjam ou por qualquer modo afectem direitos ou imponham ou agravem deveres, encargos ou sanções, afectem de igual modo e no uso de poderes discricionários, interesses legalmente protegidos; decidam reclamação ou recurso; decidam em contrário de pretensão ou oposição formulada pelo interessado, ou de parecer, informação ou proposta oficial; decidam de modo diferente da prática habitualmente seguida na resolução de casos semelhantes ou na interpretação e aplicação dos mesmos preceitos legais; impliquem revogação, modificação ou suspensão de acto administrativo anterior».

A fundamentação, segundo determina o decreto, «deve ser expressa através de sucinta exposição dos fundamentos de facto e de direito da decisão».

TMT do Porto vai julgar 55 ex-agentes da PIDE

. PORTO, 30 — Inicia-se na próxima terça-feira, no 1.º Tribunal Territorial Militar desta cidade o primeiro julgamento de um total de 55 agenda da ex-PIDE/DGS, entre os quais 2 inspectores, diversos agentes e «bufos».

O primeiro réu será Américo Dinis Pontes, que foi inicialmente agente, passando depois a «bufo» na zona de Barcelos. O julgamento está marcado para as 14 e 30 de terça-feira, sendo Américo Pontes defendido pelo dr. José da Silva que foi deputado na Assembleia Nacional fascista, como «independente».

O tribunal será constituído pelos coroneis Henrique Gonçalves Vaz e Azevedo Simões, tendo como assessor o dr. Manuel Lopes.

Entretanto, foi já enviado ao Presidente da República um assinado com cerca de 900 assinaturas contra o escâncalo das libertações e julgamentos dos «pides». Ao documento, que tem como primeiro signatário o prof. Ruy Luís Gomes fizemos já referência na nossa edição de sábado último.

NOTA OFICIOSA

MEIC está "satisfeito" com Universidade de Coimbra

..Do Ministério da Educação e Investigação Científica recebemos a seguinte nota oficiosa:

..«É com satisfação que o Ministério da Educação e Investigação Científica assinala o regresso da legalidade democrática à Universiddade de Coimbra que, alguns, quiseram desestabilizar.

As posições assumidas pela Assembleia Magna mostram, na verdade, que a totalidade dos estudantes de Coimbra compreendeu, finalmente, que as regras da democracia, para além de imporem a aceitação do cumprimento da lei, obrigam ao reconhecimento dos direitos e interesses da maioria.

Daí que não se tivesse podido nunca falar em falta de diálogo quando o que estava em jogo era, pura e simplesmente, a aplicação da lei geral do País.

Espera o MEIC que o tempo perdido em estéreis e inconsequentes contestações possa agora ser recuperado pelo esforço dos estudantes, a que os docentes e o próprio MEIC não deixarão de dar o necessário apoio. Aliás, esse esforço terá que ser continuado para que possam ser corrigidas situações de anormalidade pedagógica que ainda existem em algumas escolas e que os responsáveis pelo Ensino Superior esperam que sejam regularizadas dentro dos princípios de autonomia científica e pedagógica das escolas, para que, efectivamente, se possa verificar a estabilização e a melhoria do Ensino Superior em Portugal.»

SOLIDÁRIOS TAMBÉM COM A CAP...

Accionistas de empresas nacionalizadas querem empréstimos e indemnizações

A concessão de empréstimos aos accionistas esbulhados e sem rendimentos, através da Caixa Geral de Depósitos, até 50 por cento do valor da cotação da Bolsa à data da Revolução» foi proposto no 1.º plenário do Movimento de Defesa dos Direitos dos Pequenos e Médios Accionistas das Empresas nacionalizadas. O encontro, realizado em Maio último, teve como objectivo avaliar as acções e participações no capital das empresas nacionalizadas e as indemnizações a que os seus titulares têm direito incluindo o pagamento de juros vencidos desde a data das nacionalizações». Para os empréstimos referidos os accionistas exigem juros iguais aos que o Estado pagava no período igualmente citado, segundo se lê na acta, agora divulgada, sobre a referida reunião.

Nesse encontro, os accionistas aludiram aos contactos internacionais a que o Movimento fora obrigado por falat de receptividade encontrada» e ainda os métodos extremamente lesivos dos direitos de uma extensa camada da população «avaliada num milhão de portugueses» e consubstanciados nas propostas de lei n.º 16/1 e 55/1 apresentadas pelo Governo e na Proposta de Alteração a que aquelas deram origem».

Da acta da reunião extraímos a seguinte passagem: «Houve protestos violentíssimos pelo esbulho a que foram sujeitos os titulares de acções e foi violentamente condenada a criminosa passividade que ao longo de todo este processo se tem notado, por parte dos passados e actual governo que não só não têm tido em atenção os enormes prejuízos que vem ocasionando a toda a economia nacional, como ainda manifestaram o mais desumano sentimento, impróprio de seres civilizados, dado que continuam indiferentes aos suicídios, às doenças mentais e ao aumento constante do número de famílias que, por falta de recursos, vivem à míngua».

Entre as propostas apresentadas referimos as seguintes medidas preconizadas: «aos pequenos e médios accionistas deve ser dado tratamento igual àquele com que foram contemplados os possuidores dos Fides e Fia; que o Governo conceda empréstimos aos accionistas esbulhados e sem rendimentos, através da Caixa. Empréstimos estes que poderiam ir até 50 por cento do valor da cotação na Bolsa à data da Revolução e cujos juros serão vencidos de acordo com os que o Estado pagar desde essa altura».

No domínio das moções foi decidido «que todas as acções depositadas ou não, devem ser consideradas para efeitos de indemnização; que os juros pagos sobre contas caucionadas sejam descontados aos seus titulares por ser imoral tal actuação; que a Assembleia da República legisle de forma a que todas as acções, postas em Tribunal contra os accionistas, por falta de pagamento, cessem de imediato, até haver justas indemnizações; requerer ao Governo a revisão do despacho de 12 de Julho de 1976 e ainda que o problema das indmnizações passe a ser tratado junto do Presidente da República visto o Governo ter minimizado tão tormentoso assunto».

Foi ainda aprovada uma proposta no sentido de «as empresas intervencionadas ou em autogestão, devolveram aos seus legítimos donos os títulos que se encontram à sua guarda, quer para caucionar empréstimos quer ainda, para caucionar os encargos dos corpos gerentes que foram afastados dos seus lugares. Por último foi proposto que o Movimento estabeleça contactos com outros movimentos ou associações que tenham em vista a defesa dos interesses de outros esbulhados. Como por exemplo a CAP e o MEU».

Trabalhadores do comércio de Lisboa concentraram-se ontem em frente da Câmara Municipal, apoiando a entrega aos responsáveis do Município, feita por dirigentes sindicais do sector, de um abaixo-assinado com milhares de assinaturas, pedindo a revogação do edital que liberaliza os horários

NOVOS HORÁRIOS PARA O COMÉRCIO

Presidente da Câmara não cedeu perante a concentração

Das conversações ontem realizadas entre dirigentes do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa e o presidente da Câmara de Lisboa — sublinhadas por uma concentração de trabalhadores daquele ramo de actividade, frente aos Paços do Concelho — nada resultou de novo.

De facto, no final da reunião, enquanto os dirigentes sindicais afirmavam que esta «não decorreu da forma esperada» e desafiavam os responsáveis da Câmara para um debate público na TV, o dr. Aquilino Ribeiro Machado, presidente da CML declarava que os sindicalistas não tinham apresentado dados novos que pudessem levar à revogação do Edital que liberaliza os horários do comércio.

A concentração dos trabalhadores do comércio convocada para a Praça do Município fez-se sob palavras de ordem como «Defenderemos com firmeza a semana-inglesa», «Trabalhadores dizem não aos horários de exploração» e «Direitos conquistados não podem ser retirados». Num cartaz de trabalhadores dos Armazéns do Chiado podia ler-se: «Semana-inglesa conquistada no fascismo não acabará no dito socialismo».

Como temos noticiado, a concentração foi convocada para a hora em que dirigentes do Sindicato do Comércio de Lisboa se avistariam com responsáveis do Município, para discutirem a recente publicação de um Edital, o 76/77, que permite ao grande patronato a prática de novos horários que, além do mais, põem em risco a semana-inglesa, direito conquistado durante o fascismo e que inclusivamente «fez correr sangue», como nos sublinhou um sindicalista presente.

A publicação deste Edital, aprovado no último dia do prazo concedido pelo Decreto-Lei 75-T/77 e elaborado por uma comissão presidida pelo vereador do CDS, Pedro Feist, também presidente da União das Associações de Comerciantes do Sul e «o maior comerciante português do sector de brinquedos», tem sido largamente contestada pelos trabalhadores, que consideram, também, o risco para os pequenos e médios comerciantes.

Sobre os contactos ontem estabelecidos com o presidente da Câmara, diria José Manuel Barros, do Sindicato do Comércio no final da reunião: «Entendeu o presidente que os argumentos que trazíamos eram já do seu conhecimento e afirmou-nos que não revê os horários. Ora nós não nos responsabilizamos quanto às consequências decorrentes desta medida e, pelo contrário, achamos que a Câmara está a dar cobertura aos interesses do grande capital.»

«A luta continua», diria mais tarde o mesmo dirigente aos manifestantes. E acrescentaria: «A Câmara Municipal envolveu-se lamentavelmente num conflito de trabalho que se irá prolongar, quando, na realidade, se devia ter mantido à margem dele.»

José Manuel Barros, à semelhança do que já havia sido dito pela direcção sindical, afirmou ainda aos manifestantes: «Para o povo trabalhador a questão não se põe em termos de ter mais tempo para comprar e sim em termos de ter dinheiro para comprar.»

Por outro lado, em declarações ao «Diário de Notícias», o dr. Aquilino Ribeiro Machado diria: «Do novo horário do comércio não resulta qualquer inconveniente para os trabalhadores, parece-me, porque o que a Câmara aprovou foi o período de funcionamento para os estabelecimentos comerciais e a conjugação entre os dois horários é da esfera do Contrato Colectivo de Trabalho.»

PORTEIROS MANIFESTAM-SE

Também os trabalhadores de portaria, vigilância e limpeza, que aguardam a negociação da Portaria de Regulamentação de Trabalho para o sector desde Maio de 1976, se manifestaram ontem, com uma concentração em Lisboa, na Praça do Chile, de onde desfilaram para a Praça de Londres.

A tentativa de desmobilização encetada pelo director-geral das Relações Colectivas de Trabalho parece não ter resultado. De facto, aquele director-geral enviou há dois dias, ao sindicato respectivo, uma carta convocando-o para uma primeira reunião de negociação.

«Foi uma vitória parcial e por isso entendemos manter a manifestação como forma de mobilização da classe para a obtenção de uma portaria verdadeiramente justa», no entender de um dirigente sindical que falou aos manifestantes frente ao Ministério do Trabalho.

Os porteiros e contínuos pretendem ver consagrados na PRT, que deverá agora começar a ser negociada, princípios respeitantes a aumentos salariais e períodos de férias. No que ao primeiro ponto se refere, exemplificam com o aumento do custo de vida. Quanto ao segundo, recordam que o seu mês de férias foi encurtado na anterior PRT, sem o seu consentimento.

Um aspecto da votação, em Lisboa

Lista unitária vence nos Ferroviários do Centro

A lista A, unitária, venceu por larga margem as eleições ontem realizadas para os corpos gerentes do Sindicato dos Ferroviários do Centro, que suscitaram a maior afluência de sempre.

De acordo com resultados não definitivos, a lista A reuniu 6.115 votos (65 por cento), seguindo-se a lista D com 2275 votos, (24 por cento), a lista B com 662 (7 por cento) e a lista C com 357 (3,8 por cento). Desconhecem-se, por enquanto, os números respeitantes a votos nulos e brancos.

A afluência situa-se na ordem dos 70 por cento a maior de sempre.

A lista eleita assegurará um trabalho de sequência relativamente à anterior direcção, igualmente unitária, que fora eleita há dois anos por 3.067 votos. A tomada de posse dos novos dirigentes realiza-se para a semana.

Paralisação total na Philips de Ovar

Dando cumprimento à decisão tomada em plenário os trabalhadores da Philips, em Ovar, param hoje totalmente culminando assim a série de paralisações progressivas que vinham efectuando há uma semana.

A luta tem por objectivo obrigar a entidade patronal a cumprir os acordos que assumiu relativamente a uma tabela salarial interna que devia ter entrado em execução em Janeiro de 1976.

Urge que o Governo actue junto dos devedores

— desejo expresso pelos trabalhadores da AC

Da conferência de Imprensa convocada pela Comissão Central de Trabalhadores da AC — Trabalhos de Arquitectura e Construção SARL, e realizada na quarta-feira na sede do Sindicato dos Técnicos de Desenho, surgiram informações de certo modo inesperadas até pelos próprios componentes da mesa: a referida Comissão e representantes dos Sindicatos da Construção Civil de Setúbal e Lisboa. Foi o caso que, a uma pergunta do repórter tendente à concretização de acusações, por parte da CCT, relativas à existência de «tristes tentativas de desestabilização provocadas por meia dúzia de elementos que ainda vivem esperançados no regresso a um passado especulador, a um passado opressor», um dos elementos da mesa respondeu que, nos serviços de contabilidade, determinados funcionários escusavam-se sistematicamente a revelar os números da conta corrente da Torralta, empresa, até ao 25 de Abril, única cliente do AC, firma esta, criada para construir o complexo turístico de Tróia.

Procurando corrigir este esclarecimento dado ao repórter, um dos dois técnicos da AC presentes, ligado à chefia dos serviços contabilísticos, desmentiu que ele, pessoalmente, algum dia se tivesse recusado a fornecer tais elementos. E passou à leitura de números que, para os contabilistas da AC, são os correctos, mas que não são aceites pela Torralta. Assim, o saldo da AC seria, em 30 de Abril passado, superior a 362 mil contos, saldo no entanto não consolidado, porque não aceite pela outra parte. A dívida da Torralta e de outras entidades à AC monta aos 500 mil contos.

Por este (e outros) desacerto de contas, 2500 trabalhadores da AC não recebem salários há dois meses, não trabalham, muitos deles, por falta de matérias-primas e olham com receio o futuro dos seus postos de trabalho.

De notar que, interpelado por sua vez pelo repórter, o técnico atrás referido não deixa de admitir que existissem na empresa as tais «tentativas de desestabilização». Não desmentiu, portanto, o teor do comunicado da CCT.

QUE O GOVERNO ACTUE

«Que o Governo actue com urgência junto das entidades devedoras à AC, já que elas se encontram, na sua maioria, no domínio do sector público. São devedores, além da Torralta (o maior), o Gabinete da Área de Sines, a Comitur, diversas câmaras municipais e outras entidades e organismos do Estado». Este apelo consta de um comunicado distribuído pelos representantes dos trabalhadores, no qual se afirma que a regularização rápida das dívidas permitirá o relançamento da empresa, «permitindo pôr em funcionamento, a curto prazo, todas as obras já adjudicadas à AC, a fim de aproveitar a mão-de-obra disponível, contribuindo assim para o aumento da facturação, facto que se verificou no primeiro trimestre do ano corrente, enquanto foi possível garantir o normal abastecimento de materiais às obras. A facturação atingiu, em Março, cerca de 30 mil contos e, se neste momento está a descer isso deve-se precisamente à falta de materiais e falta de assistência ao equipamento».

Os trabalhadores, por esmagadora maioria, ao que foi afirmado, defendem a passagem da AC a empresa pública. No seu último contacto, com o ministro da Habitação, engenheiro Eduardo Pereira, este afirmou-lhes que a AC, assim como a J. Pimenta e outra empresa, não designada deveriam, na opinião dele, ministro, passar efectivamente a empresas públicas ou semipúblicas. Se atendermos ao recente escândalo provocado pelo senhor J. Pimenta, ao recusar o engenheiro Eduardo Pereira de ser pessoa que tinha algo a ver com os seus (dele, J. Pimenta), negócios, a expressão «semipúblicas» ganha uma ambiguidade que só o Governo pode definitivamente desfazer.

VIABILIDADE

Os trabalhadores da AC mostraram-se conscientes da viabilidade da empresa e sublinharam que, apesar de há dois meses não receberem salários, apenas paralisaram quando e onde as matérias-primas não chegaram. A empresa dispõe actualmente de 44 frentes de trabalho, com maiores contingentes operários nas obras do bairro social da Moita e nos empreendimentos ligados ao complexo de Sines, como sejam as obras em Santo André. No espaço geográfico que vai da Covilhã a Beja, há operários da AC um pouco por toda a parte, no desenvolvimento de iniciativas de marcado interesse social.

Esta vocação social da AC é resultado do grande trabalho de reconversão, em boa parte devido aos trabalhadores, operado na empresa. Houve tempos difíceis, quando pararam as obras no empreendimento de Tróia (Torralta). A adaptação a novo tipo de construções, após o Estado ter sido obrigado a intervir (em fins de 1974) dado o abandono das suas responsabilidades por parte dos patrões e o consequente descalabro da Torralta, foi moroso. No entanto, a partir de fins de 1975 eram já visíveis ainda que incipientemente, os resultados dos sacrifícios e esforços desenvolvidos. A partir de 1976, o relançamento parecia destinado ao êxito. Actualmente, a empresa voltou a mergulhar na crise. Os trabalhadores acusam o Governo pelo «adiar» constante das soluções. Em especial, voltam-se contra o Ministério das Finanças, onde apenas têm sido recebidos num corredor. A promessa do engenheiro Eduardo Pereira de que, lá para o dia cinco de Julho, os salários em atraso serão pagos não os satisfaz. Eles querem que o problema de fundo seja resolvido.

Assim, afirmam: «Dado que as entidades devedoras à AC são, na sua totalidade, organismos ligados directamente ao Estado, os trabalhadores pensam que se estas, a curto prazo, não puderem liquidar as suas contas com a empresa, seja o Governo e assumir essa responsabilidade, dado que a AC continua a ser uma empresa intervencionada», pelo que «deve o Governo mandar averiguar da situação económica e financeira dessas entidades devedoras, a fim de aclarar a razão do não cumprimento dos compromissos assumidos».

Este aclaramento tornar-se-á tanto mais necessário quanto o técnico que interpelou a mesa desabafou: «Os segredos profissionais na AC são muitos e muito poucas ainda, as pessoas a sabê-lo».

— «O que é de lamentar», exclamou um dos elementos da Comissão Central de Trabalhadores.

Enfim, muitas coisas estarão para ser reveladas, ligadas ao sector da construção civil. Parece que só ainda agora a procissão vai no adro.

Cantoneiros de limpeza do Porto ameaçam greve de zelo

Os cantoneiros de limpeza, do Porto reunidos ontem em plenário aprovaram, por maioria, uma proposta para entrar em greve de zelo a partir das 20 e 30 de segunda-feira, até completa satisfação das suas reivindicações. Aqueles trabalhadores responsabilizam o Governo e a Câmara pelas consequências desta atitude.

Como já noticiámos os cantoneiros de limpeza querem ser integrados na letra «Q», à qual corresponde o vencimento de 7.100 escudos, e que lhes sejam pagos os retroactivos desde Janeiro, já que o seu trabalho é mal remunerado: 6 mil escudos.

Entretanto, na reunião da vereação do município portuense, ontem realizada, o problema dos cantoneiros foi debatido, tendo sido aprovada uma proposa em que a câmara remete para o MAI a resolução deste e de outros casos considerados omissos, a fim de não criar novas situações de injustiça em relação a outros funcionários.

Uma consciência formada nas margens do Guadalquivir com as vítimas do fascismo

Advogado-sindicalista e desde muito jovem militante da Juventude Socialista, Felipe Gonzalez nasceu em Sevilha, em 1942. Até aos 22 anos viveu no bairro da Bellavista, um bairro típico próximo do Canal do Baixo Guadalquivir, conhecido em Sevilha como «o canal dos presos» por ali existir, em 1940, uma colónia de presos políticos condenados a trabalhos forçados. Muitos deles, ao terminarem as penas, não desejavam voltar às suas terras de origem, e por ali ficavam, dando ao referido canal uma acentuada conotação política. A observação que desde a sua infância pôde fazer sobre a vida destes homens e as reflexões que naturalmente lhe ocorriam terá exercido uma influência decisiva na formação política de Felipe Gonzalez.

Seu pai era vaqueiro e trabalhava para a família Garcia Carranza, grandes latifundiários de Andaluzia. Simpatizante de Azaña foi durante a República presidente da Casa do Povo de Puebla del Rio.

Em 1964 ingressou no Partido Socialista, então na clandestinidade, e em 1966 concluiu em Sevilha o seu curso de Direito, abrindo com outros colegas a primeira assessoria de trabalho daquela cidade, ao mesmo tempo que foi leccionar Direito do Trabalho na Universidade de Sevilha. Em 1965, na sua qualidade de militante activo do Partido Socialista foi designado para o Comité provincial e pouco depois para o Comité Nacional. Em Agosto de 1970 passa a fazer parte da Comissão Executiva do Partido.

Finalmente no XIII Congresso do PSOE, realizado em Outubro de 1974 em Suresnes, nos arredores de Paris, Felipe Gonzalez foi eleito primeiro-secretário. Dadas as condições de clandestinidade em que as actividades políticas se processavam em Espanha, Felipe Gonzalez adoptou o pseudónimo de «Isidoro». O Congresso de Suresnes seria assinalado pela cisão no Partido Socialista Obrero Espanhol que deu origem às denominações Sector Histórico e Sector Renovado.

Desde 1960 que Felipe Gonzalez se tornou protagonista importante de numerosas mobilizações operárias, estudantis e profissionais em Sevilha e de um modo geral em toda a Andaluzia Ocidental. Isso valeu-lhe diversas prisões.

Durante o período da clandestinidade, Felipe Gonzalez movimenta-se por toda a Espanha e vai ao estrangeiro numerosas vezes para estabelecer e melhorar relações com outros partidos socialistas europeus.

Numa constante actividade política teve demorados encontros sucessivamente com Willy Brandt, Olof Palm, Ceausescu, Fidel Castro e outras figuras.

Felipe Gonzalez desempenhou, como membro da «Comissão dos Dez» um papel importante nas negociações entre a oposição e o presidente do Governo, Adolfo Suarez. Em Fevereiro de 1977 como protesto pela legalização do Partido Socialista Obrero Espanhol (Sector Histórico) retirou-se dessa comissão.

É casado com uma militante da UGT (União Geral de Trabalhadores) e tem dois filhos — Paolo e David. Pablo é o mais velho e o seu nome é uma recordação de Pablo Iglésias, fundador do Partido Socialista.

O HOMEM E O PENSAMENTO POLÍTICO

Sobre a monarquia: «Visto a longo prazo, este não é um problema dos socialistas mas da monarquia. Digamos que nós oferecemos uma alternativa de carácter socioeconómico e político. Essa alternativa está em grande parte acima da institucionalização do Estado. Mas, sobretudo, somos respeitadores da democracia. Se o povo optar por uma ou outra forma nós aceitamos o que o povo decidir».

Sobre a estrutura do Estado: «O Partido Socialista defende uma estruturação federal do Estado, muito tempo antes inclusivamente de nascerem alguns dos grupos que hoje se reclamam federalista e autonomista».

Sobre a definição de socialismo e democracia: «O socialismo é o aprofundamento da democracia, portanto, é impossível dividir socialismo de democracia. A democracia não é só exercer o voto cada quatro anos. Para mim, a democracia é a democracia de cada dia, ou seja, o componente quotidiano da democracia expressa-se no trabalho, na capacidade da classe trabalhadora para controlar as suas próprias decisões no trabalho. Há que contemplar todos os aspectos da vida da comunidade e não se ficar somente pela política formal do voto».

Sobre o divórcio: «Se se trata de ordenar seriamente a convivência entre duas pessoas é preciso conferir-lhes o direito à separação. E que uma separação exija um culpado, parece-me uma irracionalidade total: não tem sentido para mim».

Sobre o aborto e os contraceptivos: «Há que respeitar o direito da mulher de dar ou não vida. O problema dos contraceptivos ou inclusivamente do aborto exige um tratamento mais racional. A mulher não pode estar obrigada contra a sua vontade a reproduzir como um animal. É um ser racional».

Sobre a adesão ao PSOE (Se pode um não marxista pertencer ao PSOE): «Não só pode como deve. A ninguém se pode, nem se deve, pedir profissão de fé para se incorporar no partido basta acreditar — a prazo e pelo caminho que A dogmatização marxista é a antítese, e a destruição de uma proposta socialista correcta. Para alguém se incorporar no partido basta acreditar — a prazo e pelo caminho que cada um pense — na necessidade de oferecer uma alternativa socialista à sociedade capitalista ou, o que é o mesmo, ter como objectivo a emancipação do homem, a sua libertação da exploração».

Sobre socialismo e social-democracia: «Estabeleceu-se uma dualidade de termos que em nossa opinião é falsa. Nas suas origens ambos os termos cobriram um campo de significado idêntico. O desenvolvimento histórico moldou a evolução dos Partidos Socialistas e Sociais-Democratas de modo diferente mas ocupando o mesmo espaço sociopolítico. Em Espanha, os recém-aparecidos grupos sociais-democratas permanecem ainda na ambiguidade e creio que a sua projecção política é muito escassa, confundindo-se em alguns casos com a de liberais e democratas-cristãos».

FELIPE GONZÁLEZ AO "DL"

Portugal e "condenad

Um espantoso poder de comunicação tanto nas suas relações individuais como nos contactos com as massas é o traço dominante da personalidade de Felipe González, primeiro-secretário do Partido Socialista Obrero Espanhol, um sevilhano de 34 anos que está a desempenhar um papel transcendente na democratização do seu país, e que em pouco tempo transformou o PSOE no maior partido de Espanha, através de um fenómeno de polarização não só das camadas operárias como de uma parte significativa de uma pequena e média burguesia, de quadros e intelectuais, desejosos de uma mudança social para Espanha, uma mudança que indo mais além do que a simples eliminação do franquismo nas suas formas mais evidentemente repressivas, transforme a sociedade espanhola sem os sobressaltos que muitos temem quando se fala de mudança de estruturas.

Quem é e o que pensa este jovem sevilhano que se apresenta como um símbolo de juventude e de mudança, que se propõe transformar a sociedade? Poderá fazê-lo ou, como lembrava Carlos Altamirano no último Congresso do PSOE «as burguesias permitem tudo aos socialistas, menos que façam socialismo» e ele ficará, mais cedo ou mais tarde, cercado, como tem acontecido a outros que se reclamam de idêntico propósito?

. Quando Felipe González, cordialmente me recebeu no seu gabinete modesto mas funcional no 3.º andar do n.º 165 da Calle Joaquim Garcia Morato, reflecti. para mim as palavras que ele proferira no XIII Congresso do Partido, dirigidas provavelmente àqueles que pudessem vir por engano para o PSOE: «O Partido Socialista será fiel ao seu programa máximo, conquistará irreversivelmente uma sociedade diferente, uma sociedade na qual a exploração do homem pelo homem desapareça, uma sociedade sem classes. O Partido Socialista não vai renunciar nunca a essa meta; que o saibam todos.»

. Na mesma altura, definindo o espírito do PSOE, Felipe González diria também: «O nosso partido é um partido socialista e, portanto, um partido que, respeitando a liberdade individual e colectiva, quer transformar a sociedade. Um partido que é capaz de uma linguagem ponderada e de uma linguagem dura, que é capaz da flexibilidade e da inflexibilidade. Da flexibilidade, quando se trate de avançar torneando um obstáculo: da inflexibilidade, quando se trata de defender a essência última do Partido. Nisso não vamos transigir, nisso nunca vamos ceder. Que não nos adjectivem nem na esquerda nem na direita.»

Esta linguagem não obstou a que (ou fez com que) milhões de espanhóis dessem o seu voto ao PSOE. E mais que o voto deram a sua esperança e o seu entusiasmo.

ELEIÇÕES MUNICIPAIS: O PRÓXIMO OBJECTIVO

Devo confessar que entre centenas de personalidades dos mais diferentes sectores com quem contactei nos últimos anos, talvez nenhuma me tivesse deixado uma tão profunda impressão como o primeiro-secretário do PSOE. Ao primeiro contacto caem todas as barreiras que eventualmente possam separar o jornalista do político. O diálogo torna-se franco. Cada resposta a uma pergunta vem completa e é dada sem ambiguidades, de uma maneira fluente num raciocínio claro, numa linguagem sem lugares-comuns, sem os «chavões» que tão frequentemente povoam o espírito dos nossos políticos.

Felipe González começa por nos traçar um quadro da situação política quando lhe pedimos para nos analisar a Espanha na hora actual, isto é, depois de umas eleições que muitos julgavam impossível realizar com a tranquilidade e civismo que viriam a caracterizá-las.

«Creio que a Espanha rompeu com o franquismo» — afirmou. «A Espanha é uma sociedade moderna com grandes diferenças regionais e grandes diferenças pessoais mas, sobretudo, para apresentar uma radiografia do que será o futuro imediato de Espanha, penso que há uma convergência de interesses muito ampla quanto à estabilização da democracia, portanto um factor de acordo amplo. Em segundo lugar, creio que são dominantes, quer dizer, que ganharam as eleições, as forças que representavam duas tensões latentes no país desde há muito tempo. Uma tensão que era a das forças progressistas, ou seja, a esquerda unida a outras forças que eram as que representavam os grupos autónomos das diferentes regiões e nacionalidades. Duas forças unidas que, julgo eu, formam a maioria dos votantes do país. Por isso caminha-se para uma estabilização da democracia e caminha-se com um sentido progressista, um sentido descentralizador do poder do Estado.»

A juventude, os jovens com menos de 21 anos foram arredados destas eleições. Analisando o papel dos jovens no futuro democrático de Espanha, Felipe González acredita que «vai ser importante como factor de dinamização da vida política do país». E acrescenta: «A incorporação dos mais milhões e meio de excluídos do direito de voto vai ser um factor de mudança importante. Creio que nas eleições municipais já vão desempenhar o seu papel, e já vão desempenhá-lo na próxima confrontação eleitoral, todavia imprevisível, mas que provavelmente se produzirá depois da elaboração da nova Constituição.»

Quando lhe observámos que os quarenta anos de ditadura não tinham destruído o espírito de liberdade e de justiça nato nos jovens, Felipe González lembrou-nos que a sociedade inteira tem esse espírito e que setenta ou oitenta por cento dela não conheceu a guerra civil mas foi capaz de superar o trauma da ditadura.

OS DOIS EIXOS DE UMA POLÍTICA

Como vê Felipe González o futuro de Espanha, considerado não só do ponto de vista da consolidação da democracia mas também em função das transformações sociais necessárias e apontadas a curto prazo no programa do PSOE?

. «A verdade é que nós ficámos como segunda força. Não temos a responsabilidade do Governo, e o que se passa é que, pela primeira vez, o Governo pode permitir-se governar sem o Partido Socialista mas não contra o Partido Socialista. Isto significa que a nossa capacidade nas Cortes vai ser forte quanto ao condicionamento de uma política económica e quanto à elaboração de uma nova Constituição que garanta as liberdades individuais e colectivas. Estes vão ser os dois grandes eixos da nossa política interna: conciliar a Constituição com a descentralização que o reconhecimento das autonomias supõe e, por outro lado, tratar de dar golpes de «timon» à política económica para que não se carregue a recuperação económica sobre as classes menos desfavorecidas.»

. Colocado perante a questão de uma democracia a arrancar mas condicionada provavelmente por uma máquina administrativa, policial, militar, judicial, etc., praticamente intacta e reflectindo a estrutura franquista, capaz de sabotar a qualquer momento as mudanças exigidas pela nova situação, o primeiro-secretário do PSOE comenta: «Eu diria que ficaram resíduos, efectivamente muito fortes, da época anterior. Esses resíduos estão moralmente deprimidos e derrotados. Mas também diria que o impacto da mudança social afecta todas as instituições. Ao aparelho administrativo, às Forças Armadas, às forças da ordem pública, a toda a gente afecta essa dinâmica social. Tenho a impressão de que é irreversível o processo e as eleições municipais vão ser uma boa prova disso, vão desmontar todos os resíduos da infra-estrutura franquista e provavelmente poder-se-á falar de uma consolidação democrática a partir do momento em que se tenha produzido a confrontação municipal.»

. Ainda no âmbito da política interna, Felipe González, na sequência de uma pergunta feita, negou-nos que Adolfo Suárez tenha feito em qualquer momento contactos com o PSOE para corresponsabilidade governamental. A nossa pergunta visava também saber se a decisão do PSOE de não aceitar governar com o Centro, caso para tal fosse convidado, representava uma atitude de defesa do partido perante o previsível desgaste provocado pelas responsabilidades do poder ou uma atitude pragmática que não admite a coligação com os centristas.

Felipe González corrige a observação e afirma: «Não o formulámos assim. Dissemos que as condições de aceitação de uma responsabilidade governamental para o Partido Socialista têm de ser substancialmente as condições oferecidas ao eleitorado que nos votou, isto é, as eleições apresentaram-se bastante polarizadas em torno de duas alternativas: uma que era a representada por Suárez e era a reforma dentro de uma certa continuidade, e outra que representávamos nós e que era a mudança em profundidade. Como creio que os programas não são coincidentes, realmente, Suárez e nós, estamos representando agora poder e alternativa de poder e pensamos que, a não ser que haja uma circunstância excepcional que exija uma colaboração em bloco de todas as forças políticas no Governo, é muito melhor perfilhar a política do país já com um sentido democrático governo-oposição. Este é o turno de Governo da UCD e o próximo turno pode ser o do Governo do Partido Socialista Obrero Espanhol. Creio que é muito mais clarificador da vida política do país. Mas nós não dissemos que não aceitaríamos governar com a UCD. Dissemos que as nossas condições não são condições assimiláveis pela UCD.»

O PORQUÊ DE UM ÊXITO POLÍTICO E ELEITORAL

A rápida transformação do PSOE no primeiro partido espanhol — partido, de verdade — representa acima de tudo um extraordinário fenómeno de poder de comunicação com as massas. O PSOE polarizou à sua volta uma camada muito heterogénea da população espanhola, que vai desde a classe operária aos serviços, aos técnicos e quadros e ainda a uma pequena e média burguesia que em princípio, por deficiente grau de politização, poderia situar-se à direita. Há quem diga que uma tão diferenciada massa de eleitorado pode constituir um perigo para o PSOE mas pude recolher opiniões bem contrárias, segundo as quais este partido está em condições de arrastar consigo para o socialismo essas massas que só têm a lucrar com uma transformação da sociedade porque, no fundo, são também exploradas.

Pedimos a Felipe González uma análise sobre este fenómeno e que nos explicasse

Espanha estão afortunadamente "dos" a entender-se

ENTREVISTA DE AUGUSTO VILELA (ENVIADO ESPECIAL A ESPANHA)

quais as razões do êxito do seu partido. Eis o seu ponto de vista:

. «Há mais de um ano, e há dois anos também, nós explicávamos a crise do regime da seguinte maneira: o regime havia-se convertido numa superstrutura política que fabricava notícias que davam uma imagem do país. Inclusivamente no último ano ocorreu isso. Inclusivamente durante a campanha eleitoral. Funcionavam dois níveis de comunicação: um que era um pouco o da rua, e o da superstrutura. Quer dizer Madrid, macrocéfala, dando uma visão distorcida por essa superstrutura do que era a Espanha, do que eram todos os cidadãos de Espanha. Entretanto, nós tínhamos dito, já há dois anos, que a superstrutura do regime estava aqui e a sociedade tinha mudado. A sociedade estava já em teses diferentes, em alternativas diferentes. Uma grande parte da sociedade. Nos o que fizemos foi ligar com essa parte da sociedade que não respondia aos critérios habituais. Havia, por exemplo, quem previsse que nós elegeríamos 40 deputados, por toda essa nossa reserva histórica. Nós estávamos seguros que iam ser mais do dobro. Superou-se inclusivamente essa previsão. O que nós fizemos foi um grande esforço de ligação com essa dinâmica social mutante. Não fizemos outra coisa. Outros ficaram, ou numa oposição testemunhal dizendo «a direita vai ganhar»,

Felipe Gonzalez durante um comício do PSOE

e aqui não há mais que fazer o testemunho, há uma vela acesa para a esquerda, ou quedaram-se numa oposição que não punha em causa a alternativa governamental. Creio que é o caso do Partido Comunista. É uma posição em que, o que fez, foi, digamos, afirmar uma personalidade nova do Partido Comunista mas sem a contrastar com o poder. Portanto, julgo eu, não estabeleceu ligação com essa dinâmica de mudança social. Nós, pelo contrário, estabelecemos essa ligação. Creio que o partido fez nisso um grande esforço, coroado de êxito, porque penetrou num desejo latente que estava aí e que a Imprensa não havia reflectido. Mas estava aí a sociedade.»

. O PSOE apresentou-se como um jovem partido e um velho partido. Apresentou-se portador de uma tradição de luta e ao mesmo tempo com uma imagem de juventude. Como foi possível conciliar esses factores com resultados positivos?

«Parece-me que esse foi o grande êxito do partido. Em parte também fomos fiéis à história. Assumimos 100 anos de história, que são muitos, mas ao mesmo tempo demos a imagem, inclusivamente ao nível de quadros, de gente nova, jovem, que recolhe essa história e a projecta no futuro. Penso que é a melhor análise da metodologia de Marx que se pode fazer, ao contrário do que dizem algumas pessoas. Claro que na nossa história houve erros e houve coisa acertadas, mas está nela algo que ficou muito gravado na memória do povo. Nós capitalizámos toda essa história e projectámo-la para o futuro com uma imagem nova, de gente nova, mas sem dúvida fiel a esse passado.»

. Isso significa que aquela proclamação de 12 de Março de 1886, lançada no «Socialista» por Pablo Iglésias se mantém nos seus princípios fundamentais?

. «Sim. E sobretudo mantém algo que foi muito típico no socialismo espanhol, que é um certo conteúdo ético a fazer política. Foi um socialismo muito pouco intelectualizado, muito do povo, e muito mais de acção de mobilização de massas, desde sempre, com um certo conteúdo que me parece marcou sempre o socialismo espanhol — o conteúdo ético, ou seja, nunca houve um alcaide condenado por prevaricação, nunca houve um deputado condenado. Houve um comportamento ético do partido que o povo conserva na sua memória.»

ECONOMIA EM DIFICULDADES MAS NÃO CATASTRÓFICA

A situação económica da Espanha é um dos factores importantes que vão condicionar a sua estabilidade política e a consolidação da democracia. A análise do primeiro-secretário do PSOE sobre a economia do seu país e as perspectivas de reestruturação a curto prazo apontam uma série de factores que permitem encarar a situação sem dramatismos.

«A situação é difícil» — reconhece Felipe González. «Alguns fizeram a campanha tentando apresentá-la como catastrófica e são os responsáveis dessa situação, como aconteceu com a Aliança Popular que a colocou num tom catastrófico. É difícil a situação, mas a Espanha é um país com recursos humanos e materiais suficientes para superar a crise. Eu diria que há que distinguir entre uma política de medidas imediatas e uma política de modernização da economia que têm que estar profundamente ligadas uma a outra. Se não se ligarem, qualquer plano económico vai ser de protelamento da situação sem que tenha consequências dentro de dois ou três anos, o que quer dizer que a crise será mais profunda a um ano e meio ou dois anos de prazo.»

. Definindo as linhas gerais do PSOE no sector económico, Felipe González prossegue afirmando que não se pode dizer que haja medidas imediatas capazes de especial repercussão se não estiverem dentro de um ordenamento a quatro ou cinco anos.

«Para nós» — afirma — «a orientação do investimento público é fundamental para a reactivação e modernização da economia, e para acabar com os velhos esquemas de um modo de produção que poderíamos classificar de franquista, os quais, se promoveram o desenvolvimento, não o distribuíram harmonicamente entre os vários sectores da sociedade e entre as diferentes regiões. Creio que há uma série de medidas que imediatamente se poderiam pôr em marcha. Pensamos que vai ser necessário fazer um grande esforço de austeridade. Mas essa austeridade em que consiste? Para nós há uma interpretação totalmente diferente da que dá a direita. A direita quer um plano de estabilização que significa o aumento do número de desempregados, a recessão da procura global, ou seja, a transferência do peso da crise para os ombros dos mais oprimidos, os trabalhadores.

«Para nós, se os trabalhadores participam agora, por exemplo, em 70 por cento, com a sua massa salarial e recebem 70 por cento da renda total, o maior sacrifício de austeridade que se pode pedir, é que esses 70 por cento se mantenham durante um ou dois anos. Esse é o maior sacrifício. Mas que não diminuam. Nem por aumento do desemprego nem por deslocamento de preços que venha a beneficiar as classes que vendem produtos, e a sobrecarregar — na medida em que diminuam os rendimentos do trabalhador em percentagem — as classes trabalhadoras. Aumentar ou manter essa relação significa, de algum modo, criar uma estabilidade económica, mas exige um controlo de preços tal que os salários subam na mesma progressão.»

. Felipe González aponta a grande diferença no leque salarial como outro dos grandes dramas do país, preconizando a necessidade de aumentar os salários mais baixos e controlar os mais altos.

«Mas os mais baixos têm de subir. Pensamos que o orçamento do Estado se pode orientar para a criação de infra-estruturas sociais, sanitárias, escolares e de estradas, que criam muitos postos de trabalho e amortizam muito o desemprego. Há uma série de medidas de carácter imediato a ligar com uma que é verdadeiramente chave: pôr em marcha uma reforma fiscal. Uma reforma fiscal que produzirá os seus efeitos dentro de um ano e meio ou dois, mas que, quando começar a produzi-los, mostre que o sacrifício que se pediu ao conjunto da população não foi inútil. É um sacrifício ligado com o arranque económico. É isto que me parece fundamental.»

EXPORTAR HOMENS E PERDER RIQUEZA

Respondendo a outra pergunta de carácter económico sobre as enormes somas de dinheiro canalizadas em Espanha para investimentos especulativos, que nada beneficiam as camadas populares, o primeiro secretário do PSOE sublinhou:

«Tal como referi antes, isso implica o controlo do crédito. A orientação para onde o crédito vai dirigido. É esse o problema. É a orientação do crédito, ou seja, a criação de postos de trabalho nas pequenas e médias empresas. em

Continua na pág. 12

Em pleno campo Felipe Gonzalez estreitou o contacto com uma grande parte da população que aspirava a uma mudança, da sociedade espanhola

Felipe González falou ao "Diário de Lisboa"

Continuação da pág 11

vez da substituição de homens por máquinas, que foi o que se fez até agora. Os custos da segurança social induziram os empresarios a substituir homens por máquinas. O crédito tem sido indiscriminado, o empresário recebe-o e investe-o nessa substituição de homens por máquinas, que lhe eliminam pessoal, porque sabe que isso lhe produz um benefício. Nós queremos ir transferindo a segurança para o orçamento do Estado, porque, em definitivo, estamos convencidos de que no fim são sempre os trabalhadores que a pagam. Portanto, que passe para o orçamento do Estado e saneia-se muito mais a economia. Sobretudo, pode fazer-se uma política de investimentos que permita criar postos de trabalho, em vez de os diminuir devido ao fantasma da segurança social como custo muito elevado».

Durante muitos anos os franquistas propagandearam o desenvolvimento industrial da Espanha, a que chamaram mesmo «o milagre espanhol». Tratar-se-ia de facto de um verdadeiro desenvolvimento ou de uma mera ficção político-económica do velho regime? Vejamos o ponto de vista do nosso entrevistado.

Houve um crescimento económico inegável — começa por afirmar Felipe Gonzalez. Isso parece-me inegável porque os números estão à vista. Julgo porém que, o chamado «milagre espanhol» é um pouco o aproveitamento dos resíduos do que foi um autêntico desenvolvimento europeu desde os anos 50. Isto quer dizer que nós beneficiámos indirectamente do desenvolvimento europeu e beneficiámos dos resíduos desse desenvolvimento».

Analisando mais profundamente a questão, Felipe Gonzalez apresenta ainda uma nova perspectiva do fenómeno da emigração, visto numa óptica socialista.

«A Europa foi capaz de absorver um milhão e meio de espanhóis que, por sua vez, compensaram a balança de pagamentos mandando as reservas de divisas, e que tinham criado aqui uma situação impossível. Portanto, quando se fala de «milagre espanhol» há que fugir de qualquer tentação comparativa com o norte da Europa, porque este desenvolveu-se inclusivamente absorvendo mão-de-obra espanhola, enquanto a Espanha crescia exportando mão-de-obra, ou seja, exportando riqueza, embora importando as reservas de divisas. Mas a riqueza que produz o trabalho humano essa saía das fronteiras».

«Também aproveitámos do desenvolvimento europeu a afluência turística e aproveitámos o desenvolvimento europeu no desnível salarial que existia, o qual, juntamente com uns sindicatos amordaçados e uma forte capacidade industrial dos trabalhadores espanhóis atraíram o investimento europeu. Por isso, não se pode falar de «milagre espanhol». É perfeitamente explicável o crescimento económico mas a renda repartiu-se muito mal e entrou-se em crise justamente como consequência da crise internacional, mas com factores infinitamente mais graves em Espanha».

GRANDE CAPITAL NÃO TEM NEM SEQUER UMA ESTRATÉGIA

Enquanto decorriam (com ordem) as eleições espanholas a Bolsa subia. E subiu mais em quatro dias do que nos últimos quatro meses. Porquê?

. Perguntámos isto a Felipe Gonzalez e o que pensava dos investimentos estrangeiros feitos nos últimos anos em Espanha. Se foram benéficos para o país ou apenas para os investidores. A resposta traça-nos o quadro habitual dos países dependentes, uma situação de que as forças progressistas querem libertá-lo.

«Penso que os investimentos estrangeiros no país se fizeram de uma maneira selvagem. Fizeram o que lhes deu na gana. Investiram como quisaram e não houve nenhum controlo. Entre essa posição e a posição demagógica que seria a não permissão de investimentos estrangeiros ou a nacionalização das empresas aqui instaladas, creio que há um termo médio que é o correcto. Digamos que, em termos socialistas, do nosso ponto de vista, é melhor criar um posto de trabalho aqui do que exportar um homem, primeiro princípio antidemagógico que há que deixar muito claro. Em segundo lugar, pensamos que tem que haver um controlo muito sério dos investimentos estrangeiros no país. Controlo qualitativo e quantitativo. Ver a que sectores se dirige o investimento estrangeiro.

«Houve algumas situações que não se podem repetir, como por exemplo o investimento da Ford em Almozave. Fez-se porque houve do orçamento do Estado um empréstimo a longo prazo, muito importante para a Ford, para atrair o investimento a uma zona como aquela. Isso não se pode fazer, não se pode consentir. Há que negociar o investimento estrangeiro com muito mais dureza, com muito maior seriedade porque, em definitivo, a plataforma Espanha, continua a interessar ao investidor estrangeiro como plataforma de penetração na Europa. Há que aproveitar essa situação de privilégio em benefício do nosso país e não em benefício próprio do investidor, e controlar, evidentemente, os lucros que saiem. Subsiste uma situação escandalosa quanto aos investimentos estrangeiros, a que nós, na medida das nossas possibilidades, estamos dispostos a pôr termo».

Sobre nacionalizações, colectivização e fomento cooperativo, outros pontos abordados, diz-nos Felipe Gonzalez:

. «No nosso programa contemplava-se um curto prazo e um médio prazo. Pensamos que as medidas de curto prazo estão ligadas com as de médio prazo mas nas primeiras não havia nenhum processo de nacionalização. Havia processos para impulsionar cooperativas mas não de nacionalizações. Nem sequer parcialmente do crédito. Pensamos que é preciso reactivar a economia, mas reactivá-la sem criar uma situação crítica no sentido de uma retracção dos investimentos, que um plano de nacionalizações, ainda que modesto, produziria. Pensávamos que se deveria evitar essa tentação. Portanto não contemplávamos nenhuma nacionalização a curto prazo, mas simplesmente medidas de reactivação e de modernização da estrutura económica, ligadas a médio prazo com medidas estruturais de certa importância. Em relação ao crédito, que é um sector muito importante e, às vezes, muito retardador da mudança política, há dois procedimentos que anunciámos claramente e inclusivamente publicámos em livro: uma boa lei de controlo de crédito ou uma nacionalização parcial do crédito para que a grande banca não faça o que quer com a economia e, sobretudo, não faça o que quer com a política. Não apenas com a economia. Para nós, a eficácia de uma ou outra medida — controlo do crédito ou nacionalização parcial da banca mede-se por dois factores: um que é de compreensão política, porque é muito difícil explicar ao povo o que é uma lei de controlo de crédito), no entanto, é muito fácil explicar-lhe o que é nacionalizar dois ou três grandes bancos, ou o que for e a resistência que oferece a própria grande banca a uma modernização da economia, a uma reforma fiscal em profundidade e a uma lei de controlo de crédito. Isto significa que há um sector da banca que pode ser hostil à modernização da economia e naturalmente pode travar — já o fez nos últimos meses — uma batalha frontal com a mudança política, económica e social da Espanha. Se se produz uma batalha frontal alguém tem de perder... E em alguma ocasião devem perder os que têm desfrutado tanto tempo do poder».

Antes das eleições verificou-se de facto essa batalha mas agora assistiu-se inesperadamente à subida da Bolsa e os grandes capitalistas parecem de novo contentes com o futuro. Parece-lhe que este exuberante optimismo é sincero ou estarão ensaiando uma nova estratégia para absorverem a seu favor as mudanças, ao contrário do que fizeram em Portugal onde sabotaram abertamente a economia?

. «Creio que não há uma estratégia global. Que há muito mais efeito psicológico do que uma estratégia global porque, na verdade, o que mais os surpreende — a um sector da população — é que o povo inteiro possa pôr-se em marcha para a democracia sem nenhuma mudança total ou radical, com um comportamento exemplar. Não parou a economia, não paralisaram as fábricas, não houve manifestações de massas nas ruas que poderiam espantar os investidores. As pessoas continuaram a trabalhar. Chegou o dia das eleições votaram de uma maneira exemplar. Passou o dia das eleições e as pessoas continuaram trabalhando. Creio ter sido isso o que psicologicamente os afectou, mais, porque não há uma estratégia do grande capital. Isso parece-me absolutamente evidente. Nem sequer há uma estratégia do grande capital. Nem sequer há! Penso que foi esse um dos efeitos psicológicos que fizeram subir a Bolsa. Passaram-se vinte dias de campanha, não houve nada e sobe a Bolsa; viram que chegou o dia das eleições e não se passou nada sob a Bolsa; que houve eleições e não se passou nada, subiu a Bolsa».

RELAÇÕES COM OUTROS PARTIDOS COMUNISTAS E SOCIALISTAS

As relações entre os diferentes partidos socialistas e comunistas europeus apresenta matizes diversos e é hoje também matéria da mais vasta especulação. O PSOE apresenta as suas linhas principais neste campo definidas por critérios que Felipe Gonzalez relaciona de uma maneira bastante transparente.

«Dissemos que em política internacional a nossa atenção ia centrar-se no processo de integração da Espanha na Europa e no processo de integração política europeia, pensando também com atenção especial em três eixos da política internacional; América Latina, onde há 200 milhões a falar espanhol e nós somos uma boa ponte e plataforma de comunicação; aprofundamento das relações que temos com alguns sectores do mundo árabe, que são boas, como é o caso da Argélia. Quanto à política de partido para partido vamos seguir dentro do quadro da Internacional Socialista, fazendo o esforço que lela está a fazer, e seguir uma política de aproximação com os partidos do Sul, que nos parece muito interessante, mas sem cair na tentação de criar uma divisão Norte-Sul na Europa, que nos parece ridícula, num projecto de construção de uma Europa política unida».

«Quanto às relações com os comunistas depende sempre da credibilidade que eles ofereçam na sua evolução. Aqui tivemos umas relações que se podem classificar de bastante cordiais. O fenómeno euro-comunista não é um fenómeno unívoco. Há várias expressões eurocomunistas. Creio que, em absoluto, não é identificável o euro-comunismo italiano com o francês, nem o francês com o espanhol, nem o espanhol com o italiano. São posições diferentes. Aqui em Espanha apresenta-se um problema que me parece delicado e eu não entro a analisá-lo. Não faço mais do que dizer: está aí o problema. E o problema é este: um Partido Comunista Italiano com 32 ou 33 por cento do eleitorado, um Partido Comunista Francês com 20 ou 22 por cento do eleitorado, um Partido Comunista Português com 14 ou 15 por cento do eleitorado e um Partido Comunista Espanhol com metade. Creio que independentemente das qualificações de mais duro, estalinista ou como se queira, que se atribua a tal ou tal partido, o certo é que, como reflexo de apoio popular, os resultados das eleições em Espanha, do ponto de vista do Partido Comunista, são mais espectaculares ainda, se observarmos que a Catalunha tem metade da representação e a outra metade é para o resto da Espanha».

ELEIÇÕES EM ESPANHA REFORÇAM ESTABILIDADE POLÍTICA EM PORTUGAL

Falando do nosso país, Felipe Gonzalez diz que «Espanha e Portugal estão afortunadamente condenados a entender-se porque compartilhamos de muitas coisas». Sublinha que, compartilhar do solo já é compartilhar muito numa situação geográfica tão especial como a nossa, constituindo uma península no sector mais ocidental da Europa, à boca do Atlântico.

«Tudo isso nos une irreversivelmente e penso que o êxito do Partido Socialista aqui vai ser um factor de equilíbrio nas relações com Portugal e de aproximação a Portugal».

Comentando a situação portuguesa e depois de nos referir a dificuldade em fazer uma análise profunda diz-nos Felipe Gonzalez:

. «A situação política portuguesa é uma situação muito especial também porque, quer se queira ou não, está numa transição, num processo de consolidação da democracia. Governar em minoria como faz o Partido Socialista é verdadeiramente difícil. Manter o equilíbrio de um governo em minoria é muito difícil. Até agora estão tentando tornear os obstáculos. Em Portugal dá-se uma situação muito peculiar que também é difícil de analisar de fora. Tenho a impressão óptica de que, se não governar o Partido Socialista, não há quem governe o País. Por exclusão, isto é muito claro. Não há alternativa para o governo socialista e com os socialistas fora do poder creio que se cria uma crise de poder importante. Por isso, para a situação económica que atravessa Portugal, para a necessidade de estabilização da democracia penso que o Partido Socialista está a fazer tudo o que é possível. E em política, fazer o possível, é em termos políticos, fazer o melhor. Mas é muito difícil ver como vão evoluir as coisas. Penso que as eleições em Espanha reforçam muito a estabilidade política portuguesa. Muitíssimo. Até como factor psicológico de estabilidade. Não digo já como tranquilidade política ou geopolítica mas como factor psicológico de estabilização. Haver aqui um partido socialista que tem uma representação muito forte junto do eleitorado, que se aproxima em número de votantes dos 30 por cento, e em representação parlamentar vai ficar em 34 por cento, creio que é um factor de estabilização extraordinário».

UMA SIMPATIA ESPECIAL PELO POVO PORTUGUÊS

O tempo inicialmente fixado para a entrevista há muito que se esgotara já mas a simpatia e cordialidade do dirigente do PSOE estendeu-o muito para além do que permite a sua apertada agenda. Restava-nos perguntar a Felipe Gonzalez se queria dirigir alguma mensagem aos portugueses. Evocando a sua recente estadia no nosso País disse-nos a finalizar a longa entrevista que nos concedera:

. «Na realidade o que poderia dizer aos portugueses é algo que não tem a ver com a política, ainda que seja a autêntica política. Não é a política sem aspas mas é a autêntica política.

«Foi em Portugal, no Porto, que me senti pela primeira vez em comunicação com o povo, quando saí da reunião do Partido Socialista e estive na rua com o povo. Foi uma sensação que não esqueci, esta da proximidade e da comunicação, que agradeço profundamente ao Povo Português. Para além de qualquer explicação que nos dêem, o certo é que em Portugal também nos ligámos ao povo como socialistas. E a experiência foi tão boa que provavelmente eu aproveittarei alguns dias para permanecer em Portugal a descansar da política e talvez vendo a gente e convivendo um pouco mais com o povo português».

NOTARIADO PORTUGUES

CARTORIO NOTARIAL DE MAFRA

A cargo da licenciada em Direito Maria José Pimentel Piqueira e Silva

....CERTIFICO para efeitos de publicação que no dia 24 de Junho de 1977, de fls. 82 a fls. 83 verso, do livro B-69, de «Escrituras Diversas», deste Cartório, foi exarada uma escritura de Justificação Notarial, na qual JOSÉ DA SILVA e mulher MARIA JULIA DUARTE, casados no regime da comunhão geral de bens, naturais, respectivamente, da freguesia do Sobral da Abelheira, deste concelho e freguesia e concelho de Mafra, residentes no lugar do Codeçal, da mencionada freguesia do Sobral da Abelheira, justificaram que com exclusão de outrem são donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel: Prédio de 3 divisões, com a área coberta de 42 m2, uma dependência com a área de 30 m2 e pátio com a área de 50 m2, sito no lugar do Codeçal, da freguesia do Sobral da Abelheira, que confronta do norte, sul e nascente com caminho e do poente com Augusto Pereira Machado; inscrito, na respectiva matriz urbana, sob o artigo 21, com o rendimento colectável de 292$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 5.940$00. Que este imóvel encontra-se descrito, na competente Conservatória do Registo Predial, sob o número 4976, a folhas 137, do livro B-16 e registado, a favor de Manuel Silvestre, pela inscrição número 858, a folhas 53 verso, do livro G-2. Que por escritura — cuja data e Cartório Notarial eles justificantes, desconhecem — pelo que estão impossibilitados de o comprovar pelos meios normais, o referido Manuel Silvestre, no estado de solteiro, vendeu o indicado imóvel a José Moreira, casado no regime da comunhão geral de bens com Beatriz da Conceição, residente no referido lugar do Codeçal. Que, por escritura de 11 de Outubro de 1934, exarada a folhas 25 e seguintes, do livro 116, de «Actos e Contratos Entre Vivos», deste Cartório, ao tempo a cargo do Licenciado Anacleto Tomás Nogueira, aquele José Moreira vendeu o mencionado prédio a Lúcia da Conceição Lourenço, solteira, maior, residente nesta vila de Mafra. E que, por escritura de 4 de Janeiro de 1954, exarada a folhas 50 e seguintes do livro 259, de «Actos e Contratos Entre Vivos» deste Cartório, ao tempo a cargo do Licenciado José de Sousa Teixeira, aquela Lúcia da Conceição Lourenço vendeu o indicado prédio a eles justificantes.

É CERTIDÃO NARRATIVA PARCIAL, que fiz extrair, a qual vai conforme ao original quanto à parte transcrita, e certifico que na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever.

mafra, 24 de Junho de 1977

O 2.º AJUDANTE
(a) Maria Luísa da Conceição Miranda

NOTARIADO PORTUGUES

Cartório Notarial de Mafra a cargo da licenciada em Direito Maria José Pimentel Piqueira e Silva

..Certifico para efeitos de publicação que no dia 24 de Junho de 1977, de fls. 65 a fls. 66, do Livro B-69, para «escrituras diversas», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, na qual Porfírio Miguel e mulher Maria da Nazaré Rodrigues, que também usa o nome de Maria da Nazaré Esperança, casados no regime da comunhão geral de bens, naturais da freguesia da Encarnação, deste concelho, residentes no lugar de Almoçageme, freguesia e concelho de Sintra, justificaram que, com exclusão de outrém, são donos e legítimos possuidores do seguinte imóvel — Prédio urbano composto de casa térrea para habitação, com 3 divisões, cozinha e um vão que serve de arrecadação e de despejo e logradouro, sito no lugar do Parol, da mencionada freguesia da Encarnação, que confronta do norte e poente com Salvador Miguel, do sul com Gregório Maria Damião e do nascente com caminho; inscrito, na respectiva matriz urbana, sob o artigo 1397, com o rendimento colectável de 2.160$00, de que resulta o valor matricial e atribuído de 43.200$00. — Que o referido imóvel encontra-se omisso, na competente Conservatória do Registo Predial e, conquanto não haja documento que permita fazer a prova do direito de propriedade, nem registo do respectivo título ou de mera posse, a verdade é que os outorgantes Porfírio Miguel e Maria da Nazaré Rodrigues possuem o referido imóvel há mais de 30 anos, com exclusão de outrem e de boa fé, pelo que o adquiriram por usucapião.

— É CERTIDÃO NARRATIVA PARCIAL, que fiz extrair, a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita, e certifico que na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever. — Mafra, 24 de Junho de 1977

O 2.º AJUDANTE
(Maria Luísa da Conceição Miranda)

Descubra Portugal viajando de comboio

Caminhos de Ferro Portugueses

CUBA-EUA

Troca de embaixadores prevista para Setembro

Cuba e Estados Unidos trocarão diplomatas em 1 de Setembro, segundo foi anunciado hoje em Havana.

A decisão assinala a primeira vez que os dois países terão a sua própria representação directa nas respectivas capitais desde qe cortaram as relações em 1961.

Um acordo para trocar diplomatas de categoria média, embora sem reatar relações formais, foi anunciado em Washington e Havana, em princípios de Junho.

O comunicado de hoje do ministério cubano dos Negócios Estrangeiros diz que se anuíra que a abertura das missões se deveria efectuar simultaneamente em 1 de Setembro.

Fontes diplomáticas disseram que se esperava que cada um dos países enviaria cerca de sete diplomatas, com três assistentes. Os principais diplomatas teriam a categoria de conselheiros.

A missão norte-americana terá a sua sede na embaixada suíça em Havana, enquanto a missão cubana ficará instalada na embaixada da Checoslováquia em Washington.

Contudo, diplomatas norte-americanos trabalharão, de facto, na antiga embaixada dos Estados Unidos em Havana, um edifício imponente junto ao cais da capital cubana, que é agora utilizado pelos suíços como sua chancelaria.

A troca de diplomatas entre os dois países é considerada como um passo importante na normalização de relações, após quase 17 anos de contínua hostilidade.

Embora existam ainda sérias dificuldades entre os dois vizinhos, parece que os Estados Unidos, acabaram por aceitar a presença de um Estado comunista nas américas, notaram diplomatas em Havana.

Cassetetes ao pequeno-almoço

O último dia 27 começou mal para mais ou menos 200 manifestantes que em Gravelines, perto de Dunquerque, no norte da França, impediam o acesso ao canteiro de obras de uma central nuclear que está em construção na cidade. Depois de passarem a noite no local, os manifestantes viram chegar o sol e a Polícia. E pelo que a foto da France Presse demonstra, o ambiente tomou-se bastante «quente». Não se sabe se foram tentadas outras vias para resolver o problema ...

LUXEMBURGO

Árabes e europeus estão em diálogo

No Luxemburgo, iniciou-se ontem, quinta-feira, a Conferência Parlamentar Euro-Árabe, em que participam 50 deputados da CEE e igual número de parlamentares dos países da União Parlamentar Árabe.

A Conferência, que termina amanhã, sábado, destina-se a melhorar a cooperação económica, política e cultural entre países árabes e europeus, no âmbito do diálogo euro-árabe.

A declaração do Conselho Europeu sobre o povo palestiniano, aprovada na quarta-feita em Londres, será examinada por uma comissão mas para já o conselheiro do secretário-geral da Liga Árabe declarou que os povos árabes esperam que a Europa «concretize aquelas belas palavras».

O co-presidente da Conferência, o deputado francês Raymond Offroy, afirmou por seu turno que a declaração de Londres constitui «um passo em frente bastante notável» acrescentando contudo que ainda há imenso a fazer, nomeadamente no domínio político.

O representante do Conselho Nacional Palestiniano, Kalid Hassan, vê na declaração «um passo em frente no plano político».

«Torna-se necessário conseguir a retirada das tropas israelitas que ocupam os territórios desde 1967. Espero que a próxima declaração europeia leve isto em conta», acrescentou.

Por último, comentando os resultados das eleições israelitas, Hassan afirmou não ser novidade na história da diplomacia de Israel a frase há dias proferida por Begin «tudo é negociável». Contudo, segundo Hassan, a frase nunca teve qualquer significado político pelo que, se Israel não for forçado a tanto, «jamais dará um passo em direcção à paz, e é por isso que precisamos da Europa e dos Estados Unidos».

Entretanto, o primeiro-ministro de Israel está contrariado com a Conferência, e demonstrou isso.

«A declaração da Comunidade Económica Europeia sobre a questão palestiniana constitui um perigo para a existência do Estado de Israel», declarou ontem à noite, em Jerusalém, Menahem Begin.

Begin, que se dirigia ao Conselho Sionista, exprimiu o desejo de que os países membros da CEE «revejam a sua posição actual no que respeita aos direitos dos palestinianos a uma nação».

Acrescentou, por outro lado, que se deslocaria a Washington dentro de quinze dias, afim de discutir com Carter a situação no Médio Oriente.

Ingerências e Rodésia dominam reunião da OUA

O problema das «intervenções nos assuntos internos dos países» constitui o fulcro dos debates dos delegados presentes na 29.ª sessão do Conselho dos Ministros da OUA, ontem efectuada em Libreville.

Proposta pelo Senegal, a controversa questão foi alvo de largo debate destinado a conseguir-se uma declaração aceitável por todos os Estados membros.

A proposta do Senegal visa impedir que qualquer território africano sirva de base de agressão contra um outro país e prevê a resolução dos conflitos entre países africanos pela via das negociações.

A OUA está a tentar constituir uma comissão encarregada de estudar o problema a fim de que este possa vir a ser submetido à próxima sessão do Conselho de Ministros.

Paralelamente a estes difíceis debates da sessão plenária, uma comissão «Ad hoo» prossegue, com eficácia e serenidade, o exame das iniciativas a levar a cabo para auxílio «sob todas as formas» a Moçambique, Zâmbia e Botswana, vítimas das agressões rodesianas.

Entretanto, numerosos desacordos têm levado a confrontações entre o Quénia e a Somália. O ministro queniano dos Negócios Estrangeiros, Munyua Waiyaki, afirmou que três fortes unidades somalis tinham penetrado no Quénia, no último fim-de-semana, pelo que solicitou à OUA que leve a Somália a não cometer novos actos contra o seu país, a fim de evitar entregar-se a uma violação grave das cartas da ONU e da OUA».

Por seu turno a Somália opôs um desmentido formal às acusações do ministro do Quénia. Ontem à noite, chegou a Libreville o secretário-geral das Nações Unidas. A visita de Waldheim destina-se a assistir às reuniões da Organização de Unidade Africana.

"Pravda" critica Carter

A «Pravda» critica hoje a administração democrática no poder em Washington há seis meses, porque esta segue, em relação a URSS uma política em que, afirma, «existe contradição entre as palavras e os actos».

O órgão do PC soviético, escreve designadamente num artigo do seu correspondente em Washington, Vassiliev, que cita a agênciia Tass: «O presidente Carter já deu a conhecer váriasss vezes a sua intenção de desenvolver com a URSS relações mutuamente vantajosas e conseguir chegar a limitação da corrida aos armamentos. Mas alguns actos de Washington encontram-se nitidamente em contradição com as intenções proclamadas oficialmente, e engendram novas dificuldades que são um obstáculo para a consolidação e aprofundamento da apaziguamento».

A «Pravda» menciona como «actos de contradição com as palavras» da administração americana, os dois seguintes factos: «a campanha anti-soviética dos Estados Unidos conduzida sob o falso lema da defesa dos Direitos do Homem nos países socialistas e a tendência de Washington em obter nas negociações sobre o problema SALT vantagens militares unilaterais».

PETRÓLEO

OPEP mantém preço único

Os países da OPEP concordaram em voltar ao preço único do petróleo bruto aceitando não aumentar mais este ano o seu preço, declarou ontem numa entrevista ao «New York Times» o presidente da Venezuela Carlos Andrés Perez, de visita oficial por seis dias aos Estados Unidos.

Perez, acrescentou que, futuramente, o preço das ramas continuará a subir e que os aumentos estarão estreitamente ligados aos progressos do diálogo entre países «ricos» e «pobres» para uma nova distribuição dos recursos mundiais.

«Os países da OPEP vão atribuir uma grande importância ao problema da procura de um equilíbrio mais justo da economia mundial», disse o presidente venezuelano mas acrescentou que a moderação seria rigorosa até ao fim do ano 1978, pelo menos, quanto ao estabelecimento dos preços do petróleo.

BRASIL

Ditadura expulsa mais um deputado

O presidente Ernesto Geisel expulsou ontem, à noite, o líder oposicionista Alencar Furtado do Congresso brasileiro e ordenou que lhe fossem retirados os direitos políticos durante dez anos.

Um decreto presidencial, anunciando a expulsão, foi publicado quando o general Geisel aparecia na televisão francesa e afirmava que o seu governo era democrático.

Não foi indicada a razão da expulsão, mas «fontes bem informadas» disseram que fora provocada pela emissão feita, há três dias, por Alencar Furtado, em que criticou o governo militar, considerando-o arbitrário.

Furtado, dirigente do único partido legal da oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), na Câmara dos Deputados, aludiu num discurso na rádio e televisão nacionais, ao «desaparecimento» de presos políticos.

Numa entrevista, que foi transmitida ontem, à noite, pela televisão francesa, Geisel negou alegações de que adversários do seu governo eram torturados. «Aquele que vive no Brasil sabe que o Estado é um país livre, onde todos podem viver livremente e exercer todos os seus direitos», observou o entrevistado.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti Prensa Latina e Reuter

PUB

ORGANIZAÇÃO EM GRANDE EXPANSÃO ADMITE :

BATE-CHAPAS QUALIFICADOS

BOAS CONDIÇÕES SOCIAIS. INSCRIÇÕES NO LOCAL em OLIVAIS-SUL. Rua Cidade de Bolama, 1-B (junto ao Pão de Açucar) — Tel. 331023/4/5-317273

VOCÊ QUE MORA OU TRABALHA nos

OLIVAIS

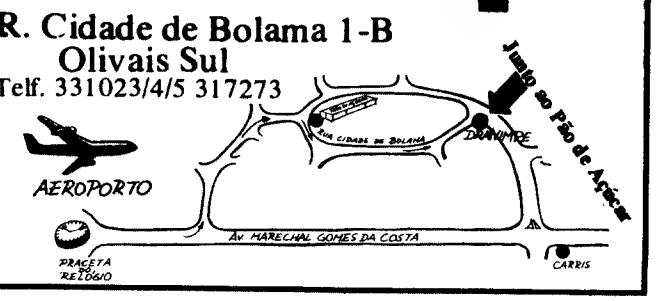
Sabiu que no seu bairro existe uma das maiores oficinas de automóveis de Lisboa?

- REPARAÇÃO DE AUTOMOVEIS DE TODAS AS MARCAS
- MECÂNICA COM BANCO DE ENSAIOS
- BATE-CHAPA COM BANCOS DE ESTICAGEM
- PINTURAS ESPECIAIS EM ESTUFA
- ELECTRICIDADE
- ESTAÇÃO DE SERVIÇO - LAVAGEM MANUAL
- PRONTO SOCORRO
- EQUILIBRAGEM DE RODAS
- ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES
- ESTOFADOR

Área total de laboração em 2 pisos. 3900 m2

draivimpe

R. Cidade de Bolama 1-B
Olivais Sul
Telf. 331023/4/5 317273



Ballet Stanislavsky no Coliseu

O Ballet Stanislavsky de Moscovo, que acaba de alcançar assinalável êxito no Teatro de S. Carlos, estará a partir de amanhã, sábado no Coliseu, com «O Lago dos Cisnes» de Tchaikovsky. O mesmo programa será apresentado no domingo, pelas 17 horas.

Nas noites seguintes, teremos «Copélia» de Delibes e três bailados respectivamente sobre a música de Bizet, Tchaikovsky e Katchaturian.

A qualidade mais saliente destes espectáculos reside na perfeição técnica, a todos os níveis: dos solistas e corpo de baile, da orquestra, da conjugação dos diferentes elementos cénicos e musicais. A vinda ao nosso país da Companhia do Teatro Stanislavsky, incluindo a Orquestra do Teatro e os seus maestros-directores permite-nos avaliar a dimensão totalmente diferente — em unidade estética, em eficácia global — que ganha um espectáculo de bailado quando realizado musicalmente por uma orquestra da mesma craveira dos bailarinos, dirigida por maestros atentos à necessidade de obter uma ligação perfeita entre a dança e a música.

TEATRO LAURA ALVES
rua da palma Tel. 864756
UMA COMÉDIA DE José Vilhena
CALCINHAS AMARELAS
com
IRENE ISIDRO
BARROSO LOPES
MANUELA · MARIA LUIZ HORTA
CARLOS MIGUEL
TEREZA ZILOC
MARIA JOÃO
PAULA LIMÃO
a mais divertida comédia portuguesa dos últimos 50 anos
5.º MÊS
MAIS DE 55 000 PESSOAS JÁ VIRAM ESTAS CALCINHAS
Todas as noites às 21,30
Matinées: domingos às 16 h.
(à 2ª feira não há espectáculo)

cooperativa teatro popular
ACADEMIA ALMADENSE
Tel. 2752127 — ALMADA
HORÁRIO DE VERÃO
O SEGREDO DO FAÍSCA
5.ª, 6.ª e SÁBADOS, às 21.30
DOM. e FERIADOS, às 16 e 21.30
SÓ ATÉ DOMINGO
EM LISBOA — BILHETES NA ABEP

As reposições estão entre nós

Com a chegada do Verão as salas de cinema assistem à debandada das estreias. É a chamada época de reposições, entremeadas do vazar de algum do lixo que enxameia as prateleiras e as listas (os compromissos) da distribuição. Vão chegar aí os pires **Western-spaghettis,** os mais rasteiros pornos, os menos comerciais **Kung-fus**.

Não é porém essa espécie de rebotalho, sumariamente saldado na época estival, que nos interessa. Antes as reposições onde é sempre possível encontrar um filme a descobrir ou a rever. E este Verão alguma coisa vai acontecer neste domínio.

Não falando das super-panavisionadas e gigantescamente projectadas reposições que o Império anuncia (onde só **Hello Dolly** merece alguma atenção), outros filmes irão ser exibidos e alguns a despertar não pouco interesse. Assim algumas películas com Marilyn Monroe vão entrar em breve: **Vamo-nos amar** (no Londres), **Niagara** (no Quarteto), **Rio sem regresso** e **O pecado mora ao lado** (ainda, ao que sabemos, sem sala determinada). De Bergman também se anuncia a reposição de duas das suas melhores obras, **Morangos silvestres** e **Sorrisos de uma noite de Verão**, enquanto o Condes albergará aquela que é porventura, a reposição do Verão: **Serenata à chuva** de Gene Kelly e Stanley Donen.

Pelo que até aqui se mostrou será da América que virá o grosso das grandes reposições. Se exceptuarmos Berg man (de quem **Persona** também vai voltar), Fellini (com **Amacord**), Kubrick (**Dr. Strangelove**, outro acontecimento), Ferreri (**Liza**) e Rosi (**O caso Mattei** e **Lucky Luciano**), a quase totalidade da restante programação do Verão, neste domínio, é americana. Entre clássicos (como o são já hoje **A semente do diabo** de Polansky, **Bonnie e Clyde** e **Perseguição impiedosa** de Penn) e obras menos consagradas mas não de somenos importância (como **Deliverance, Os profissionais, A última sessão, As brancas montanhas da morte** ou **O fantasma do paraíso**) a colheita vai ser, pelo menos, agradável.

Tanto mais que alguns distribuidores vão apostar em estrear, no Verão, alguns filmes de grande qualidade. Alguns títulos: **Deus e o diabo na terra do sol** de Glauber Rocha, **Intriga em família** de Alfred Hitchock, **A história de Adele H.** de François Truffaut, **Conversation piece** de Luchino Visconti.

A sensação do Verão deve ser, porém, a estreia de **Devil in miss Jones**, o primeiro grande filme pornográfico, mundialmente destacado pela crítica e com apresentação na Cinemateca Francesa e tudo. Uma película que se espera chegue a Lisboa com a força do calor, Agosto fora.

Marilyn Monroe, de quem veremos quatro filmes, vai ser, provavelmente, a vedeta deste Verão

Ana Zanatti e Zita Duarte interpretam "Jack o estripador"

Anuncia-se para amanhã a estreia, numa das salas do Quarteto, da peça «A Verdadeira História de Jack o Estripador», que tem como protagonistas as actrizes Ana Zanatti e Zita Duarte.

Em antestreia dedicada aos críticos e profissionais de teatro a peça será apresentada hoje à noite.

A notícia da realização deste espectáculo já gerou certa polémica, dado que é abordado um tema «tabu» no teatro português: as relações amorosas entre duas mulheres.

Por outro lado, o facto da peça ter sido subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura já deu origem a protestos e, também, a aplausos.

A peça, da autoria da Isabel Huppert, cujos direitos foram cedidos às duas actrizes portuguesas, foi encenada por Carlos Avilez.

"Doa a quem doer" — novo LP de Letria

Um novo disco de José Jorge Letria — antigo companheiro de trabalho, aqui do «DL» — acaba de ser posto à venda. Trata-se de mais um LP, intitulado «Doa a quem doer», donde sobressaem alguns dos seus mais recentes êxitos, como a «chula de Rio Maior», «companheiro, amigo, camarada», «Amílcar Cabral» e «pela estrada fora».

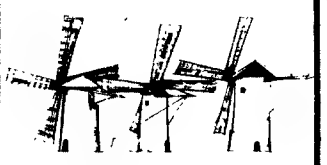
«Testemunho vivo de um tempo e de uma luta, pretendem ser também, ainda que modestamente, um contributo para o avanço da Revolução e para a mobilização das massas trabalhadoras em torno das suas conquistas essenciais», assim define, José Jorge em palavras suas, inseridas no interior da capa do «Doa a quem doer», o significado essencial destas onze canções, gravadas na última semana de Outubro de 1976, e que ele dedica a «todos os que quotidianamente, nas fábricas, nos campos, nas escolas, nos portos, nas oficinas, combatem unidos por um tempo melhor».

A dedicatória não esquece, entretanto todos os que «resistiram ao fascismo e que, com o seu exemplo, nos apontaram o caminho da libertação e do socialismo». E termina: «para os outros a quem estas cantigas vão «doer», apenas uma certeza: a de que não é por aqui que me vou ficar. Doa a quem doer, a dança ainda agora começou...»

TEATRO ABC Sérgio Azevedo Apresenta
Tel 366745
Domingos Feriados Matinées 16 horas
2.ª-feira não há
Hoje, 20.30 e 22.45 horas
O Sucesso do Ano!
O Espectáculo do Ano!
A Revista do Ano!
(A única em cena)
EM ÁGUAS DE BACALHAU
IVONE SILVA
em FIFI da Televisão
IVONE SILVA
OCTÁVIO DE MATOS
VERA MÓNICA
SIMONE DE OLIVEIRA
VICTOR MENDES
ABC DANCER'S
A ÚNICA REVISTA EM CENA A PROVAR UM GRANDE ÊXITO

teatro do bairro alto
R. Tenente Raúl Cascais 1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05
Teatro da Comuccpia
Casimiro e Carolina de Odön von Horváth
Estreia terça 5
Às 21 e 30
Todas as noites às 21 e 30
Domingos às 18 e 21 e 30
Descanso à segunda (M/13)

TEATRO NA SOC
GUILHERME COSSOUL
Av. D. Carlos I — Lisboa
Grupo de Teatro de Campolide (Amador)



Espectáculos nos dias 28, 29, 30 Junho e 1 e 2 de Julho para todos
d.quixote libertado
anatoli lunatcharsky

TEATRO ABERTO telefone 77 09 69
P. de ESPANHA Metro: PALHAVÃ
grupo 4 apresenta
a peça de PIERRE HALET musicada por PEDRO OSÓRIO
as duas viagens de JOB CARDOSO
encenação de RUI MENDES
TODAS AS NOITES ÀS 21.30
DESCANSO À 2.ª-FEIRA
SÁBADO E DOMINGO TAMBÉM ÀS 16 HORAS COM PREÇOS REDUZIDOS
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
Subsídio da S.E.C.

Canal da Crítica

MÁRIO CASTRIM

BULGÁRIA: HÁ 54 ANOS, A 1.ª INSURREIÇÃO ANTIFASCISTA

Aquilo a que na RTP se chama pomposamente 2.º *canal* e não passa, na realidade, de um derivado do primeiro programa, vai fechar durante os meses de Julho e Agosto.

Porquê? Não é por falta de material, longe disso. Aliás, fala-se em possíveis dificuldades para encher duas míseras horas de emissão (das quais se devem subtrair os 30 ou 40 ou 50 minutos do *Telejornal*, em repetição integral) seria ridículo. Havia programação, pois claro. Além do *Telejornal*, repetir outras rubricas do primeiro não custa mesmo nada. Aquilo assim não é ser programação: aquilo é ser macaquinho de imitação.

O que também lá pelo Lumiar não tem grande importância. Mais macaquice, menos macaquice...

ASSIM É FÁCIL

Aliás, o que se passa nos domínios da informação, para além doutros aspectos da actividade da RTP, é simplesmente confrangedor.

Vejamos só um ponto.

Como se sabe, a RTP fornece, no fim da programação que nos últimos tempos acontece em regra para lá da meia-noite, uma emissão do *Telejornal*. Julgar-se-ia que nesta emissão se aproveitasse para dar as últimas notícias, e nada mais, a noite vai alta, é preciso poupar a energia, há que criar neste País onde apenas o trabalho lhe pode garantir o futuro novos hábitos de vida, são onze e meia, até amanhã, dumam bem, enfim, as larachas do costume geradoras de tranquilidade e sonhos felizes em particular quando pronunciadas pelo Bento.

Que acontece na realidade? O último *Telejornal* compõe-se, por vezes na quase totalidade, do noticiário do primeiro!

Assim é fácil fazer Telejornais. À semelhança da *Cornélia*, porque não há-de a RTP ser ruminante? Com respeito a vacas, ficava tudo em família.

TV PIRANHA

Que aquilo por lá anda tudo ao desbarato, isso se não anda, parece. Que a mediocridade é o primeiro sinal evidente, isso é. Que a ignorância é o anjinho aliado ao demónio da má-fé, quem duvida?

Diariamente, deixo passar. Um tipo sente-se diminuido, num mar infestado de tubarões, quando lhe dão garras de denunciar a existência dos carapaus. Simplesmente, na sua prática altamente deseducativa e confusionista, a Televisão está a transformar-se num cardume de piranhas.

O locutor diz *curia romana* e ninguém o ensina. Vem outro e garante-nos que principiou no tribunal a *inquisição* das testemunhas. Um lingrinhas angelical garante, num *flash* (e vivó português, vivóóóó!) que está entre nós «o governador de Manau Garcia dos Santos» e não há por ali nenhuma alminha para rectificar.

Se vasculhasse as sebentas, encontrava himalaias deste género, por vezes ao nível da autêntica, da perfeita caricatura. Mas não ligo, em geral. Mas é triste. Mas.

Mas há por lá profissionais na prateleira ou incumbidos de tarefas menores. Se calhar é em louvor dos direitos humanos ou por consideração pela competência.

DO GRANDE OLYMPIA À PEQUENA ILHA

Voltemos que já é tempo (como se dizia nos livros de capa e espada) ao segundo canal. A despedida foi ontem. Foi uma despedida em beleza.

Havia no programa principal um espectáculo do Júlio Iglésias e eu gritei para com os meus botões: *foge que lá vem a owendolyne!*

Não dei a troca por mal empregada. Antes pelo contrário. Passavam no segundo programa um filme búlgaro intitulado *A Pequena Ilha*. O locutor, honradamente, lamenta que a cinematografia búlgara seja tão mal conhecida entre nós, embora eu esteja certo de que a culpa não é da Bulgária.

O locutor, com exemplar acerto, refere o «período hediondo» do «nazismo sanguinário». Muito bem. Eu cá, se fosse a ele, ainda dizia mais coisas.

Ouvimos ainda ler que o filme nos mostra como um povo luta pela sua causa e pela sua terra. Fala-se em dignidade, à qual o filme é um hino. Fala-se da resistência face à barbárie.

Tudo muito correcto. Só que, sendo assim, porquê se transmitiu o filme para tão fraca audiência? Porquê não lhe deram as honras da maior plateia do país! Não digo no mesmo serão do *Colditz* — a menos que se quisesse fazer um estudo comparativo entre dois temas semelhantes: a fuga de uma prisão fascista.

O CHILE VEM DE LONGE

Simplesmente, a explicação dada pelo locutor não satisfazia de maneira nenhuma, o que, para além da boa vontade, prova ter havido deficiente visionamento do filme. A história passa-se, não durante a ocupação nazi, mas após o levantamento do povo búlgaro contra o fascismo em 1923. Aliás, deveria ter lá ido alguém dizer que, em Setembro de 1923, se deu o primeiro levantamento antifascista da História e que tal facto representa um motivo de glória para a Bulgária.

Logo a seguir à Primeira Guerra Mundial subiu ao Poder a União Agrária Popular, partido da pequena burguesia. O primeiro-ministro, Alexandre Stamboliiski, tomou algumas medidas que restringiam o poder do grande capital em proveito dos trabalhadores. A 9 de Junho o Governo foi derrubado por um golpe de Estado militar-fascista e Stamboliiski assassinado. Pelo que se prova que os chiles são mais antigos do que alguns pensam...

Em Setembro do mesmo ano, deu-se a insurreição popular antifascista que acabou por ser afogada em sangue. Muitos milhares de patriotas pagaram com as suas vidas o preço de viver em dignidade — e o sacrifício não seria em vão: a vitória do povo contra os fascistas internos e extremos acabaria por vir, 21 anos depois, e também em Setembro.

«A Pequena Ilha», dá-nos conta da vida dos prisioneiros na ilha de Santo Anastácio, na sequência da insurreição de 1923. Apenas um pensamento os dominava: alcançar a liberdade para continuar a luta. Como sempre, a liberdade não se alcança sem pesadas perdas. Mas alcança-se.

Faz bem a Bulgária ao produzir estes filmes. Há que mostrar a resistência, há que trazer do passado as lições que ele comporta, é preciso mostrar *quem* lutou, *quem* se sacrificou, *quem*, na prática histórica, defendeu a liberdade e a democracia. Quando se fala em democracia, é preciso saber quem, nos momentos perigosos, enchia as prisões, em vez de encher os bares. Quem estava sendo torturado, enquanto outros, em suas próprias casas, eram servidos por criadas de aventais engomados. Quem, na prática da literatura clandestina, provava ser na realidade o defensor da liberdade de Imprensa. Sim, porque ser pela liberdade de Imprensa, quando ela existe, não é ucharia nenhuma. Com as calças do meu avô também eu sou homem!

Também nós, em Portugal, tivémos audaciosas fugas de prisões. Dariam filmes extraordinários, através dos quais nós poderíamos, também, reivindicar a contribuição dos portugueses para a defesa da dignidade e da liberdade.

O RTPezinha da minha alma, querida, por que não te encarregas tu disso?

Hoje

Uma cena de Gabriela

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

I PROGRAMA

18.45 Abertura. **Um Mundo para descobrir.**
19.13 **Abre-te Sésamo** — «Por cima, Através, Ávolta» «Farripas e o Q».
19.43 **Telejornal** — Flash.
19.48 **Arte — Intervenção.** Sá Nogueira: «O Tema na Pintura». Um programa de Rocha de Sousa e José E. Elyseu.
20.18 **Gabriela** — Tele-novela baseada na obra «Gabriela Cravo e Canela», de Jorge Amado. Adaptação de Walter Durst. Realização de Walter Avancini. Produção da Rede Globo de Televisão.
21.00 **Telejornal** — 1.ª edição. Noticiário do país e do estrangeiro e o Boeltim Meteorológico.
21.38 **A Máquina** — Intérpretes: Alexandre von Sivers, Jean-Pierre Dauzun, Raymond Zone, Anne-Marie La Fère, Fernand Schirren, Roger de Moerloose, Anita Sengers, Numa Kadaner, André Defuandre. Realizador: Pierre Manuel.
Dois jovens funcionários de seguros vão fazer um estágio de informática, numa cidade ideal ultramoderna. Aí entram em conflito com o professor principal, grande defensor dos computadores e da modernização em geral, que acaba por ser afastado e substituído por uma máquina.
23.33 **Telejornal** — 2.ª edição.
23.48 Fecho.

COLISEU
Empresa Ricardo Covões (Herd.) — Tel. 36 19 97
APRESENTA
AMANHÃ, às 21 h. — DOMINGO, «MATINÉE», às 17 e 30 h.
SEGUNDA e TERÇA-FEIRA, às 21 horas
(Maiores de 6 anos)
O MAIOR ACONTECIMENTO DE BAILADO CLÁSSICO
BALLET STANISLAVSKY DE MOSCOVO
Com todas as suas Estrelas, Solistas, Corpo de Baile e Orquestra Sinfónica
NUM TOTAL DE 180 FIGURAS
BILHETES À VENDA PARA TODOS OS BAILADOS A PARTIR DAS 13 HORAS

4º MÊS!
1383
Mais de 25 000 pessoas já viram um dos maiores exitos do teatro português
GRUPO DE CAMPOLIDE
Às 21,30 todas as noites — excepto ao domingo e à segunda. Domingo tarde as 16
N. acons. a m. 13
TRINDADE INATEL

estúdio 444
2.ª SEMANA
uma comédia "fresca" e divertida de JEAN-FRANÇOIS DAVY

INFIDELIDADES
INFIDELITÉS
EASTMANCOLOR INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS TALMA FILMES

Amanhã

I PROGRAMA

14.00: Abertura e Telejornal — 1.ª Edição. **14.17**: Ida e volta. **14.45**: Os Melchiores — 7.º episódio. **15.11**: Ligeiríssimo. **15.42**: Segredos do Mar Vermelho. **16.08**: Animação — Natal em Julho. **16.38**: Policarpo e os Micos. **16.53**: Telejornal — Flash. **17.00**: Primeiros Jogos Desportivos Juvenis da RTP. **18.02**: Os Waltons. **18.55**: Telejornal — Flash. **19.00**: Magazine. **20.00**: Um lugar para ouvir música. **20.28**: Biografia — Viana da Mota. **21.00**: Telejornal — 2.ª Edição. **21.40**: A Feira. **23.00**: Telejornal — 3.ª Edição. **23.15**: Sábado especial com o filme de grande metragem «Pagos a dobrar» realizado por Billy Wilder. **01.00**: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE
Telefs. 882786 899826
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS

SECRETARIA DE ESTADO DOS RECURSOS HÍDRICOS E DO SANEAMENTO BÁSICO

DIRECÇÃO-GERAL DOS RECURSOS E APROVEITAMENTOS HIDRÁULICOS

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE OBRAS HIDRÁULICAS

DIVISÃO DE OBRAS

EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DO AZIBO E DOS ÓRGÃOS DE SEGURANÇA E UTILIZAÇÃO DA ALBUFEIRA

AVISO

Em seguimento ao anúncio publicado no DIÁRIO DA REPÚBLICA, n.º 128-III Série de 2 de Junho de 1977 e respeitante ao concurso público para a empreitada referida em epígrafe, informa-se que os preços de escavação a céu aberto, em galeria e em poço, incluirão as entivações necessárias, pelo que deve ser considerado nulo e sem efeito o estipulado nas cláusulas 30.4.5 e 30.4.6 do respectivo caderno de encargos.

Lisboa, em 28 de Junho de 1977

O ENGENHEIRO DIRECTOR-GERAL
Joaquim Fernando Faria Ferreira

PUB.

SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO SUL

MOÇÃO

A prática do Governo Constitucional contraria os interesses dos trabalhadores, contraria o espírito do 25 de Abril, abre as portas à recuperação capitalista porque não respeita a Constituição.

A prática do Governo Constitucional ataca as organizações sindicais – órgãos de defesa das classes trabalhadoras –, decreta leis imperativas e põe em prática o 49-A (conhecido decreto dos 15%).

A prática do Governo Constitucional ataca a Reforma Agrária – uma das maiores conquistas do Povo português e do 25 de Abril –, provoca o desemprego nos campos, a fome e a miséria. Faz entrega de reservas ilegais com o aparato das forças militarizadas, GNR, em certos casos, fazendo lembrar outros tempos, como o prova a triste «Lei Barreto».

A prática do Governo Constitucional, leva às desintervenções estatais nas empresas salvas da falência pelos trabalhadores, depois de arruinadas pelo patronato sabotador.

Os Ferroviários de Beja, concentrados no Largo do Mercado Velho, em Beja, no dia 22.6.77, considerando estes factos atentatórios à construção da sociedade socialista, decidem:

1.º – Exigir a revogação da legislação imperativa e inconstitucional, nomeadamente o Decreto-Lei N.º 49-A/77 e manifestar a sua disposição de lutar contra a aprovação de leis antioperárias.

2.º – Exigir o fim das entregas de reservas ilegais na Zona da Reforma Agrária.

Beja, 22 de Junho de 1977

Os Ferroviários de Beja

CINEMA DO PALÁCIO FOZ

RESTAURADORES

Ciclo: Terror – 1.ª série

Filme: **«O Gato miou três vezes»**

Realização: Jacques Tourneur

Maiores de 12 anos

Sessões: 15.15 – 18.15 – 21.15

Bilhetes: Esc. 10$00

Iniciativa da Direcção-Geral da Acção Cultural

Ginastas espanholas em Lisboa

. Vai realizar-se, amanhã, no pavilhão do Liceu Pedro Nunes (Lisboa) um encontro de carácter particular, de ginástica rítmica desportiva, entre o Lisboa Ginásio Clube (campeão de Portugal, individual e por equipas) e um bloco espanhol, formado pelos elementos que constituem a selecção do país vizinho que se classificou nos primeiros lugares do campeonato do Mundo recentemente disputado em Madrid.

A representação do Lisboa Ginásio é constituida pelas seguintes atletas: Cristina Santos (campeã nacional do 2.º escalão), João Falcão (2.ª classificada do 1.º escalão), Cristina Lebre (1.ª classificada do 1.º escalão), Elsa Lebre (2.ª classificada do 1.º escalão) Helena Leal (2.ª classificada do 3.º escalão), Elsa Silva (5.ª classificada do 3.º escalão), Eunice Silva (3.ª classificada do 1.º escalão), Helena Santos (3.ª classificada do 1.º escalão), Suzana Silva (4.ª classificada do 1.º escalão) e Adelaide Resende (3.ª classificada do 2.º escalão). É treinadora a professora Jeny Candeias.

A representação espanhola é formada por 11 ginastas, dois treinadores, um pianista e dois juízes. Chefia a delegação a búlgara Ivanka Tchakarova, treinadora da selecção de Espanha. Entre outras, deslocam-se Maria Jesus Alegre, Begona Blasco e África Blesa, que se destacaram no último Mundial disputado na capital espanhola. A equipa portuguesa defrontou recentemente a representação espanhola (em Madrid) tendo obtido um 3º. e um 5.º lugares.

Saliente-se a particularidade de as atletas espanholas ficarem hospedadas nas casas das suas colegas portuguesas.

treinadora da selecção de Espanha. Entre outras, deslocam-se Maria Jesus Alegre, Begona Blasco e África Blesa, que se destacaram no último Mundial disputado na capitalll espanhola. A equipa portuguesa defrontou recentemente aaa representação espanhola (em Madrid) tendo obtido um 3º. e um 5.º lugares.

Saliente-se a particularidade de as atletas espanholae ficarem hospedadas nas casas das suas colegas portuguesas.

O presidente sportinguista João Rocha reuniu ontem, em sua casa, alguns dos jornalistas que fizeram cobertura radiofónica dos encontros de hóquei patinado que catapultaram os «leões» para a conqqista da «Taça dos Clubes Campeões Europeus». Na imagem: João Rocha, dr. Nunes dos Santos (vice-presidente dos verde-brancos, Amadeu José de Freitas, Neves de Sousa (nosso camarada de Redacção), Olivério Serpa, dr. Sousa Marques (encoberto) e Abel de Figueiredo

"Esperanças" patinam na Alemanha

. Para participar no Torneio Internacional de Hóquei em Patins que se disputa em Darmstadt, parte hoje para a Alemanha Federal a selecção de Portugal de «esperanças».

A representação nacional é constituída por Rui Santa Bárbara (chefe da embaixada), Torcato Ferreira (seleccionador e treinador nacional), José Veiga (massagista), Florindo Lopes (mecânico) e oito jogadores: Eloi (Sotto Mayor), Vicente (Paço de Arcos)-guarda-redes; José Carlos (Parede), Fernando Pereira (Salesiana) e Fernando Soares (Sotto Mayor), defesas e médios; Picas (Salesiana), Rui (Amadora) e Piruças (Salesiana), avançados.

O calendário dos jogos indica, para amanhã, pela manhã: Suíça-Egipto, Darmstadt-Alemanha, Portugal-Ober Ranstadt. À tarde: Alemanha-Suíça, Darmstadt-Ober Ramstadt e Portugal-Egipto. À noite: Suíça-Ober Manstadt, Egipto-Alemanha e Darmstadt-Portugal. Domingo, pela manhã: Egipto-Ober Ramstadt, Alemanha-Portugal e Darmstadt-Suíça. À tarde: Alemanha-Ober Ramstadt, Darmstadt-Egipto e Portugal-Suíça.

PORTUGAL

AREÓPAGO

Vasco Resende (da Secretaria de Estado da Juventude e Desportos) e o prof. Mário Vital de Melo (da DGD) foram nomeados para organizar a reunião de trabalho dos ministros responsáveis pelo Desporto dos países do Conselho da Europa, que decorrerá em Lisboa, nos dias 3 e 4 de Outubro.

ATLETISMO

Amanhã, no Estádio Nacional, provas de Atletismo para iniciados.

BELENENSES

A «Comissão Prò-Campo de Jogos Polivalente do Clube de Futebol «Os Belenenses» patrocina a realização de um espectáculo denominado «Camilo em Férias» criado com a colaboração dos Parodiantes de Lisboa. O referido espectáculo tem lugar no próprio pavilhão do Campo Polivalente, no Restelo, amanhã, pelas 21 e 30, e destina-se a angariação de fundos que auxiliarão a conclusão das obras em curso.

BRIDGE

Para encerramento da época, a Federação de Bridge promove, hoje e amanhã, a disputa da «Taça de PPortugal, que terá lugar no Centro de Bridge de Lisboa, em 3 sessões na modalidade de pares «open» com «handicap», o que beneficia os jogadores menos pontuados.

HALTEROFILISMO

Vai realizar-se, pela primeira vez a nível de clubes, um encontro de halterofilia entre atletas portugueses e espanhois. O encontro, que se efectua esta tarde, oporá o Ginásio Clube Português a uma selecção de Castela. Os portugueses: José Sequeira, categoria de 67,5 quilos (melhor marca: 165,5 quilos); Joaquim Costa, recordista nacional de juniores, categoria de 75 quilos (melhor marca: 230 quilos); Rui Gonçalves, categoria 110 quilos (melhor marca: 220 quilos).

PATINAGEM

Festival de patinagem artística, no domingo, no pavilhão gimnodesportivo da Amadora.

VOLEIBOL

A equipa feminina de voleibol do Ouralotchka (da União Soviética) chega hoje a Portugal para realizar alguns jogos com clubes e a selecção do Norte. A sjogadoras soviéticas defrontam amanhã, na cidade de Braga, uma selecção local. No dia 4, no pavilhão gimnodesportivo de Espinho, a equipa da URSS actua com a equipa do Leixões, efectuando no dia 5, no Liceu de Vila Nova de Gaia, uma sessão de treino, com a assistência de jogadores e técnicos das equipas filiadas no Inatel e federados. No dia 6, no pavilhão do Académico, a equipa do Ouratotchka defronta a selecção do Porto.

SACAVÉM

Esta noite, no Sport Grupo Sacavenense, efectua-se um festival com actuação das classes de ginástica da colectividade (dirigidas pelo prof. Delfim de Matos, Manuel Jorge e João Silva), de patinagem artística do Clube Sotto Mayor (da responsabilidade de Cristina Correia), do Núcleo de Patinagem da Damaia (orientado por Judite Gomes), da Escola de Patinagem da Associação Desportiva de Oeiras comandada por Maria Edite Reis) e de equipas do Lisboa Ginásio Clube (ginástica desportiva feminina e classe masculina de acrobacia elementar).

TÉNIS DE MESA

A 14 do corrente, os clubes filiados na Associação de Ténis de Mesa de Lisboa reunem-se para detalhada análise do momento da modalidade.

TIRO AO ARCO

João Inácio (CNN), Ana Vaz (Lisboa Ginásio) e o junior Luís Martins (CNN) foram os nomes triunfantes no «Dia Olímpico», em tiro ao arco.

VELA

Amanhã e domingo, em Vila Franca de Xira, efectuam-se regatas organizadas pelo União Desportiva Vilafranquense, integradas no genérico das «Festas do Colete Encarnado».

NATAÇÃO

Paulo e Ana rubricam recordes

. . Teve lugar ontem na piscina do Sport Algés e Dafundo, o 12.º Festival de Preparação da Associação de Natação de Lisboa, ao qual concorreram cerca de meia centena de atletas, em representação do Benfica, União Piedense, Sport Algés e Dafundo, Nacional de Natação e Clube Desportivo da Cova da Piedade, bem como um nadador individual.

Disputaram-se as provas de 200 metros mariposa, para ambos os sexos, tendo Paulo Frischknecht e Ana Yocochi batido os recordes absolutos e os das respectivas categorias, assim como a benfiquista Liliana Santos conseguiu o recorde nacional de juniores.

Classificações masculinos (32 concorrentes): 1.º Paulo Frischknecht, Algés, em 15,50s (recorde nacional absoluto e de juniores); 2.º Orlando Almeida Dias, Algés, 2.26,60; 3.º Vítor Costa Marques, U. Piedense, 2.28,40.

Femininos (15 concorrentes): 1.ª Ana Yocochi, Benfica, 2.38,70 (recorde nacional absoluto e de juvenis); 2.ª Liliana Santos, Benfica, 2.39,70 (recorde nacional de juniores); 3.ª Ana Banha, Algés, 2.50. 2.50.

Ciclismo em Sintra: fim-de-semana saloio

A Associação de Ciclismo do Sul promove, com o patrocínio do Hóquei Clube de Sintra e destinado às categorias de seniores de 1.ª e 2.ª a prova denominada Grande Prémio de Sintra, em três etapas. A primeira será amanhã, com início às 8.30 horas e o seguinte itinerário: Sintra, Estefânia, Loures, Terrugem, S. João das Lampas, Fontanelas, Azenhas do Mar, Mucifal, Nafarros, Malveira da Serra, Lagoa Azul, S. Pedro, Sintra, Ranholas, Mem-Martins, Portela e Sintra, na distância de 100 quilómetros.

No domingo de manhã (com partida às 8.30 horas) terá lugar a segunda etapa com o seguinte percurso: Sintra, S. Pedro, Linhó, Albarraque, Abrunheira, Rio de Mouro, Cacém, Queluz, Carenque, Belas, Sabugo, Pedra Furada, Pero Pinheiro, Vila Verde, Terrugem, Odrinhas e S. João das Lampas, na distância de 40 quilómetros e ao longo do seguintee itinerário: Sintra, Avenida das Forças Armadas, Rua Dr. Alves Pereira, Rua D. Afonso Henriques, Rua Dr. Álvaro de Vasconcelos e Avenida das Forças Armadas,

Em caixa

HIPÓTESES PERDIDAS

Confidenciado por Fernando Martins, «leader» da lista de opção» que foi candidata à presidência benfiquista:

. . . **Se tivéssemos sido eleitos, recrutaríamos os avançados Celso (Boavista) e Bolota (Montijo) por serem, dentro dos elementos que interessavam ao Benfica, os que melhor podia suprir a ausência de um verdadeiro «homem da área».**

IMBRÓGLIO ESTRANHO

No Benfica, uma notícia que transpira (largamente) e ainda não foi desmentida publicamente: está a proceder-se a um largo inquérito aos serviços financeiros do clube, por haver suspeita de desvios de dinheiros referentes à quotização dos associados. Entretanto, confirma-se o pedido de demissão apresentado por um credenciado funcionário clubista que afirma ir mover um processo de «perdas e danos» ao Benfica. O que sairá disto tudo?

FUTEBOL EM TEMPO DE PRAIA

Sporting: preparador físico britânico

O Sporting está prestes a resolver o preenchimento do seu quadro de técnicos e futebolistas. Vem aí um preparador físico britânico, que ficará a trabalhar sob as ordens de um técnico de língua portuguesa, sendo igualmente provável que um antigo futebolista dos «leões» (que em Alvalade deu os primeiros passos, como treinador das categorias inferiores) venha trabalhar como adjunto, na preparação de reservistas e juniores.

Por outro lado, confirma-se a vinda para Portugal de dois jogadores brasileiros: um médio-extremo (de 24 anos) e um quarto defesa (de 25 anos), senhor de boa estampa atlética e rotulado como um dos «cinco melhores» do Brasil, no seu posto.

Entretanto, pode garantir-se que um conhecido «internacional» vai ingressar no Sporting, em mudança de camisola que deve desencadear uma verdadeira torrente de afirmações públicas... O contrato, por dois anos, deverá ser hoje assinado.

Ao mesmo tempo, aceleraram-se as negociações para o regresso de Botelho que, a não concretizar a vinda para Alvalade, poderá (eventualmente) ceder o convite a Damas, interessado em voltar ao futebol português. Tal e qual como Jordão que (dizem os dirigentes sportinguistas) *está de pedra e cal* no grupo de Laranjeira e Manuel Fernandes.

BENFICA

Rui Lopes regressa à Luz, depois de ter representado o Vitória de Guimarães. O contrato com o Benfica alonga-se por dois anos.

BRAGA

Zezinho, o luso-brasileiro que esteve ao serviço do Braga, vai mudar-se para o Sporting de Espinho.

BRASIL

A França empatou a duas bolas com o Brasil, num desafio de futebol disputado a noite passada no Rio de Janeiro. Os brasileiros, que ganhavam por 1 a 0 ao intervalo, obtiveram os seus golos por intermédio de Edinho e Roberto. Os tentos da selecção da França foram assinados por Six e Trésor.

CABO VERDE

Um grupo de futebolistas, convidados por intermédio do «internacional» Alhinho, parte hoje para Cavo Verde, onde vai fazer duas actuações sob patrocínio do Governo local. Do bloco fazem parte Nelinho, o irmão de Alhinho (já contratado pelo Belenenses), Óscar e outros nomes de primeiro plano.

CASAMENTO

João Laranjeira, «capitão» do Sporting, consorcia-se amanhã, nos Estados Unidos, com uma luso-americana que conheceu naquele país, quando ali actuou pelos «leões».

ESPINHO

Abrantes (Montijo) está em negociações para se transferir para o Sporting de Espinho.

EUA

Os dólares continuam a ser atracção muito forte: agora é o conimbricense Costa que, durante o mês de Agosto, vai actuar na turma em que alinha Artur Jorge.

FEIRENSE

O Feirense recrutou, no Vitória de Guimarães, o brasileiro Zequinha.

FINAL

Amanhã, pelas 18 horas, sob a égide da AFL, disputa-se, no Estádio de Alvalade, a final da «Prova de Qualificação de Seniores», entre as representações do Andorinhas e da Concentração Musical «1.º de Junho de 1914». Entradas pela bancada central e bilhetes ao preço unitário de 20 escudos.

HOMENAGEM

Na tarde de amanhã, a partir das 17 horas, festa de homenagem, no Barreiro, a António Soeiro (Caco), empregado (há 40 anos) no campo de futebol do Barreirense. Programa: Benfica-Belenenses e Barrense-Atlético, entre «onzes» de «velhas guardas». À frente da organização encontra-se Correia Dias que, aos grupos de chutadores veteranos, tem ofertado a melhor colaboração e todo o esforço. Na comissão da homenagem, dois nomes prestigiosos: Vasques e Báulio.

MADEIRA

Começou a disputar-se o Torneio Internacional de Futebol «Madeirem-77», no qual participam as equipas do Marítimo e do Nacional (ambas da Madeira) e o Desportivo de Caracas e «Os Lusíadas», agrupamentos de emigrantes portugueses, respectivamente da Venezuela e da África do Sul. A 1.ª jornada, disputada no Estádio dos Barreiros (Funchal) forneceu os seguintes resultados: Nacional-«Os Lusíadas», 0-1 e Marítimo-Desportivo de Caracas, 1-0.

NACIONAIS

Os sorteios para os campeonatos nacionais efectuam-se esta noite (21 horas) na sede federativa.

NELINHO

Como era esperado (em face do desencontro em relação ao ponto de vista da direcção benfiquista) Nelinho deixou a Luz, concretizando o convite do Sporting de Braga. O excelente extremo, indiscutivelmente o elemento em melhor forma nesse lugar ao longo de toda a temporada, artífice de boa quota parte dos êxitos do Benfica, muda-se para o «1.º de Maio», após a viagem que vai fazer (de hoje até 9 do corrente) a Cabo Verde e umas curtas férias em Monte Gordo (Algarve). Nelinho, que receberá 86 contos mensais, cobrou de «luvas» 500 contos e vai, com mulher e filho, radicar-se em Braga durante três anos.

SECUNDÁRIOS

Com os jogos Famalicão-U. Lamas (zona Norte) e Barreirense-Portalegrense (zona Sul) teve início a segunda fase da Taça FPF, para clubes da 2.ª divisão. Famalicenses e Barreirenses derrotaram os seus adversários por 3-0 e 2-0, respectivamente. A próxima jornada disputa-se amanhã, com os desafios Lamas-Covilhã (ZN) e Portalegrense-Olhanense (ZS).

No que respeita aos encontros da 1.ª jornada da mesma fase da Taça, entre clubes da 3.ª divisão, o Bragança venceu o Águeda (por 3-0) e o Elvas derrotou o Marrazes, (também por 3-0). Lamego-Águeda (ZN) e Marrazes-Luso (ZS) são os jogos da próxima jornada, igualmente amanhã.

TAÇA FPF

O Sporting de Braga foi o vencedor da «Taça Federação Portuguesa de Futebol», ao bater ontem, no Estádio Municipal de Coimbra, a equipa do Estoril Praia, por duas bolas a zero.

Dirigiu a partida o juiz Castro e Sousa de Coimbra, e as formações apresentadas foram as seguintes:

. **Sp. Braga**: Fidalgo, Mendes, Fernando, Serra e Vilaça; Paulo Rocha, Pinto e Garcia (Zezinho); Chico Faria (Beck), Caio e Chico Gordo.

Estoril: Ruas; Vieira, Fernando, Amílcar e Peixoto; Nelson Reis, Torres (Manuel Fernandes Óscar (Quim) e Fernando Martins; Clésio e Cepêda.

Marcadores: Caio (aos 18 m), e Garcia (aos 41).

Boas actuações de Caio, Chico Faria, Mendes e Chico Gordo (no Braga), Torres, Nelson Reis e Fernando Martins (no Estoril) durante um encontro muito bem arbitrado e disputado com grande correcção, mas quase a passo ...

Além do troféu, o Braga embolsou o prémio de 500 contos.

VILA REAL

. Orlando Moreira, que episodicamente esteve a dirigir o futebol orientalista, é o novo treinador do Vila Real.

"Team" da África do Sul joga na Madeira

O insólito aconteceu: afrontando todas as proibições, o Lusitano de Joanesburgo (África do Sul) alinhou no Funchal (Estádio dos Barreiros) perante o Marítimo, sob o nome de «Lusíadas», embora os galhardetes e as camisolas trouxessem, bem explicada, a designação autêntica do «team». Dedididamente, a Madeira é uma terra de contrastes...

Queniano bate recorde dos 10 mil

Sanson Kimombwa, do Quénia, estabeleceu ontem um novo recorde mundial dos 10.000 metros, com 27.30,47, durante as provas da 11.ª edição dos Jogos Mundiais, no Estádio Olímpico de Helsínquia. O anterior recorde pertencia, desde Setembro de 1973, a David Bedford, com 27.30,8.

Na mesma prova foram igualmente batidos os recordes nacionais da Itália, do Japão e do México. Todavia, o segundo lugar pertenceu a outro queniano (Mike Musyoki), que foi creditado de 27.41,92 seguido de Tony Simmons, da Grã-Bretanha, com 27. 43,59. O novo recorde nipónico é agora de 27.48,63 e foi estabelecido por Toshiaki Kamata, 5.º classificado. Rodolfo Gomez, do México, terminou em 9.º lugar, com 28.08,53, estabelecendo novo recorde do seu país.

O novo recordista mundial, Samson Kimombwa, estudante de agronomia na Universidade de Washington, ficou surpreendido com a sua proeza. «Não estava preparado para isso. Não sabia que íamos bater o recorde, os outros atletas ajudaram-me imenso em especial o britânico que comandou a corrida Simmons, agradeço-lhe por isso» — afirmou Kimombwa. Com 21 anos, 1,67 de altura e 55 quilos, Kimombwa mostrava-se surpreendentemente fresco depois de terminada a prova.

Esta foi a 4.ª vez que correu os 10.000 metros, tendo triunfado nos campeonatos universitários norte-americanos e vencido igualmente as outras três provas.

A corrida começou com Franco Fava no comando, mas Tony Simmons passou quase de imediato para a frente, impondo um ritmo mais rápido. Percorridos 5.000 metros (13.48,7 — tempo de passagem), começaram a fazer-se sentir os efeitos do ritmo imposto pelos homens da frente. Do grupo de comando descolaram três atletas e quatro voltas mais tardee, (aos 6.700 metros), Kimombwa passou para o topo seguido de Myusyokie, de Kamat (durante 600 metros)e de Musyoki. depois, Kimombwa correu isolado, aumentando progressivamente o seu avanço.

«Aos 8.000 metros (declarou) apercebi-me de que poderia estabelecer um novo recorde. Mas (é claro) não tinha a certeza. E tentei acelerar um pouco mais».

Por 33 centésimos de segundo seria batido o recorde de David Bedford, estabelecido em Londres, em 7 de Julho de 1973.

Tempos de passagem: 1.000 m (Simmons), 2.45,2; 2000 m (Fava) 5.28,2; 3.000 m (Simmons) 8.14,3; 4.000 (Fava 11.01,4; 5.000 (Simmons) 13.48,7; 6.000 (Simmons) 16.05,7; 7.000 (Kimombwa) 19.17,4; 8.000 (Kimombwa) 22.00,5; 9.000 (Kimombwa) 24.46,0 e os últimos 1.000 metros percorridos em 2.44,47.

Classificação: 1. Samson Kimombwa, Quénia, 27.30,47 — novo recorde mundial; 2. Mike Musyoki, Quénia, 27.41,92; 3.Franco Fava, Itália, 27.42,65 — recorde italiano; 4. Tony Simmons, Grã-Bretanha, 27.43,59; 5. Toshiaki Kamata, Japão, 27.48,63 — recorde nipónico; 6. Hideki Kita, Japão, 28.05,62; 7. Lasse Orimus, Finlândia, 28.05,72; 8. Kunimitsu Ito, Japão, 28.05,93; 9.Rodolfo Gomez, México 28.08,53 — recorde mexicano; 10. Pekka Paivarinta, Finlândia, 28.17,16; 11. Martti Vainio, Finlândia, 28.26,19; 12. Seppo Nikkari, Finlândia, 28.29.82; 13. Shigeru So, Japão, 28.37,16; 14. Kaarlo Maaninka, Finlândia, 28.37,68; 15. Takeshi So, Japão, 28.56.14.

Volta a França: Agostinho começa em 4.º

O alemão federal Dietrich Thrurau ganhou o contra-relógio que serviu de prólogo à «Volta à França», disputado em Fleurance. Joaquim Agostinho classificou-se em 4.º lugar, a seguir a Eddie Merckx. José martins e Fernando Mendes ficaram respectivamente em 55.º e 57.º lugares: o primeiro com 6.48.08 e o segundo com 6.48,67.

Classificação do contra-relógio: 1. Dietrich Thurau, Alemanha, 6.16,07; 2. Gerrie Kneteman, Holanda, 6.20,93; 3. Eddie Merckx, Beélgica, 6.24,47; 4. Joaquim Agostinho, 6.27,10; 5. Joseph Bruyere, Bélgica, 6.27,61; 6. Klaus Peter Thaler, Alemanha, 6.28,36; 7. Ferdinando Bracke, Bélgica, 6.28,72; 8. Michel Laurent, França, 6.29,72; 9. Wildfrid Wesmael, Bélgica, 6.29,80 e 10. Lucien Van Impe, Bélgica, 6.30,62.

Calssificação por equipas: 1. Raleich (Thurau, Khetemnann, Kuiper) 19.10.51; 2. Fiat (Merckx, Bruyere, Delcroix) 19.28.08; 3. Teka (Agostinho, Thaler, Aja) 19.35.98; 4. Lejeune (Bracke, Van Impe, Schuiten) 19.36.71; 5. Frisol (Wesemael, Wellens, Raas) 19.39.78; 6. Mercier (Rouxel, Vallet, Zoetemelk) 19.42.28; 7. Peugeot (Laurent, Thevenet, Ovion) 19.46.66; 8.Kas (Cima, Galdós, Nazabal) 20.01.16; 9. Bianchi (Van Linden, Parsani, Cavalcanti) 20.07.11; 10. Gitane (Bossis, Chassang, Villemane) 20.10.04.

O «LEADER»

Nome: Dietrich Thurau. Nacionalidade: Alemã. Data e local do nascimento: 9-11-54, em Francfort. Profissional desde Outubro de 1974. Principais êxitos como amador: campeão júnior da Alemanha, perseguição (71) e estrada (72); vencedor dos «Seis Dias de Berlim» (72 e 73), campeão mundial de perseguição por equipas (74). Como profissional: 1975 — 6.º classificado do Paris-Nice; 3.º da «Volta à Andaluzia», 2.º da «Volta ao Indre e Loire», vencedor da «Volta ao Oise», campeão da Alemanha (perseguição e estrada), vencedor do «Prémio de Fourmies» e dos «Seis Dias de Berlim». 1976 — Vencedor do prólogo e de 4 etapas da «Volta à Espanha» e da 6.ª etapa da «Volta à Suíça», campeão da Alemanha, vencedor dos «Seis Dias de Berlim» e de Francfort. 1977 — Vencedor da «Volta à Andaluzia» (ganhou 6 etapas), 8.º classificado do «Paris-Nice», 8.º do Paris---Roubaix, 3.º do Circuito Liège-Bastogne-Liège, 2.º do «Prémio de Francfort» e 4.º dos «Quatro Dias de Dunquerque. É a primeira vez que se apresenta na «Volta à França».

Mário Soares recebeu o Benfica

O Primeiro-Ministro Mário Soares, acompanhado do secretário de Estado da Juventude e Desportos (dr. Joaquim de Sousa), recebeu ontem em audiência, a direcção do Benfica, que lhe foi apresentar cumprimentos.

Após o encontro, que durou mais de uma hhora, José Ferreira Queimado (presidente da direcção do Benfica) considerou que o encontro fora extremamente útil. Salientou, ainda, o facto de que, apesar de a audiência ter tido como objectivo primordial apresentar os cumprimentos dos novos corpos gerentes do Benfica, ela permitiu uma troca de impressões sobre aquilo que é possível fazer no próximo futuro em relação aos problemas que existem e de tornar o clube mais operativo, com vista a servir a cidade e o País.

Atletismo "leonino" na Taça dos Campeões

Carlos Lopes (que se encontra lesionado) é o grande ausente na equipa do Sporting, que amanhã e domingo, no Estádio de Wolverhampton (na Inglaterra) disputa, pela terceira vez consecutiva, a «Taça dos Clubes Campeões Europeus de Atletismo». A distribuição dos atletas pelas várias provas só será conhecida em Wolverhampton, após a reunião técnica que terá lugar com os organizadores.

E equipa do Sporting, que parte hoje para Londres, e depois seguirá de autocarro para Wolverhampton, é constituída por José Fidalgo (director e chefe da embaixada), Ernesto Garcia («capitão» da secção), Vale Figueira (massagista), Jorge Proença (técnico) e os seguintes 31 atletas: António Fernandes, Joaquim Carvalho, Acácio Santos, José Carvalho, Alves da Silva, Jorge Branco, Bernardo Manuel, Carlos Cabral, João Campos, Fernando Mamede, Aniceto Simões, Neves Fernandes, João Catarrè, João Raposo, Alverto Silva, Rafael Marques, Adriano Rodrigues, António Borges, Diogo Lavajo, Jorge Grave, José Pedroso, Silvério Manso, Péricles Pinto, João Ganso, Vítor Mendes, Carlos Cravina, Luís Azevedo, Manuel Miguel, Raposo Borges, Américo Barros e João Alves. Seguem, também integrados na caravana, o prof. Moniz Pereira e Rui Oliveira (técnicos).

Esta edição da «Taça» é disputada pelos seguintes clubes: Union Salzburg (Áustria), RPF Liegeois (Bélgica), TV Wattenscheid (Alemanha Federal), Wallehermoso (Espanha), Racing Clube de France (França), Wolverhampton (Grã-Bretanha), Atlético Rieti (Itália), Leevale AC (Irlanda), Amsterdamsche AC (Holanda), Sporting Clube de Portugal, Vasteras IK e Crvena IK (ambos da Suécia) e Crverna Zvezda Beobrad (Jugoslávia).

Delegação do MDM na URSS

Dedicado ao 60 aniversário da Revolução Socialista de Outubro de 1917, está a decorrer em Moscovo um encontro internacional subordinado ao tema «A Mulher e o Socialismo» que conta com a participação de uma delegação do Movimento Democrático Português.

A delegada do MDM, Luísa Amorim, apresentará uma comunicação em que se analisa as repercussões da Revolução de Outubro de 1917 no «desenvolvimento da luta das forças progressistas portuguesas contra o fascismo, nos anos da ditadura». Luísa Amorim abordará igualmente a situação das mulheres portuguesas antes do 25 de Abril e as mudanças que ocorreram após essa data.

Além das sessões plenárias, este Encontro Internacional engloba grupos de trabalho que abordarão temas como: «O trabalho e a actividade sociopolítica das mulheres» e «A Mulher e a Família». Estão ainda previstas visitas a empresas e estabelecimentos e uma viagem através da URSS.

Unanimidade na ONU para apoiar Moçambique

O Conselho de Segurança condenou a Rodésia por agressão contra Moçambique e lançou um apelo a todos os Estados para fornecerem auxílio imediato ao Governo de Maputo destinado a reforçar as suas defesas.

Uma resolução, aprovada ontem, à noite, numa votação unânime rara, não especificava a forma de auxílio e países membros ocidentais falaram de ajuda económica a Moçambique.

Contudo, os países do Terceiro Mundo, patrocinadores da resolução, notaram que não havia restrições quanto ao «auxílio material substancial» mencionado no texto e que deveria incluir equipamento militar.

Marcelino dos Santos, vice-presidente da Frelimo, o partido que ocupa o poder em Moçambique, insistira em que o seu país necessitava de armas quando apresentou a queixa de Maputo contra a Rodésia.

Após a votação, Marcelino dos Santos observou que regressaria à pátria convencido do apoio mundial à causa de Moçambique para assegurar uma independência autêntica e eliminar a fome e a miséria.

CEE financia produção de algodão na Guiné-Bissau

Um auxílio financeiro no montante de 210 milhões de pesos (cerca de 240 milhões de escudos) foi concedido pela Comunidade Económica Europeia (CEE) à Guiné-Bissau, ao abrigo de um acordo assinado, há dias, em Bruxelas pelo comissário do Estado da Energia, Indústria e Recursos Naturais, Filinto Vaz Martins, com aquela organização internacional.

Segundo informa o jornal «nô Pintcha», esse auxílio financeiro destina-se à montagem de uma fábrica de desgranação e estocagem de algodão, à aquisição de 27 camiões com reboque e pulverizadores e à construção de alojamentos para trabalhadores. O projecto, a realizar em três anos, será implantado, em Bafatá.

O mesmo jornal informa que o comissário de Estado Filinto Vaz Martins, durante a sua estada em Bruxelas, estabeleceu contactos com alguns Ministérios belgas com os quais estudou as possibilidades de uma cooperação económica bilateral e assinou ainda um acordo de financiamento para a montagem de silos para arroz e mancarra.

Entretanto, e de acordo ainda com aquele jornal, foi assinado em Bissau um protocolo de cooperação técnica entre a República da Guiné-Bissau e a sociedade nacional chinesa de exportação de equipamentos completos, pelo qual esta empresa de Pequim se compromete a dar assistência técnica à construção do complexo hidráulico do Rio Udunbamane.

A construção deste complexo integra-se nos planos do Comissariado do Estado da Agricultura e Pecuária com vista a uma auto-suficiência do país em produtos agrícolas de primeira necessidade.

Angola mobiliza trabalhadores urbanos para colheita do café

Com o objectivo de colher pelos menos 80 mil toneladas de café, começa hoje na República Popular de Angola, a campanha que procurará além da mão-de-obra que trabalha no sector, mais de 50 mil pessoas, em várias cidades do País, segundo notícia a ANOP., a partir de Luanda.

A «campanha da colheita do café» deverá durar cerca de dois meses e faz parte dos grandes esforços para estimular a reconstrução económica do País, efectuando uma mobilização política geral, após os incidentes gerados pela tentativa de golpe de estado de 27 de Maio último.

Um apelo do Ministério angolano da Agricultura sublinha que «o café é a principal fonte de divisas na agricultura e deve-se consagrar-lhe a maior atenção».

Antes da conquista de independência, Angola produzia mais de 200 mil toneladas de café por ano e era o quarto produtor mundial deste produto, cujos, preços aumentaram vertiginosamente no mercado mundial.

Os armazéns de Angola ainda têm café de colheitas anteriores que, por diversas razões, não pode ser exportado.

No seu comunicado, o ministério da Agricultura frisa que o objectivo principal da economia nacional é alcançar «o nível de produção de café de 1973».

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental Céu estava pouco nublado ou limpo o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS
Máxima 30,5°
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 8°

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco soprando em regime de nortada moderado na faixa costeira ocidental no começo da noite, possibilidades de aumento eventual de nebulosidade em especial durante a tarde e nas regiões do interior a Sul do Tejo com ocorrência ocasional de trovoada e aguaceiros.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	22°
P. DOURADAS	15.°
COIMBRA	22°
PORTALEGRE	22.°
LISBOA	21.°
SAGRES	21°
FARO	24°
P. DELGADA	20°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
2.58 4,1 m	8.31 0,8 m
15.18 4,4 m	21.01 0,7 m
Dia 2	
3.47 4,2 m	9.18 0,8 m
16.06 4,4 m	21.49 0,7 m
Dia 3	
4.35 4,2 m	10.04 0,9 m
16.52 4,4 m	22.35 0,8 m

AMANHÃ

NASCER AS 6.16
OCASO AS 21.05

DIA 1 DIA 8 DIA 16 DIA 23

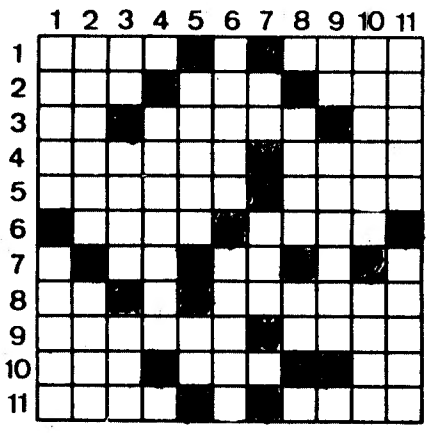
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11778

HORIZONTAIS:

1 Pronome indefinido. Terreno.
2 Renque. Grande quantidade. Estima.
3 Catedral. Costumes. Átomo.
4 Trilhado. Forragem em verde.
5 Prenderas. Luz da Lua.
6 Grande afeição. Vais para fora.
7 Antigo Testamento. Ouro (s.q).
8 Prefixo de negação. Errara.
9 Fechasse as asas para descer mais depressa. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
10 Recusa. Nome de letra. Distar.
11 Catafalco. Planta têxtil do Ceara.



VERTICAIS:

1 Carepa. Ave palmípede.
2 Amamenta. Dásmios.
3 Oferece. Caruma. Preposição e artigo definido.
4 Rreieiras.
5 Girar. Apelido da mãe de Luís de Camões.
6 Maneiras. Aferro.
7 Rádio (sq) Trnsfire.
8 Carimba. Cento e um em romano.
9 Tempo do verbo haver. Restos.
10 Desejavas. Faísca.
11 Diz-se do que é cómico, engraçado ou extravagante (inv). Folha da videira.

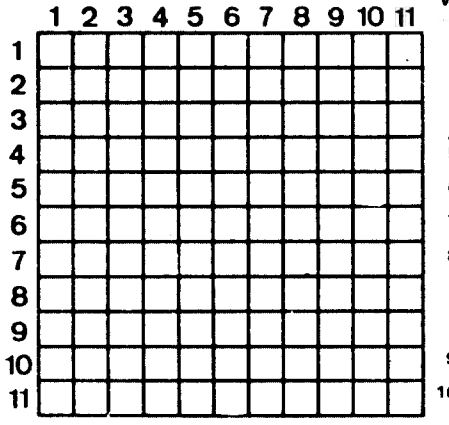
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7839

HORIZONTAIS:

1 Amónio (s.q). Rio da Suíça. Corrente.
2 Cidade do Egipto. Escutem.
3 Avalia. Primeira parte do nome dum quadro célebre de Manet, existente no Louvre.
4 Troça. Costure. Caminhar.
5 Antigo país da Europa compreendido entre o Tisza, o Danúbio, o Ponto Euxino, o Dniestre e os Cárpatos. Queimar.
6 Cidade de Espanha.
7 Avermelhada. Formar as abas a.
8 Tritura. Possuirá.
9 Sugas o leite materno. Também não.
10 Agora. Acabamento de licença.
11 Esmurrarias.



VERTICAIS:

1 Despertar. Pedras de moinho.
2 Nome de mulher. Rezar.
3 Cento e um em romano. Uma das Espórades. Conjunção.
4 Arara. Fruto do México.
5 Preposição e artigo. Restos.
6 Boro (s.q). Tempo do verbo ir.
7 Pequeno símio do Brasil. Oceano.
8 Género de oleáceas, originária da Pérsia, que floresce na Primavera. Antigo Testamento. Tratamento que se dá na China a certas pessoas.
9 Ferro temperado. Bodegona. (fig).
10 Préstimo. Superfícies compreendidas dentro de certos limites.
11 Ligaram.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11777

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Passa. Medas.	1 Par. SOL. Mal.
2 AGOSTO. Rana.	2 Agá. Emes. NO.
3 Ralar. AR. Dá.	3 Solar. Gata.
4 Oitavo.	4 SSa. Rua. Ata.
5 Serranos.	5 Atroa. RaPar.
6 Om.	6 Ina. Má.
7 LeGar. RuaVa.	7 Ato. ROSTO.
8 Sa. Amoiram.	8 Erras. Ui!
9 TaPas. Mo.	9 Dá. Bar. Oó.
10 Anata. Tacos.	10 Andor. Vamos.
11 Ló. Arão. Osa.	11 Saá. Ramosa.

Provérvio: Agosto dá sol no rosto

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7838

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Coice, Fanar.	1 Cu. Canga. Mo.
2 Usais. Anuia.	2 Os. Arara. Al.
3 Mat. Lha.	3 Iam. Ne.
4 Ca. Simão.	4 Cias. Gaga.
5 Ará. Cor. UPa.	5 Esticaremos.
6 Na. Dar. Caim.	6 Morare.
7 Grá. Ras. Iço.	7 Falar. Sa. Ré.
8 Aa. Geral. As.	8 Anho. Lias.
9 As.	9 Nua. Uaí! Al.
9 Ama. Iam.	10 Aí. Picamos.
10 Mango. Ralo	11 Rã. Iamos.
11 Oleasses. SS.	

S. R.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto - Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-CRGE) e a que se refere o processo 8/59 783, arquivo 14, para o estabelecimento no concelho de Oeiras, de modificação da linha mista a 10 kV, n.º 600, entre o posto de transformação e seccionamento n.º 891 e o apoio n.º 15 com uma diminuição de 50 metros no comprimento, em Queluz de Baixo.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 24 de Junho de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OEIRAS

2.ª publicação

ANUNCIO

Pelo 1.º Juízo de Direito desta comarca, nos autos de Acção de Divórcio pendentes na 1.ª secção que Gracinda da Costa, casada, doméstica, residente na Rua Luís de Camões, lote 5-cave-Direita, em Algés move contra Mário Teixeira Gomes, casado, ausente em parte incerta e com a última residência conhecida em Vila Verde de Oura, concelho de Chaves, é este réu citado, para contestar, querendo, apresentando a sua defesa no prazo de vinte dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, consistindo o pedido da autora em lhe ser concedido o benefício de assistência judiciária e ser decretado o divórcio entre a autora e o réu.

Oeiras, 5 de Maio de 1977

O JUIZ DE DIREITO DO 1.º JUÍZO,
a) **Francisco José Galrão de Sousa Chichorro Rodrigues**

O ESCRIVÃO DE DIREITO DA 1.ª SECÇÃO,
a) **Maria Odete Vasques Martins**

CP — Caminhos de Ferro Portugueses

Venda de Motores Diesel

Está aberto concurso, até ao dia 29-7-77, para venda os seguintes materiais:

— 18 motores diesel AEC do tipo A 220
— lote de sobresselentes diversos

Todas as informações complementares, bem como o caderno de concckso, podem ser obtidos na Divisão de Abastecimentos — Rua de Santa Apolónia, 65 — Lisboa — 2, ou pelos telefones 869760 a 68, extensões 228 e 229.

farmácias de serviço

LISBOA

Até às 22 horas

AEROPORTO — Av. Alm. Gago Coutinho, 101-D Tel. 722384.
ALBANO — Rua Escola Politécnica, 59 — Tel. 326750.
ALEGRIA — Estr. de Benfica, 180-A-B Tel. 780511.
ANUNCIADA — Rua do Vigário, 74. Tel. 806360.
ANTUNES ROSAS — Praça Cidade do Luso, lote 199. Tel. 313610.
CÂNDIDO MONTEIRO — Av. Almirante Reis, 121. Tel. 45651.
CARTAXO — Av. da Igreja 21-C Tel. 897958.
CASTRO FONSECA — Rua 4 de Infantaria, 28-A Tel. 688857.
DALTON — Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A. Tel. 843571.
FERNANDES — Rua de S. José. 187. Tel. 326476.
FIGURAS — Aven. Marquês de Tomar, 20-22. Tel. 44995.
FONTOURA CARVALHO Rua Santos-o-Velho. 12. Tel. 662075.
GRIJÓ — R. do Grilo. 25 Tel. 386264.
HIGIENE — Rua Heliodoro Salgado, 20-A. Tel. 844361.
IBÉRIA — Rua Barão Sabrosa, 235-A. Tel. 728277.
LISBOA — Rua Cláudio Nunes, 73-A. Tel. 703393.
LISBONENSE — Rua Leão de Oliveira, 2-B Tel. 637020.
MIRANDA — Campo Pequeno, 36-B C. Tel. 770776.
MOURA — Trav. da Memória, 55, Tel. 630944.
NOVA IORQUE — Av. E. Uda América, 140-P Tel. 760658.
PATULEIA H.os — Alameda Linhas de Torres, 262-B-B Tel. 790332.
PENINSULAR — Campo Mártires da Pátria, 117 Tel. 553308.
RUALTO, LDA. — Rua Alto do Carvalhão, 5-A-B. Tel. 651721.
S. JOÃO DE DEUS — R. Pedro Ivo, 1-A-B, Tel. 6517211.
TEIXEIRA LOPES — Rua Aurea 154, Tel. 324816.
UNIVERSAL — Rua Actor Taborda, 5-7. Tel. 44158.

Permanente

ALEGRIA — Est. de Benfica, 180-A-B Tel. 780511.
CARTAXO — Av. da Igreja, 21-C Telefone 897958.
CASTRO FONSECA — Rua 4 de Infantaria, 28-AA Tel. 6888857.
DALTON — Av. Mouzinho de Albuquerque, 7-A Tel. 843571.
FIGUEIRAS — Av. Marquês de Tomar, 20-22 Tel. 44995.
FERNANDES — Rua S. José, 187. Tel. 326476.
FONTOURA CARVALHO — R. Santos-o-Velho 12. Tel. 662075.
S. JOÃO DE DEUS — Rua Pedro Ivo, 1-A-B, Tel. 725140.
PATULEIA; H.os — Alam. Linhas de Torres, 262-B Tel. 790332

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS — **Miraflores**, R. António Granja, 2 (Tel. 2113161).
ALCABIDECHE — **Carvalho**, Até às 21 horas
PORTO SALVO — **Ferreira Bastos**, Até às 21 horas
CARCAVELOS — **Central**, Até às 24 e das 0 às 9 horas
S.DOMINGOS DE RANA — **Godinho da Silveira**, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085)
PAÇO DE ARCOS — **Pargana**, Av. eng.º Bonneville Franco (Tel. 2435147) Até às 24 e das 0 às 9 horas
OEIRAS — **Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485) Até às 22 horas
NOVA OEIRAS — **Leal**, Até às 21 horas
PAREDE — **Brandão**, Av. da República, 77-C (Tel. 2471054) Até às 24 e das 0 às 9 horas; **Junqueiro Mendes**, Até às 21 horas
S. JOÃO DO ESTORIL — **S. João**, Quinta da Carreira, 29-A (Tel. 261186) Até às 24 e das 0 às 9 horas
AMOREIRA — **Amoreira**, (Tel. 262313 — 267314) Até às 22 horas
CASCAIS — **Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141) Até às 21 horas; **Cascais**, R. Conde de Monte Real - B.º Caixas (Tel. 282407) Até às 24 e das 0 às 9 horas

LINHA DE SINTRA

AMADORA — **Cavaca**, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019) Permanente; **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485) Até às 22 horas; **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149) Até às 22 horas
DAMAIA — **Lemos**, R. de Goa, 21-A (Tel. 971121)
MERCÊS — Claro Russo
QUELUZ — **Serra e Pinto**, Av. D. António C. Sá, 50-E (Tel. 957619)
CACÉM — **Central**, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS — **Miranda Garcia**, Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103)
RIO DE MOURO — **Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Tel. 2960194)
SINTRA — **Misericórdia**, Vila (Tel. 2930391)
COLARES — **Abreja**, Tel. 299088

OUTRA BANDA

ALCOCHETE — **Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10.(Tel. 234137)
ALHOS VEDROS — **Guamão**, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)
ALMADA — **Castro Rodrigues**, R. Capitão Leitão, 21-A (Tel. 2750076)
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima**, Est. Nacional, 244-A (Tel. 2040141)
BARREIRO — **Central**, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2073207)
COVA DA PIEDADE — **Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121)
MOITA — **União Moitense**, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO — **Moderna**, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 2310156)
SESIMBRA — **Leão**, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)
SETÚBAL — **Cunha Pinheiro**, Permanente; **Lisboa**, R. dr. Paulo Borba, 70 (Tel. 22248) Até às 22 horas
SEIXAL — **Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)
COSTA DA CAPARICA — **Higiénica**, Av. da República, 23 (Tel. 2400020)

PORTO

(De dia e só até às 22 horas)

MARTINHO, SUCRS — Praça Marquês de Pombal, 122 — Tel. 480747; **POMBEIRO** — Campo dos Mártires da Pátria, 152 — Tel. 311295; **PRELADA** — Rua Central de Francos, 316 — Tel. 64312; **S. ROQUE DA LAMEIRA** — Rua S. Roque da Lameira, 111 — Tel. 51739; **SÁ DA BANDEIRA** — Rua de Sá da Bandeira, 236 — Tel. 22164; **FERREIRA DA SILVA** — Rua dos Mártires da Liberdade, 150 — Tel. 24023; **S. LÁZARO** — Avenida Rodrigues de Freitas, 297 — Tel. 27043; **MELO TAVEIRA** — Rua Alcaide Faria, 77.

COIMBRA

(Das 9 horas às 9 do dia seg.)

SILVA SOARES — Rua M. de Albuquerque, 26-28 — Tel. 71454; **SITÁLIA** — Largo da Sé Velha, 13-14 — Tel. 23234.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

BARRACA
R. Alexandre Herculano, 70 (13 anos)
«Barraca Conta Tiradentes»

ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Em Águas de Bacalhau»

TEATRO ABERTO
21.30 (13 anos)
«As Duas Viagens de Job Cardoso»

VARIEDADES
21.45 (13 anos)
«Isto é que me Dói»

TEATRO DE CAMPOLIDE
Soc. Guilherme Cossul
21.45 (13 anos)
«D. Quixote Libertado»

TRINDADE
Grupo de Campolide
21.30 (13 anos)
«1383»

MONUMENTAL
21.15 (13 anos)
«Aqui quem Manda sou Eu»

S. LUIS
21.30 (13 anos)
«Uma História de Lisboa»

LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
«Calcinhas Amarelas»

TEATRO DO BAIRRO ALTO
21.30 (13 anos)
«Casimiro e Carolina»

LISBOA/Cinemas

CAPITÓLIO
21.00 (18 anos)
«Relações Escaldantes»

RESTELO
21.30 (13 anos)
«A Pantera volta a Atacar»

VOX
21.15 (13 anos)
«3 Horas Decisivas»

SATÉLITE
21.30 (18 anos)
«Os Dias Impuros de um Marinheiro»

OLÍMPIA
(18 anos)
«Os Super-Homens contra as

EUROPA
21.15 (13 anos)
«O Rebelde do Kansas»

CALEIDOSCOPIO
21.30 (10 anos)
«O Leão da Estrela»

CINE AUDITÓRIO
21.15 (10 anos)
«Eu julgava-o morto Big Jack»

MONUMENTAL
21.30 (10 anos)
«Patton»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«As Duas Faces do Medo»

CINEARTE
21.15 (13 anos)
«O Sexto Continente»

PALÁCIO FOZ
21.15 (12 anos)
«O Gato Miou Três Vezes»

LUMIAR
21.30 (18 anos)
«Lisztomania»

CINEBOLSO
21.15 (18 anos)
«Na Ponta do Sexo»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Casamento Moderno»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.15 (18 anos)
«O Implacável»

ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
«Los Amigos»

ESTORIL
Casino
17 e 21.15 (18 anos)
«O Homem da Maratona»

CASCAIS
S. José
21.15 (18 anos)
«1900» (1.ª Parte).

CASCAIS
Oxford
(18 anos)
«Os Bons e os Maus»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
«A Pantera Volta a Atacar»

AMADORA
Cinestúdio
21.30 (13 anos)
«Homens e Tubarões»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«O Granhão»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«História d'Ó»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Frescas e Boas»

ANTÓNIO PEDRO
21.30 (13 anos)
«Schmurz»

PORTO/Cinemas

AGUIA DE OURO
21.15 (18 anos)
«Punho Violento»

ESTÚDIO
21.15 (13 anos)
«Lição de Amor»

JÚLIO DINIS
21.15 (18 anos)
«O Viking Siciliano»

TRINDADE
21.15 (13 anos)
«Escândalo na TV»

S. JOÃO
21.00 (13 anos)
«Doze Indomáveis Patifes»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Emanuelle e Françoise»

ESTÚDIO FOCO
21.30 (13 anos)
«Charlot»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«O Homem da Maratona»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«Juramento de Amor»

OLÍMPIA
21.15 (13 anos)
«OS Super-Homens contra as Amazonas»

BATALHA
21.15 (13 anos)
«O Sexto Continente»

ESTÚDIO 400
21.30 (18 anos)
«A Primeira Noite»

VALE FORMOSO
21.15 (18 anos)
«Sex-Porno»

COLISEU
21.15 (13 anos)
«Zameer»

COIMBRA

S. TEOTÓNIO
21.15 (10 anos)
«Um Buraco no Coreto»

AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Duelo no Missouri»

TIVOLI
21.15 (13 anos)
«Os Homens do Presidente»

cinemas

ALVALADE

T. 897480 — 15.30, 18.30 e 21.30

Não acons. a menores 13 anos

O CABO DOS TRABALHOS

um filme de Peter Sykes c/ Wilpid Brambell, Harry H. Colbert, Diana Dors

APOLO 70

Tel. 763319 — 14.15, 17.45 e 21.15

Não acons. men. 13 anos

BARRY LYNDON
19.ª Semana

Um filme de Stanley Kubrick
Não acons. a men. de 13 anos

Hoje às 00.30 h; (Grupo D/18 anos)

A VIRGEM E O SORTILÉGIO

AVIS

Tel. 47163 — 15, 18.15 e 21.30

Não acons. a menores de 13 anos
Mentir. Pecar. Amar. Viver.
SOFRIMENTO DE AMOR
o filme começa a projectar-se logo após o início da sessão

BERNA

Tel. 776098 14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Dustin Hoffman, Laurence Olivier, Roy Scheider

O HOMEM DA MARATONA
13.ª Semana
um filme de John Schlesinger

Não acons. a men. de 18 anos

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093

Sessões às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

Festival de Cinema Português

O LEÃO DA ESTRELA

Com António Silva, Milu e Laura Alves

Grupo B (10 anos)

CASTIL

Tel. 530194 — 15.00, 17.00, 19.00, 21.30

Anne Libert, Philippe Gaste
BANANAS MECÂNICAS
um filme de Jean-François Davy

Hoje antestreia às 24.00

Não acons. a menores de 18 anos

RAPARIGAS PRECOCES
C/Walter Boos, Lore Blasweiler
Real. Ernst Hofbauer

CONDES

Tel. 322523 — 14, 16.30, 19, e 21.30

Não acons. a men. 13 anos

POR FAVOR NÃO ME MORDA O PESCOÇO

Quem disse que os vampiros não são motivo de riso... amarelo?

EDEN

Tel. 320768

14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Int. a men. de 18 anos

PERDI AS CALÇAS EM HIDELBERG

Josef Moosholzer, Judith Fritsch, Monique Rodie

um filme de Hubert Frank

ESTÚDIO

Tel. 535134

15.00, 17.00, 19.00, 21.30
John Wayne e
MCQ — UM DETECTIVE ACIMA DA LEI
Interdito a menores de 18 anos

ESTÚDIO 444

Tel. 779095 — 15, 17, 19, 21.30

Interdito a menores de 18 anos

INFIDELIDADES
2.ª Semana

IMPÉRIO

Tel. 555134/5 — 15.00, 18.15, 21.30

Para todos

XIV Ciclo Cinematográfico da Casa da Imprensa
Mestres do cinema contemporâneo
MÚSICA NO CORAÇÃO
C/Julie Andrews e Christopher Plummer
O grande êxito de sempre!
O filme dos 50 óscares!

LONDRES

Tel. 801313 — 14.15, 16.30, 19 e 21.15

Para todos

A ÚLTIMA LOUCURA DE MEL BROOKS

c/ Liza Minneli

A melhor comédia dos últimos 50 anos

MUNDIAL

Tel. 538743 — 15.15, 18.30, 21.30

Int. a men. 18 anos
Um sensacional filme de sádio humor erótico:
O DEVASSO RENITENTE
Graeme Blundell e George Whaley

D. JOÃO V — DAMAIA

Tel. 971794 — ÁS 21.15 h

Grupo A (6 anos)

OS 2 MISSIONÁRIOS

NIMAS

Tel. 574362 — Estreia ás 21.30

SEMENTES DE VIOLÊNCIA

c/ Glen Ford, Anne Francis, Vic Morrow

Não acons. men. 13 anos

ODEON

Tel. 326283 — 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. a men. 18 anos

TEMPO DE MASSACRE

Colorido

PATHÉ

Tel. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

O PRÍNCIPE LIBERTINO

Real. Eric Lipmann
Este filme cont. cenas event. chocantes

POLITEAMA

Tel. 326305 — 14.15, 16.30, 19 e 21.30

Não acons. a menores de 18 anos
«DEUS NO CÉU... ARIZONA NA TERRA»
c/ Peter Lee Lawrence e Maria Pia Conte

RESTELO

Tel. 610375 — Ás 21.15

Não acons. a men. 13 anos
Em 4.ª semana
O ULTIMO AMANHECER

ROMA

Tel. 887778 — 15.15, 18.15, 21.30

Não acons. a men. 13 anos
UM ITALIANO EM ANGOLA

Uma comédia com Alberto Sordi Nino Manfredi

ROXY

Tel. 48560 — 14.15, 17.45 e 21.30

Da Índia uma bela história de amor e aventura!

PASSADO INESQUECÍVEL

Um filme de Nasir Hosain

15.ª Semana

Não acons. men. 13 anos

S. JORGE

Tel. 579294 — 15.30, 18.30, 21.30

Um festival Charles Bronson!
3 HORAS DECISIVAS
A acção! A alegria! A aventura!
Não acons. a men. 13 anos

TIVOLI

Tel. 570595 — 15.15, 18.30 e 21.30

Não acons. a men. de 18 anos

NUNCA É TARDE PARA AMAR

Colorido
um filme de Faryl Duke

3.ª Semana

UNIVERSAL

Tel. 774402 — 15, 19 e 23h.

EMBUSCADA NA SOMBRA

17.00, 21.00
(não acons. a men. 18 anos)
RIO LOBO

STADIUM — ALGÉS

Tel. 2112544 — Ás 21 e 23.30 h

INQUÉRITO A UM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

Guarda de crianças durante as sessões

rádio

1.º Programa

16.00: Noticiário — «Musiviária»; **17.00**: Canções da Europa; **17.30**: Orquestras; **18.00**: «Música portuguesa»; **19.00**: «A Agricultura que nós temos»; **19.45**: Música instrumental; **20.00**: «Jornal da Noite»; **20.30**: Conjuntos instrumentais; **21.00**: 23.º episódio do folhetim «Os Mistérios do Castelo de Udolfo», de Ann Radcliffe, numa adaptação de Ema Paul; **21.20**: «Contraponto»; **23.30**: Desporto no mundo;; **24.00**: «Último jornal»; **00.00**: «Último Jornal»; **00.30**: Música variada; **01.00**: «Música na Noite»

2.º Programa

16.00: Intercâmbio Musical: parte de um recital de flauta e cravo, respec- 1033 de Bach — Partira em si bemol tiane Jaccottet — gravações cedidas pela Radiodifusão Húngara: — Sonata em dó maior p/flauta e cravo, BWV «)°°; DE Bach — Partita em si bemol maior, p/craco, BWV 825 e — Sonata em si menor p/flauta e cravo, BWV 1034; **16.35**: Poemas sinfónicos: — «O Cisne de Tuonela», de Sibelius. — «A Bruxa do Meio-Dia». Op. 108, de Dvorak; **17.00**: «Gurre-Lieder», de Schoenberg; **18.45**: Música de câmara: — Sonata para violino e piano, Op. 18, de Strauss, — Adagio e Rondó Concertante em fá maior, D. 487, de Schubert; **19.30**: «As Palavras dos Músicos», pelo dr. João de Freitas Branco; **20.00** Solos de piano: — Sonata n.º 2 em lá maior, Op. 2 N.º 2, de Beethoven. — Improviso em mi bemol menor, D. 946 n.º 1, de Schubert. — Toccata op. 11, de Prokofieff; **20.52**: Música sinfónica: — «Uma Sinfonia do Mar», de Vaughan Williams; **22.00**: Hoje respondemos por música, por António Vitorino d'Almeida; **23.00**: Concerto pela Orquestra de Câmara de França sob a direcção de Bruno Amaducci, c/a colaboração do pianista André Goraieb — gravações cedidas pela Rádio França (intercâmbio musical). 1.ª parte: — Concerto grosso n.º 3 em dó menor, de Corelli; — — Sonata p/cordas n.º 3 em dó maior; de Rossini; — Danças antigas p/cordas, de Respighi. INTERVALO — «Na Bruma» de Leos Janaček. 2.ª parte: — Partita para orquestras de cordas, de Martinu. — «Os Quatro Temperamentos», tema e variações p/piano e orquestra de cordas, de Hindemith; **00.40**: Música de órgão de António de Cabezón, por Monserrat Torrent (órgão); **01.00**: Fecho

3.º Programa-Local (187,5 m)

16.00: «Variante»; **18.00**: Emissão Local (Emissor de Lisboa) «Compasso»; **18.15**: Sal e Pimenta (repetição); **19.45**: Romance duma cidade; **20.10**: Aconteceu; **20.30**: Serviço de agenda; **20.45**: A Voz de Esperança; **21.00**: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; **18.00**: Apelos; **18.15**: Igreja em Notícia — Palavra do Dia; **18.30**: Transmissão do Terço do Externato do Parque; **19.00**: Programa da Liga dos Amigos de RR; **20.00**: Objectivo; **20.53**: Apelos; **21.05**: Programa da Liga dos Amigos de RR; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Temas Vivos; **23.05**: Última Hora; **23.30**: Actualidade Económica; **23.55**: Meditando; **01.00**: Rotação; **02.00**: Encerramento da Estação.

DL
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TECNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 371154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 17363
LISBOA PORTUGAL

Ora veja as diferenças

A imagem de um governo tem de ser bem definida, sem ambiguidades. Clara, sem pontos negros. Transparente, sem alçapões.

A um governo que resulta de um jogo democrático e por isso constitucional não basta afirmar-se democrático. É indispensável que o seja na prática quotidiana. É imperativo que sirva o bem público, esteja ao serviço das pessoas, as respeite e tome em conta as suas opiniões.

Um governo que se diz democrático não pode afirmar que quantos mais discordarem dele mais forte se sente. Um governo que se orgulha de ser constitucional não deve recordar a todo o momento que é democrático para justificar procedimentos repressivos ou de desinteresse pelas opiniões dos sectores efectados ou susceptíveis de serem afectados por decisões autoritárias.

As diferenças entre um governo democrático e um governo antidemocrático devem ser nítidas, claras, transparentes. De modo a que sejam apreciadas por todos, detectadas por todos, distinguidas por todos. Essas diferenças não podem ser uma charada, como aqueles desenhos aparentemente iguais cujas diferenças só se notam de lupa... e nem sempre.

É por isso que os trabalhadores, tal como no jogo dos quatro cantinhos, podem perguntar ao governo: Onde estavas tu que não me viste?

O governo que se diz democrático tem de arranjar uma reposta. E a resposta exacta será:

«Estava em casa do sr. abade!»

Manuel de Azevedo

Eanes no Funchal

Continuação da pág. 1

ganizadores do MADEIREM 77 a quem apelidaram de «traidores».

Para se verificar o pouco interesse demonstrado pelos emigrantes em relação ao Congresso, foi-nos possível contactar através de estimativas a que tivémos acesso, que dos cerca de 5 a 7 mil emigrantes vindos da Venezuela, África do Sul e Grasil, apenas umas centans aderiram à rua realização.

Referindo-se concrètamente aos que teimam em fazer do separatismo uma arma de capitulação perante interesses imperialistas mal disfarçados de falso patriotismo, o Presidente da República considerou oportuno dizer que «a comunidade nacional uma vez entendida integralmente a noção de solidariedade e o nosso conceito de País terá o direito de responsabilizar por grave prejuízo colectivo todos aqueles que utilizarem abusivamente ou não souberem aproveitar a abertura permitida pela autonomia regional.»

Durante a viagem para o Funchal, realizada num DC-6 da Força Aérea, o general Ramalho Eanes manteve demorada conversa, individualmente, com todos os jornalistas que integram a comitiva,

PROGRAMA DE HOJE

No prosseguimento da sua viagem ao arquipélago, o presidente Ramalho Eanes, que regressará ao fim da tarde a Lisboa, iniciou o seu dia de trabalho com uma reunião em que participaram o Ministro da República da Madeira, coronel Lino Miguel, e o Governo Regional. Mais tarde, no porto do Funchal, o general Ramalho Eanes e a sua comitiva observaram as obrass em curso, primeira fase do esquema de melhoramentos que compreende a construção de novo cais e o aproveitamento da zona marginal não utilizada pela navegação. Foram também visitados pelo Presidente da República o local onde vão ser construídos silos para recolha de cereais e o empreendimento hospitalar do concelho da Ribeira Brava, na realização do qual participam emigrantes. Trata-se, aliás, do concelho madeirense onde se tem verificado maior índice de emigração.

À hora do fecho desta edição o general Ramalho Eanes seguiu para Porto Santo, onde se irá inteirar do andamento de várias obras de importante significado para o futuro desta ilha.

RFA ameaça fechar portas à emigração portuguesa

..Uma das consequências do alargamento do Mercado Comum a Portugal poderá vir a ser o encerramento das fronteiras dos países membros da CEE à emigração portuguesa.

Com efeito, a República Federal Alemã, através da sua delegação presente em Londres, na cimeira da CEE que terminou ontem, afirmou que a RFA poderá vir a solicitar a imposição de restrições às deslocações dos trabalhadores pertencentes a futuros membros da CEE, caso a Comunidade Económica Europeia venha de facto a ser alargada, o que é cada vez mais problemático.

A delegação alemã salientou que a chegada maciça de trabalhadores portugueses, espanhóis e gregos ao mercado de trabalho alemão poderia vir a provocar problemas ao país, que conta já com quatro milhões de trabalhadores estrangeiros.

"Convergência Democrática" em causa?

Dirigentes do PSD/PPD dizem que é "atoarda"

. Em vésperas da reunião do Conselho Nacional do PPD/PSD em Viana do Castelo, avolumam-se os rumores sobre o acentuar de divergências internas, centradas em torno da posição daquele partido na chamada «convergência democrática».

Enquanto os principais dirigentes «sociais-democratas» (Sá Carneiro e Barbosa de Melo, especialmente) classificavam as notícias de «atoardas» e «especulações sem fundamento», António Rebelo de Sousa — figura posta em destaque nas posições anti-«convergência» — era condenado, por unanimidade, pelo seu grupo parlamentar (cuja Comissão Permanente abandonou) e Francisco Pinto Balsemão (outro dos anunciados «desconvergentes») vaticinava a «morte da convergência no dia 23 de Julho», em declarações a um jornal afecto ao PS.

Para Barbosa de Melo, tratar-se-ia de «nova campanha» para dividir o seu partido e de uma «transferência» da crise governamental para o plano da «oposição», voltando a acentuar que a «ausência» dos socialistas na dita «convergência» se deve à sua própria recusa, em oposição à «abertura» manifestada pelo PSD/PPD e CDS.

Da parte do partido de Freitas do Amaral, a reacção foi de «surpresa». «Fomos surpreendidos pelas notícias, das quais não sabemos qual o fundamento», disse Basílio Horta mantendo que, para o CDS, «o acordo com o PSD/PPD se resume aquilo que está escrito».

No entanto, o que está escrito é «ambíguo» e, como tal, sujeito a diferentes interpretações. A interpretação mais generalizada corresponde à fornecida pelo PS logo após o primeiro «encontro do Tivoli», ainda em Maio: uma tentativa dos dois partidos para entrarem no «comboio do Governo». Entre os três encontros «convergentes», algumas alterações se produziram, entretanto: houve, encontros com o Presidente da República, houve a reafirmação do «não» de Mário Soares. E é assim que, hoje, para o PSD/PPD não existe qualquer coligação partidária, mas apenas um acordo para consultas parlamentares entre os dois partidos. Porém, «uma coisa é consultar e outra muito diferente votar» (palavras de Francisco Pinto Balsemão) e o facto é que, desde o aparecimento da «convergência», as votações da direita parlamentar têm sido coincidentes, numa clara ameaça ao Governo colocado em «suspense» quando se aproximam debates parlamentares que o partido governamental não terá possibilidades de fazer passar sem o voto das bancadas «sociais-democratas» e «centristas» (caso da Reforma Agrária, por exemplo).

Da polémica levantada nas últimas 48 horas, ficou confirmada a existência de uma «facção» no Partido de Sá Carneiro «preocupada» — mais do que declaradamente em «oposição» — com a «convergência». Apresenta-se, não como «grupo», mas como um conjunto de vozes discordantes. Resultados ou consequências? Para já, há que aguardar a reunião cupolista de amanhã, em Viana do Castelo.

Mensagem de Neto

Continuação da pág. 1

o desejo de boas relações contido no telegrama do presidente Neto. Salientando a importância das relações com os novos países africanos de expressão portuguesa, afirmou, no Funchal, o general Eanes:

. «É condição necessária punir todos os portugueses que nesses países ou em Portugal se esquecem de que há interesses nacionais a defender e perante os quais devem desaparecer as ambições de grupo ou os preconceitos individuais. As tentativas de interferência na condução política desses países são manifestações de ingerência que o Estado Português não pode admitir».

Sublinhe-se nesta citação o facto de o Presidente aludir, também, à actividade de cidadãos portugueses, em Portugal o que pode ser entendido como aviso aos fautores das campanhas reaccionárias que se tornaram moeda corrente em certas publicações, algumas até em jornais estatizados. Ainda recentemente o «Jornal de Angola» acusou, concretamente, o «Diário de Notícias» de ser um apóstolo dessas campanhas...

Convém também não esquecer que o Governo de Cabo Verde acusou no início do mês uma organização existente em Lisboa de estar por detrás da conspiração desarmada na cidade do Mindelo, ilha de S. Vicente. É mesmo intenção da representação diplomática apresentar um protesto no MNE, com base na documentação apreendida em Cabo Verde e contra a referida organização.

O enviado pessoal do general Ramalho Eanes a Angola, major Fonseca de Almeida, já regressou depois de ter entregue a mensagem do Presidente português ao presidente Agostinho Neto. Os contactos são tidos como muito animadores e segundo noticia o semanário «O Jornal», o presidente Neto que estava doente e de cama fez questão em se levantar para conceder a audiência ao major Fonseca de Almeida, no Palácio do Povo.

Fraternidade Operária

Continuação da pág. 1

Operária que põem em risco a democracia e a lisberdade em Portugal».

A secção de Santo António dos Olivais, em Coimbra, daquele partido afirma-se «seriamente ofendida» com a Fraternidade Operária e diz «basta» aos que tentam «destruir a força que é o PS, o maior partido dos trabalhadores portugueses». A sessão de Montemor-o-Novo insiste na defesa da Lei-Barreto, considerando que com ela virá «a segunda libertação dos trabalhadores».

Todas estas iniciativas, inspirada — tudo o indica — pelo deputado Jaime Gama (que, aliás, em declarações anteontem à Radiodifusão Portuguesa dava a entender a possibilidade de uma campanha deste tipo) poderão visar a preparação do terreno para medidas «disciplinares» contra Lopes Cardoso e outros responsáveis da Fraternidade Operária.

COMICIO NA BRANDOA

Uma iniciativa que pode ter que ver com esta campanha, é o comício do PS, que esta noite — 21.30 — terá lugar no pavilhão polivalente da Brandoa, com a presença de Mário Soares e dos ministros António Barreto e Eduardo Pereira. De

[illegible]

jornais, o gabinete da imprensa do PS chama «a atenção dos senhores chefes de Redacção para o facto de que neste comício irão ser proferidas importantes declarações políticas».

Admite-se que para além de ataques (ou medidas) contra Lopes Cardoso, o comício servirá para apoio público aos contestados ministros da Agricultura e Habitação. Este último, agora envolvido no escândalo de negociata com J. Pimenta, ainda não fez qualquer declaração pública que contrarie o essencial da acusação feita.

A este propósito é de recordar que nas «democracias ocidentais» um caso deste tipo levaria à instauração imediata de um inquérito e à suspensão ou demissão dos responsáveis envolvidos em tal escândalo. Recorde-se o ocorrido com Willy Brandt, Tanaka, com o primeiro-ministro de Israel (Rabin) e o famigerado caso Watergate.

Entretanto, recebemos, esta manhã, um telegrama assinado por conhecidos militantes do PS de Beja (Fialho, Santos, Leandro, Alves e Xabregas) que repudiam o comunicado da respectiva Federação distrital «não lhe reconhecendo qualquer tipo de representatividade». Referindo que Lopes Cardoso «foi eleito pelos socialistas deste distrito», repudiam ainda a «actuação cupulista de escassa minoria», não admitindo «tratamentos monolíticos estalinistas».

Amordaçaram empregada

A empregada doméstica de uma das residências da Rua do Lobito, na Parede, foi ontem surpreendida por três indivíduos, um dos quais armado, que lhe bateram à porta na ausência dos patrões. O intruso armado sacou da pistola deixando a mulher apavorada. Depois, calmamente, manietaram a empregada, transportando-a para a casa de banho, onde a deixaram fechada.

A parte complementar da «visita» foi levada a cabo de seguida.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM MAIO: 46 450

(Hoje 20 páginas)

tome nota

OS CRITÉRIOS DA SEC

O semanário «O Jornal» divulgou a informação de que os escritores Carlos de Oliveira e José Cardoso Pires tinham sido excluídos pela SEC da lista de autores para o concurso «A Visita da Cornélia». Responde a Secretaria de Estado da Cultura, que decidiu limitar os autores a considerar aos nascidos depois de 1799 e antes de 1919! Tratava-se de seleccionar 27 autores e não 270, explica. Era necessário não privilegiar nem «o demasiado longínquo nem o demasiado próximo», argumenta. Donde se conclui: Domingos Monteiro cabe numa lista de 27 autores; Carlos de Oliveira e José Cardoso Pires, se couberem, é numa lista de 270...

Estará o 25 de Abril «demasiado próximo» ou «demasiado longínquo» para a SEC?

IMPOSTO DE TURISMO

O restaurante Taverna do Embuçado, há muito tempo gerido pelos trabalhadores, teve agora uma «agradável» surpresa: pagar perto de vinte e seis contos de imposto de turismo dos três primeiros meses de 1976.

Qual turismo? Isso era no tempo em que o restaurante era do sr. João Ferreira da Rosa, quando ali se faziam as grandes e caras patuscadas. Hoje, no «embuçado» come-se uma refeição por 70$00.

De sublinhar ainda que os trabalhadores têm estado a pagar dívidas do sr. João Ferreira da Rosa e, no outro dia, foram-lhes penhoradas... as panelas. Os trabalhadores estão dispostos a resgattá-las. Não têm dívidas (a não ser as do ex-patrão).